

GUSTAVO CORÇÃO

LIÇÕES DE ABISMO



VIDE EDITORIAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

GUSTAVO CORÇÃO

LIÇÕES DE ABISMO



VIDE EDITORIAL

LICÇÕES DE ABISMO

GUSTAVO CORÇÃO

LIÇÕES DE ABISMO

Romance

Posfácio de Roberto Mallet



Lições de abismo

Gustavo Corção

16ª edição — julho de 2018 — CEDET

Copyright © 2018 Herdeiros de Gustavo Corção

1ª edição: Lições de abismo. Agir, 1950.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 — Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:

Thomaz Perroni

Capa & Diagramação:

Gabriela Haeitmann

Preparação do texto:

Gabriel Buonpater

Ilustração da capa:

Oswaldo Goeldi

Posfácio:

Roberto Mallet

Conselho Editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Corção, Gustavo.

Lições de abismo / Gustavo Corção — Campinas, SP: VIDE Editorial, 2018.

ISBN: 978-85-9507-034-9

1. Literatura brasileira — Romance.

I. Autor II. Título.

CDD — B869.93

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira — Romance — B869.93

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Não encontrarás repouso verdadeiro,
a não ser no sangue...

Santa Catarina de Sena

A Maria do Carmo e a José Carvalho,
em sinal de amizade e gratidão.

Sumário

PRIMEIRA PARTE: KUNDRY

- I. A visita anunciada
- II. No consultório do Dr. Aquiles
- III. Ivan Ilitch, vendo que ia morrer, desesperava-se
- IV. Mortes antigas
- V. Entre Goethe e Voltaire
- VI. Estarei descobrindo a imortalidade?
- VII. Quanto mais demonstrarem, menos creio
- VIII. O Pedreira está acabando o livro
- IX. Life is but a walking shadow
- X. Catarina, onde você botou minha infância?
- XI. O encontro no Campo de Santana
- XII. Luciana existe
- XIII. Num Adriático de sonho

SEGUNDA PARTE: OS RUBIS DE BURMA

- I. As minhas rosas
- II. As rosas do general
- III. O mundo atomizado
- IV. Cômicos equívocos
- V. Ciúmes mortos
- VI. A moça do café em pé, de marré deci
- VII. Merry Christmas!
- VIII. Os meus Júlio Verne
- IX. No sangue
- X. Os brincos de Gertrud

TERCEIRA PARTE: VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

- I. As lições do Professor Lindenbrock
- II. Dentro das coisas
- III. O relógio quebrado
- IV. O duelo com Sirius
- V. O Universo à double-face
- VI. O carnaval de Jandira
- VII. Um padre passou
- VIII. A visita do doutor

IX. Bodas de Sangre

X. Os abismos da subjetividade

XI. O homem que se despede

XII. Rosa, rosae

XIII. O fim do mundo

POSFÁCIO DE ROBERTO MALLET

NOTAS DE RODAPÉ

PRIMEIRA PARTE: KUNDRY

I

11 de novembro.

Passado o choque do primeiro instante, começo a sentir nesta espera uma estranha exultação. Pela primeira vez na minha vida colho a impressão de estar conseguindo alguma coerência comigo mesmo, alguma ordem. A proporção entre o resultado de agora e o longo preparativo — longo, confuso, desarrumado — parecerá absurda. Mas não é sempre assim? Quem poderá inventariar a disparatada soma de tentativas, de extravios, de dias inúteis, de sofrimentos perdidos, que precederam a composição de uma sonata? E, no entanto, em meia hora, ela chega diante de nós, diz tudo, e agoniza mais depressa do que as rosas.

Contam que Rilke, depois dos primeiros versos que o vento lhe ditou nas altas penedias de Duíno, viveu doze anos com aquele germe, em viagens, em mudanças, em desperdícios, em guerras, até o momento de realizar, em quatro dias, como quem morre, as suas elegias perfeitas. Não será sempre assim? Não será a própria vida uma longa e desarrumada atividade dos bastidores para uma fugaz apoteose? Estou sozinho. Dois ou três meses passam depressa; e nesta quadra do ano, se minha ausência for notada, hão de supor que fui às águas. Eunice, creio que está em São Paulo, Raul já não me escreve há muito tempo, e pelo que dizia a última carta não tem projetos de sair de Belo Horizonte. Receberá a notícia.

Mas não quero deter-me no que pensarão e sentirão minha ex-esposa e meu ex-filho. Agora estou sozinho. A casa, evidentemente, é grande demais; mas isto me permitirá um isolamento mais perfeito. Fico no quarto de Raul. Trouxe uma poltrona, algumas estantes de livros, a mesa de trabalho, e a pequena jarra de opalina em que três ou quatro rosas sempre me farão companhia.

A empregada que D. Alice me arranjou traz-me o café e as refeições. É discreta e alheia. Não sabe nada, creio eu, de nossa vida. Nem eu sei nada da sua. Assim é melhor; e como dois meses passam depressa, não haverá tempo de nos conhecermos, e de nos desavirmos. De manhã

saierei um pouco, para que ela arrume o quarto, e logo voltarei. Não fixei ainda se compro ou não compro os jornais. Parece-me que não. Devo afastar de mim, o mais possível, o acessório, o tumultuoso, pois o plano que vou amadurecendo, à medida que passam as horas, é o de cativar o ritmo que até hoje me fugiu. Este é o ponto de suprema importância: a harmonia, a composição exata, o contraponto das horas, que agora se tornou possível.

Arrumei os livros escolhidos, ajeitei as rosas na jarra, e pus em ordem o armário de roupas, sentindo nisso o prazer do solteirão que se instala e um pouco do viajante que inventaria o seu beliche. E agora, correndo os olhos em volta, a verificar ainda se alguma coisa destoa, sentei-me na poltrona, para esperar com decência, com ordem, a visitante anunciada pelo Dr. Aquiles.

Era assim que eu esperava Eunice, na casa da Rua Ipiranga, a única que pude encontrar para a urgência de nosso amor. Naquele tempo não existiam senão uns poucos apartamentos. A casa era também grande demais, e nós tínhamos abandonado três quartos e duas salas, supérfluos para os nossos encontros de aventura. O amor e a morte não precisam de muito espaço. A casa é demais. A casa é necessária quando a vida se multiplica em ramificações anárquicas, quando há crianças que não param quietas, criadas que manobram aspiradores, telefones que tocam, visitas que chegam de repente. Mas o amor e a morte nisto se assemelham: não precisam de toda essa parasitária cópia de detalhes, utensílios e comportamentos, que fazem de uma casa um efervescente e ruidoso microcosmo.

Era pois na casa assim simplificada, na quietação e no silêncio assim organizados, que eu esperava Eunice, há vinte e seis anos, nas semanas de aventura que precederam nosso casamento no Uruguai.

Ela chegava sempre atrasada. Acontecia sempre alguma coisa que vinha inesperadamente contrariar suas previsões, que seriam perfeitas se não existisse o acaso. Hoje era um bonde que se chocara com um caminhão, amanhã uma tia que achava de adoecer... Eunice entrava ofegante, cheia de explicações e de acontecimentos; e enquanto ela tirava as luvas e o chapéu — que nesse tempo era de rigor — eu seguia seus movimentos diante do espelho. Que me importavam agora as causas? Que me importava agora a impaciência febril e rancorosa que hora e meia me estivera aguilhoando? Ela estava ali...

— Espera, querido, deixa tirar o bâton... Ela estava ali. Chegara atrasada, sim, porque parece que faz parte da natureza dela, de seus íntimos refolhos, de seu mistério feminino, fazer-se esperada.

Desde menino eu assistia a essa luta surda entre o homem que espera e a mulher que se atrasa. Meu pai e minha mãe saíam todas as noites, e todas as noites eu presenciava a mesma cena: meu pai andando na sala, de um lado para outro, dando estalos com os dedos:

— Filha, vamos chegar atrasados!

— Só um instante, pelo amor de Deus! Você me enerva! E o salto alto da mamãe batia um tambor precipitado lá em cima. Do quarto de dormir para o de vestir, do de vestir para o banheiro, do banheiro de novo para o de dormir. Toc! Toc! Toc! E meu pai, de um lado para o outro, dando estalos nos dedos.

Saíam sempre disputando. Meu pai era sarcástico. Costumava dizer que as mulheres transformam tudo em bailado, e conseguem achar necessidade de executar dez mil gestos graciosos para vestir cinco peças de roupa. Minha mãe, aliás, já não dava atenção a esses sarcasmos; quem os ouvia era eu. E era eu também que depois ficava, noite adentro, esperando a volta deles, apurando os ouvidos, acompanhando os ruídos da rua, as pancadas do relógio grande da sala, e com os olhos pregados na fresta de luz debaixo da porta. Quando eles chegavam, eu fingia dormir. Mas nem sempre agüentava o disfarce. Mais de uma vez foi tão intensa minha agonia que não a pude esconder. Mamãe encontrava-me então lavado em lágrimas, e cansado de soluçar.

— Tolinho! você está ficando um homem... E depois eu ouvia a conversa deles, abafada:

— Esse menino anda nervoso.

— É da idade...

— Quem sabe se não devíamos consultar o Dr. Beltrão? Um dia Eunice não voltou. Raul tinha doze anos. E eu esperei. Esperei dez anos, de modo absurdo, improvável, irracional, como quem sonha um sorteio de loteria sem ao menos ter o bilhete; como quem espera um milagre.

Disse eu, há pouco, que está nela, na mulher, em algo de seu segredo profundo, a necessidade de fazer-se esperada. Por outro lado, porém, sou forçado a reconhecer que o problema se complica e se arma em paradoxo. Se é verdade que a mulher é versátil, é também evidente — e basta observar a mãe de família cheia de filhos ou a freira enclausurada — que a mulher é um gigante de estabilidade. Em regra geral é ela quem espera. Na maioria das situações é ela quem permanece numa espera brutal, que passa as nossas medidas, que escapa à nossa imaginação.

É ela quem espera; mas nos lances de amor, quando enfrenta o desejado adversário, sabendo embora que o seu papel é esperar, e que é passivo o seu modo profundo de ser, ela às vezes se acha forçada a tomar uma certa iniciativa que espicace o outro. Move-se então, para ser vista. Dança. Vejam por exemplo a “boa Conceição” de Machado de Assis, na Missa do Galo. Ora de pé, ora sentada; agora próxima e solícita, e logo depois distante e desdenhosa; alegre de repente e de repente tristonha — dir-se-ia que dança realmente (meu pai tinha razão), ou que gira em torno de um eixo. Diante do espelho, quando examina como lhe cai um vestido, a mulher executa o seu gesto essencial, de giroscópio, que consegue aliar à mobilidade uma portentosa fixidez. Falem de sua passividade, mas acrescentem ativa, ativíssima passividade, como a das coisas que rodam e que atraem.

Ela dança diante do homem. E nas fases do bailado vai desdobrando a sucessão das idades. Agora é menina que busca brinquedo e proteção; logo depois é mãe que ampara e aconselha. E assim oscilando, entre os mimos de filha e os zelos de mãe, vai enlanguescendo as defesas do homem desarmado em menino, até o momento de se propor frontalmente como mulher.

Parsifal, o moço perdido, que não sabe quem é, deixa-se enlear pelas mulheres-flores:

— Quem brincará conosco agora? perguntam elas, cercando-o, envolvendo-o. Parsifal faz um gesto de fugir.

— Parsifal, fica! agora é Kundry que ordena.

— Parsifal?! Um dia, em sonho, sua mãe chamou-o assim... Mudou-se a cena, transfigurou-se a música: os gorjeios infantis das moças-flores calam-se diante do grave contralto, da voz antiga, da voz materna que vem dos abismos esquecidos lembrar ao homem quem ele é, que nome tem, e qual é a razão profunda de seu nome e de seu ser. Agora é a estável, a permanente, a antiga que fala; e Parsifal se lembra de um sonho em que ouvira sua mãe, dentro dele, chamando-o por seu nome.

— Quem és tu? És tu flor, tu também? Não; Kundry não é flor. É mulher. É o eterno feminino. É a juventude que tem seis mil anos. Ela viu Parsifal no seio materno, ouviu seu primeiro choro de criança, conheceu a dor de sua mãe. A dor de coração de Herzeleide.

Não ouvia ele o seu grito doloroso quando o menino se perdia longe, muito longe, dentro da noite? Ah! e o riso, o grande riso de amor quando enfim o achava, a venturosa! Não lhe faziam medo os seus beijos? Mas

um dia Parsifal não voltou. Ela esperou dias e noites, até que tudo se extinguisse, que o queixume se calasse, que o sofrimento a corroesse: até o desejo da morte silenciosa. E então a dor partiu-lhe o coração... “Leid das Herz”. E Herzeleide morreu. “Und — Herzeleide — Starb”.

Ali está Kundry. Vejam! Afugentadas as flores, morta a mãe, deixados no chão os brinquedos da meninice e os agasalhos do voraz amor materno, ali está Kundry, mulher, frontalmente mulher, que veio de longe, para quê? “para se colocar no caminho de Parsifal”. Para ser encontrada. Moveu-se, dançou, cantou, correu, mas agora firma-se na imobilidade, que é a honra profunda, a dignidade metafísica do feminino. O último passo, deve fazê-lo Parsifal.

Na Missa do Galo de Machado, embora sem o aparato das quatro dimensões da arte wagneriana, é o mesmo espetáculo que se vê: o patético da última e decisiva espera do imóvel feminino. A “boa Conceição” não arria a bandeira de seu sexo. Se o abandono do marido e a fraqueza dos sentidos permitem-lhe aquela ronda de leoa faminta em torno de um Parsifal de dezessete anos, não bastam, entretanto, para vencer a última resistência, que já não é simplesmente moral, que não vem das virtudes ou dos preconceitos, mas das raízes profundas de seu ser feminino.

O que eu quis dizer, com essas digressões que me comeram duas horas, é que Eunice, atrasando-se, cobrava-me a pequena cota tornada possível nos jogos do amor, para desagravo, para desconto, do enorme, do colossal patrimônio de paciência do mundo feminino. A mulher, que espera de um modo maciço, faz-se esperar de um modo frívolo. Vendemos no varejo o que comprou por atacado.

Como pude eu então dizer que esperei por Eunice dez anos? Não, eu não esperei dez anos. Eu não saberia, eu não poderia esperar. Poderei esperar dois meses? Não, eu não estive esperando Eunice. Seria mais acertado dizer que andei, que corri, que estive todo esse tempo errante, a procurar aquela que me viesse chamar pelo nome de infância, que me viesse dizer quem sou eu. Andei, andei, desorientado Parsifal, “pelos caminhos dos erros e das dores”. Em cogitações, em sonhos, em leituras longas, passei dias e noites a percorrer os caminhos percorridos, a interrogar poetas e filósofos — saltando as idades, galgando as distâncias — se algum deles acaso encontrara, caída no chão, a chave de minha vida. Ó sombra de minha mãe, quem me dirá de novo, ao ouvido, o nome que me deste? “Como pude esquecê-lo? Como pude ser infiel a tudo? Nada mais vive em mim senão loucura e sombras”.

Lá estão nos armários os dorsos imóveis das dez mil testemunhas que

ouvi. Que me dissesseis vós, ó gregos? Que me contastes vós, ó homens inquietos de meu tempo? Corro os olhos: lá vejo um título que me traz à memória uma análise austera, com cifras, com neologismos, leis, teoremas, corolários, para me provar que o homem vive de pão; acolá, duma lombada com letras de ouro, sai uma voz a dizer-me que não só do pão vive o homem. Economistas, profetas, historiadores, filósofos que continuam a dizer que viram mais longe, porque subiram em ombros de gigante, e filósofos que se obstinam em dizer que mais longe chegaram porque das bagagens antigas se alijaram; humoristas que choram escondidos, poetas que escondidos se riem; hagiógrafos, exegetas, hermeneutas, psicólogos, ensaístas; vozes pausadas, vozes ardentes, vozes minuciosas, vozes entrecortadas; quem de vós, quem se eu gritar me responderá, ó aprendizes angélicos!? Dez anos. Debruçado. E agora, quando ainda me curvo sobre um amarelado in-fólio de lendas esquecidas — “over many a quaint and curious volume of forgotten lore” — ouço o corvo a dizer-me “never more”.

Estamos chegando, ó minh'alma. Parsifal sem lança e sem elmo, percorri em vão os caminhos dos erros e das dores. E agora estou chegando. Há um encontro marcado. Ela aí vem, essa Kundry que com dois ou três meses me anuncia o seu abraço. Que devo pensar? Quando anoitece... ó minh'alma, ó minh'alma, o que faremos neste quarto, neste pequeno esconderijo que nos basta para o amor e para a morte? Quando anoitece, a “boa Conceição” anda em torno de mim, e debruça-se, muito branca, muito bela, sobre a minha indecisão; esperando o quê? o meu gesto, o meu impulso, o meu abandono...

II

13 de novembro.

Um vago pressentimento já por diversas vezes me assaltara, observando que as pessoas, num intervalo de quinze dias, notavam meu emagrecimento e minha palidez. Sentia também uma fadiga crescente; mas atribuía-a aos desgostos, ao calor e à idade. Ninguém sabe, senão por experiência própria, e uma só vez, como é que pesam no corpo cinqüenta anos mal vividos. Talvez fosse assim mesmo.

Tantas foram, porém, as observações que ouvi, na Faculdade e nos encontros de rua, que resolvi procurar um médico. Foi o Pedreira que me recomendou o Dr. Aquiles. Gabou seu escrúpulo, exemplificou os casos de cura em que outros se haviam equivocado, e não descansou enquanto não tomei nota de seu nome e de seu consultório.

Lá fui trasanteontem. Gostei do homem, embora o achasse muito diferente do que imaginara. Não sei se pelo nome, ou por algum dos adjetivos do Pedreira, fazia-o alto, atlético e nervoso. Mas enganava-me: o Dr. Aquiles é homem de estatura meã, tem maneiras plácidas, e ostenta um começo de corpulência que decerto progredirá com os anos. Terá a minha idade, ou pouco menos. No rosto retangular, em que o modo exato de partir ao meio o cabelo castanho ainda mais acentuava a simetria natural, o nariz grosso, as pálpebras pesadas e os óculos bifocais sem aro, pela lei dos contrastes, harmonizavam perfeitamente com a boca pequena, que ele mantém obstinadamente cosida, como se somente a contragosto dela se servisse.

Esteve a fitar-me algum tempo em silêncio, e depois, com um sorriso breve e difícil, perguntou-me o que eu sentia. Falei-lhe do Pedreira, e enquanto lhe expunha o pouco que tinha a dizer — cansaço e magreza — com uma secreta satisfação de ser tão moderada a queixa que de mim mesmo levava, o doutor se entretinha em rabiscar um papel. Supus primeiro que fossem apontamentos que ele tomava, mas esticando um pouco o pescoço verifiquei que desenhava um navio.

Encheu depois uma ficha com meu nome, idade e endereço; e interrogou-me sobre meus pais, se eram vivos, e de que mal haviam morrido. Quando eu lhe disse que meu pai morrera de jogo, surpreendi um rápido olhar de quem julga ter mal compreendido, mas os lábios apertaram-se ainda mais, recusando-se à indiscrição, e o doutor encetou um segundo navio, ao lado do outro, que nesse meio tempo já punha fumaça pela chaminé.

— Quer tirar o casaco? Atravessou-me no peito uma toalha e começou a auscultar-me, demorando-se mais no lado esquerdo, à altura do coração. Quando já me incomodava sua insistência, desinteressou-se daquele ponto, e foi buscar-me por trás. Minha vontade, agora, era a de tranqüilizar o Dr. Aquiles, explicando-lhe jovialmente que era cisma do Pedreira, que eu só viera para agradar ao Pedreira. Mas o doutor, de quem eu só via agora a mão pousada no meu peito, e uma perna de calça de brim irlandês, obstinava-se em sondar a retaguarda de meu tórax. Foi nesse momento, erguendo os olhos, que notei o crucifixo na parede. Estaria ali para o doutor ou para os doentes? Seria católico o Dr. Aquiles, ou teria pregado ali a figura de Cristo para dar a primeira nota de consolo, ou a primeira evasiva de eternidade, nos casos de desengano?

— Vamos à balança. O senhor tem alguma pesada recente?

— Três meses atrás eu pesava 58, que já é pouco para a minha altura. Tenho um metro e setenta e oito.

— Agora está com cinquenta e quatro. É pouco.

Quer deitar-se? Deitei-me, não sabendo se devia ou não tirar os sapatos; e senti-me logo muito humilde, à mercê daquele homem vertical. O Dr. Aquiles apalpava-me o ventre, fechando às vezes os olhos para concentrar-se todo na ponta dos dedos. Explorava agora demoradamente as redondezas do baço, e eu observava no teto caído uma pequena mancha parda que me lembrava o mapa da Austrália. Como teria ido parar, em tão inacessível altura, aquele borrão que pretendia ser a miniatura de um continente? Estive para interrogar o doutor. Como o criminoso que procura desviar a atenção do policial, tinha eu vontade de desviar o doutor do meu baço.

— Já teve impaludismo?

— Não, senhor.

Ele agora estava de pé, olhando-me pensativo, e pela primeira vez notei que sua boca tomava parte no jogo fisionômico, erguendo-se ligeiramente no canto esquerdo. Seria de descontentamento ou de indecisão aquele trejeito? Não pude descobrir. Faltavam-me dados anteriores, conversas sobre política, religião, pintura, casos de família, para saber o significado exato do que me calava o doutor. Levantei-me.

— E então, doutor?

— É cedo para o diagnóstico. Vou pedir-lhe duas análises: sangue e urina. Se puder, traga amanhã os resultados. O senhor tem algum laboratório de confiança? Eu tinha o Dr. Rosalvo, que ele declarou excelente. E saí a tratar das análises.

Passei uma noite difícil, carregada de pressentimentos. Imaginara que o clínico me aconselhasse a deixar o fumo, ou a tomar férias, e já reservara, nesta suposição, uma certa dose de heroísmo para seguir o conselho. Seria uma contrariedade; e confortava-me imaginar que já fosse bastante pesada. Mas o pedido dos exames me perturbava. Que iria resultar de tudo isto? Será então possível a gente ter uma doença grave, e andar com ela à espera de que os amigos casuais, nos encontros de rua, façam o favor de notar a nossa magreza e a nossa palidez? O consultório médico, em regra geral, é um lugar em que se adquire ao longo da vida um insensato otimismo. Vai-se lá, dez, vinte vezes, com pressentimentos sombrios, e sai-se com um diagnóstico benigno. Na última vez, foi no ano passado, o Dr. Mendes riu-se comigo, e receitou-me Atroveran e vitaminas. E assim, a sucessão de pequenos incômodos vai perfidamente inculcando-nos um crescente otimismo, até o dia em que o médico fica

em pé, diante de nosso corpo horizontal, com aquele trejeito ao canto da boca... No dia seguinte, isto é, anteontem, achei-me de novo na sala de espera do Dr. Aquiles, levando no bolso os resultados do exame. Estavam três pessoas antes de mim: uma senhora gorda, de meia-idade e extremamente infeliz, a julgar pela expressão do rosto, onde se lia uma resignação que ela queria heróica e ostensiva; uma mocinha magra, a folhear uma revista, mais deitada do que sentada na poltrona forrada de verde; e um rapaz de óculos escuros, que arregaçara exageradamente as calças, deixando ver as pernas fortes e peludas.

A enfermeira, moça gorda e loura, não se aquietava junto à mesa laqueada de branco à entrada do consultório. Levantava-se a cada instante, passava por nós com um soberbo ar de quem já tivesse visto muitos casos, e muitíssimo mais interessantes do que os nossos, e ia até a janela examinar a rua ou o tempo; não que estivesse ameaçador, ou que a rua, lá embaixo, oferecesse algum espetáculo digno de nota. Aquilo nela era para matar o tempo, o grande inimigo dos subalternos.

— Será que ainda demora muito? perguntou a senhora gorda. Deus sabe quanta coisa eu ainda tenho que fazer em casa! Tudo sou eu! E levantava os olhos para o estuque do teto, como quem procura nas coisas do alto a compreensão que não se pode encontrar no rasteiro cenário do mundo.

— O moço ali ainda está antes da senhora.

— Não diga, D. Helena! Eu estou aqui há mais de uma hora, e não tinha a idéia de ter visto ninguém quando cheguei. A senhora tem certeza? O senhor chegou mesmo antes de mim? Faria muita diferença para o senhor se eu passasse à sua frente? Eu ainda tenho que fazer tantas compras, e chegar em casa, e preparar a dieta de meu marido... O senhor não levará a mal? O rapaz das calças arregaçadas não respondeu logo. Olhou para mim, como quem diz que pedir lugar não vale, deu de ombros, mal-humorado, mas, não achando recusa, concordou:

— Não faço questão.

— Ah! eu lhe agradeço muito. O senhor não imagina como estou aflita, Deus sabe! E tornou a buscar no teto a compensação de seus males. Estava triunfante. Em casa, contará o episódio ao marido, para evidenciar bem o seu alto espírito de iniciativa, em contraste com a timidez dele. Dirá que quem não chora não mama.

O moço de óculos escuros pegou numa revista já muito manuseada, de capa solta, que estivera esquecida em cima do tamborete. Ele queria,

evidentemente, esquivar-se à conversação que se lhe afigurava prejuízo ainda maior do que a perda da vez. Foi então que se revelou o estreito vínculo que existia entre a senhora gorda e a mocinha magra:

— Mamãe, já são cinco horas!

— Que quer você que eu faça? Já consegui que o cavalheiro me cedesse a vez. Não posso ir buscar o Dr. Aquiles à força. Se você tivesse chegado na hora, nós já estaríamos livres. É a tal coisa! A gente se multiplica, mas nunca chega para as encomendas. Seu pai é a mesma coisa.

E ia novamente erguer os olhos, quando se abriu a porta do consultório e apareceu o Dr. Aquiles. Entraram as duas. E a enfermeira, passando junto ao rapaz, deixou cair com desprezo:

— Bobeou...

— A senhora queria que eu recusasse? A gente já não oferece. Todos se queixam que não existe mais delicadeza...

— O que não existe é tempo. Delicadeza só há quando há folga. Eu daqui vou para o Engenho de Dentro. Chego às oito e meia para jantar. O pessoal guarda um prato feito. E ninguém me dá o lugar no ônibus.

— Mas a senhora também não pede. Aí é que está. O direito é não pedir... A enfermeira não respondeu. Chegou-se novamente à janela, tornou a examinar o tempo e a rua, e quando voltou foi como se nunca tivesse dirigido a palavra àquele desconhecido de calças arregaçadas e óculos escuros. E eu lembrei-me de Eunice, que também, depois de tudo o que acontecera, passava por Miguel como se o visse pela primeira vez. Extraordinária faculdade, deveras extraordinária, essa que passa tão rápida esponja, aqui numa familiaridade provocada, lá num adultério! Parece que não precisam das águas do rio Lete para esquecer; basta-lhes querer.

Desta lembrança, em que eu associava Eunice a Dante, pulou a fantasia para a gravura que adornava a parede do Dr. Aquiles, três palmos acima da cabeça do moço. Num claro-escuro patético, uma jovem, muito clara e muito formosa, agonizava. Junto ao leito, quase de costas, a figura veneranda do médico debruçava-se sobre a bela desfalecida, lutando com o anjo da morte.

Aquilo não era um desenho; era um discurso. Parecia-me ver o artista, no limiar da moldura, como largos gestos de declamador, a dizer-me que a medicina é um sacerdócio e que enquanto há vida há esperança. Sim, há esperança, porque o médico vela. Esquecido de tudo o mais,

esquecido de si mesmo, o médico concentra-se todo naquele doente, naquela vida. Faz bem o Dr. Aquiles em pendurar ali na parede tão confortadora mensagem, porque a mais angustiosa suspeita de qualquer doente é justamente a de que não estão dando todo o particular valor ao seu particularíssimo caso. Seu medo é que o médico, ainda quando não se equivoque, fique perdido no vago domínio das generalidades. O doente, para o médico, quer ser filho único, quer ser namorado. Quer ser concreto.

Eu também, pelo que parece, sou um doente. Eu também, na continuação de meu caso, vou virar criança, dependente, obediente. Vou apaixonar-me pelo meu caso... Os resultados dos exames estão no bolso, o primeiro elemento do meu caso. Tirei-os do bolso, para me certificar. O de sangue diz assim: leucócitos, 100.000; e acrescenta uma série de nomes esquisitos: mieloblastos, mielócitos, bastões, segmentados, eosinófilos, basófilos, linfócitos e monócitos. Na coluna da direita estão as cifras, 10%, 30%, 20%, 10% etc. Que significariam esses nomes e essas cifras? Abre-se a porta do consultório e saem as duas; a senhora gorda parece menos infeliz, a mocinha tem um riso convulsivo, que provavelmente se explica por um desses gracejos profissionais com que os clínicos encorajam seus doentes. Atrás delas torna a surgir, enquadrada na porta, como espetáculo já periódico para mim, a figura do Dr. Aquiles, com os seus bifocais a faiscarem na penumbra.

Dentro de alguns minutos será a minha vez...

— Então, trouxe os exames? Tirei do bolso os papéis, e entreguei-lhe primeiro o do sangue. Batia-me forte o coração. Devia estar ainda mais pálido; mas uma extraordinária acuidade permitia-me acompanhar os menores sinais na face fleumática do doutor. Antes de pegar o papel reapareceu o tal franzir ao canto da boca, como quem diz: “Vejamos se estava certa a hipótese”. Em cima de sua mesa havia um papel rabiscado. Três navios e meio. A mão estendeu-se. Pegou o papel. Desdobrou-o. Agora o doutor está lendo... Ah! onde já vi eu esse rápido jogo de fisionomia que se contém? Onde vi eu, meu Deus, onde aprendi a decifrar a significação daquele olhar intencionalmente vazio, daquela trava imposta às pálpebras e à boca? Já sei. Foi no poker... em casa do Albino... O Major Eduardo acaba de receber, de mão, um four de ases. É assim mesmo, no olhar morto, no rápido movimento de pálpebras, no freio posto na comissura dos lábios, que o Major Eduardo domina a emoção de suas cartas.

— Tenho aqui o outro exame, o de urina.

O Dr. Aquiles fez um gesto evasivo. Pudera! O major também não quer

cartas. O major também olha para mim com olhos distantes. Ah! como estou lúcido! Como estou vendo, claramente, que o Dr. Aquiles tem um four de ases na mão! Lá fora, na rua, parece que houve um embaraço qualquer no tráfego. Os automóveis mugem lugubrememente.

— Está cada dia pior o tráfego, disse eu.

Eu mesmo oferecia ao doutor o disfarce. Ele serviu-se logo do recurso:

— Pois se as ruas são as mesmas e os automóveis aumentam todos os dias...

— O que nos falta é o transporte coletivo. O nosso povo, sob esse ponto de vista, é o mais infeliz do mundo.

— Só o metrô pode resolver, disse o doutor. Em Paris o serviço é admirável. O professor já esteve em Paris?

— Não. Nunca pude realizar esse desejo. Pode ser que um dia... se esse exame de sangue me der licença.

— É verdade, o exame... O Dr. Aquiles completou então o navio que deixara sem chaminé e sem mastros. Eram agora quatro. Para ir à Europa bastava-me um. Um navio e o exame de sangue.

— O senhor é casado? Tem filhos?

— Sou casado, tenho um filho.

— Quem sabe se não seria melhor que eu me entendesse com sua senhora sobre a dieta e os outros detalhes do tratamento? Não é bom que o homem esteja só, principalmente para tratar-se. O senhor bem sabe, nesse ponto as mulheres são muito mais práticas do que nós. O senhor parece-me um homem distraído, um grande distraído — ele ria-se agora, quase jovial — como aliás todos os intelectuais. O senhor acabaria confundindo as horas, as doses... Eu o deixava falar, como naquele dia deixara Eunice falar, e cada vez mais enredar-se nas mentiras que com volubilidade lhe vinham à boca. O Dr. Aquiles também mentia, o que deixava descobrir a falha de um pré-molar superior, que estivera escondido enquanto a boca fora honesta. Eu já sabia, com certeza, o que significavam os leucócitos e os mieloblastos. Sabia, com certeza, que o meu caso era muito grave. De morte. Mas ainda conseguia manter essa certeza arredada de mim. Com calor no rosto e a alma em tumulto, eu ainda agüentava bem a objetividade do fato. Pior seria, e eu tinha medo, quando ela saltasse sobre mim. Tinha medo de sair do consultório, e de achar-me na rua, sozinho comigo mesmo e com a coisa, a certeza que já

armava o seu bote para me morder o coração.

O doutor, iniciando seu quinto navio, parecia esperar minha resposta à sua sugestão.

— Minha mulher abandonou-me há dez anos. Meu filho também, há dois. Vivo sozinho.

Depois de uma pausa, acrescentei: “felizmente”; e vi então, num rápido vislumbre, que seus olhos castanhos tinham uma doçura que contrastava com a frieza dos óculos sem aro. Antes, porém, que ele me dissesse qualquer palavra convencional, ou que se esquivasse em outras direções, disse-lhe que já compreendera a gravidade de meu caso, e pedi-lhe a verdade inteira e exata.

— O senhor é católico? perguntou-me.

— Não... isto é, para lhe falar com franqueza, eu não sei exatamente o que sou. Fui educado em colégio de padres, era o melhor aluno de catecismo e gostava de ajudar à missa. Os padres julgavam que eu tivesse vocação; mas logo deixei o colégio, esfriou-me o fervor, e depois... depois, a vida foi-me um atropelo constante. Casei-me cedo, tive um filho, e cheguei onde estou, com este sangue, sem saber quem sou e quem é Deus. Mas por que pergunta isto? Quererá o senhor receitar-me um milagre? Quererá dizer-me que meu caso está nas mãos de Deus, e que só Ele poderá salvar-me? Será para entrar neste assunto, para facilitar a conversa, que o senhor tem ali na parede o crucifixo, espécie de lugar-comum silencioso, que prepara os outros inevitáveis lugares-comuns eloqüentes?

— Não, respondeu ele com voz sumida, eu tenho ali o crucifixo porque creio em Deus e em Jesus Cristo um só seu Filho.

Notei que o doutor, ao contrário da senhora gorda e infeliz da sala de espera, baixava os olhos para o chão quando falava de Deus. Como seria divertida a conversação entre os dois se fosse ela, a dama gorda, a desenganada! Como são diferentes os homens que crêem nas mesmas coisas e pronunciam as mesmíssimas palavras! Ou então, quem sabe? não é o mesmo o Deus de um e de outro... Surgiu-me na lembrança a figura do Padre Agostinho a nos dizer que o Deus de Moisés é ciumento e faz questão fechada de sua identificação. “Estudar o catecismo é saber quem é Deus. O mundo costuma mencionar um deus-idéia, que tanto faz ser assim ou assado. Quando alguém me diz que crê em Deus, sem mais nada, eu não sei o que quer dizer essa pessoa. Quase prefiro o que começa por dizer que crê no diabo. É mais nítido...” Tocava o sino, e a

classe se agitava, enquanto o Padre Agostinho, com sua voz nasalada, recomendava silêncio e ordem.

Onde deverei eu procurar o Deus verdadeiro: no teto com a dama corpulenta, ou no chão, perdido, como parecem insinuar as pálpebras pesadas do Dr. Aquiles?

— Torno a dizer-lhe, doutor, que já compreendi a gravidade de meu mal. Ponha de lado, por favor, a hipótese do milagre, e sobretudo ponha de lado a mentira. Parece-me que ando com ela em mim, que eu mesmo sou uma substancial mentira. E tenho ódio, ódio à mentira!

— Quando lhe perguntei se era católico, eu não estava pensando no milagre. Aliás, o senhor vem lembrar-me uma coisa: eu quase nunca penso no milagre.

— Quantos anos, doutor? Vi novamente um brilho de doçura nos seus olhos castanhos; ele tinha pena de mim.

— Quantos meses então? Quantos dias? O Dr. Aquiles tomou o papel do exame de sangue, e com uma voz de quem estivesse falando de um problema abstrato, começou a explicar que aquela leucemia, dentro daquele quadro hematológico, com os neutrófilos, o aparecimento dos mieloblastos e a diminuição das plaquetas, tinha todas as características de uma forma aguda. Disto não tinha dúvida. Quanto ao prazo... não podia determinar exatamente. Há em cada caso muitas circunstâncias fortuitas, muitos imponderáveis.

— Menos de um ano?

— Creio que sim.

— Menos de seis meses? O Dr. Aquiles mexeu-se na cadeira. Tornou a pegar o papel. Depois dobrou-o em dois, em quatro e, pondo em cima um peso de vidro, juntou as mãos e olhou-me demoradamente. Pus-me a falar febrilmente, e disse-lhe que ao menos esses dias eu queria viver, queria viver a minha morte, já que a vida eu não a pudera viver; queria aproveitar essa última oportunidade de harmonia, essa única certeza, essa vantagem, essa vantagem enorme, colossal, que levo de hoje em diante sobre o comum dos mortais.

— É por isso que lhe pergunto, doutor, e que lhe peço a verdade, pelo amor de Deus...

— Três ou quatro meses.

Seus olhos eram quase duros; seus bifocais mais científicos do que nunca. Mas logo mudou-se a expressão de seu rosto, e, levantando-se com uma agilidade que eu não lhe supunha, trouxe-me um copo d'água em que pingara algumas gotas.

— Beba. Isto lhe fará bem.

Eu já sabia; mas, naquele momento, a certeza que eu estava mantendo esticada, objetiva, diante dos olhos, pulara bruscamente sobre o meu peito. Ou melhor, sobre o meu estômago. Parecia-me ter engolido aquilo. E olhava em volta de mim um mundo diferente. Ali estava a balança, a cama, o crucifixo, e lá no alto a ridícula miniatura da Austrália. Todas as coisas no mesmo lugar, com as mesmas propriedades que tinham há pouco, meia hora atrás, quando eu pertencia ainda à espécie, à orgulhosa espécie de gente que vive da incerteza. Para mim, entretanto, tudo mudou. O mundo ficou mortiço, descorado, seco, como no dia em que vi Eunice atravessar a rua e entrar no hall do edifício de apartamentos. O mundo estava desenganado; o universo ia morrer. E eu tive vontade de levantar-me, de sair dali, sem uma palavra, deixando o guarda-chuva encostado, deixando o Dr. Aquiles e seus inúteis navios... iria andando, andando, andando...

— Está melhor?

— Estou melhor, obrigado. Eu tinha dito ao senhor que sabia, e realmente sabia. Mas há muitos modos de saber. Agora eu tenho a verdade no estômago. E o que devo fazer para prolongar... enfim, para suportar melhor esses dias?

— Poderá de tempos em tempos fazer uma transfusão de sangue. No mais não precisa ter nenhum cuidado especial. Pode sair, trabalhar, enquanto não se cansar demais. E volte dentro de uns oito ou dez dias; poderemos combinar a transfusão.

— Há perigo de contágio?

— Nenhum.

— E como se chama ela?

— Ela quem?

— Essa coisa que está dentro de mim.

— Ah! é uma leucemia mielóide aguda.

— E onde mora ela, no coração? no estômago? no baço?

— Não. Não se trata de uma doença localizada num órgão, de uma infecção. É antes um comprometimento geral do mecanismo formador do sangue, uma alteração profunda, de natureza cancerosa. Sim, eu diria um câncer do sangue.

Câncer! Uma palavra, um som. Câncer! e eu, que sempre imaginara o câncer como uma substância, um monstro, um parasita que nascesse dentro da gente e que fosse crescendo com seus tentáculos mortais. Este agora, pelo que diz o doutor, é um monstro fluido. É mais uma alteração do que uma intromissão; é mais uma modificação de doses, de posições, de ordem, do que um sólido estrangulador. É quase um ente de razão, um lugar geométrico, obliquidade do que deveria ser perpendicular, curvatura do que deveria ser retilíneo. E eu saio daqui com esse feto semi-abstrato e mortal.

— O senhor diz que não há nada a fazer... sem falar na hipótese de engano.

— Infelizmente não há engano possível.

— Não me refiro ao diagnóstico, mas ao exame. Não poderá haver um engano nesses números? Se por exemplo um aprendiz de laboratório pôs um zero a mais em algumas dessas cifras...

— Não. Infelizmente não há lugar para tal suposição. O quadro, no seu gênero, está harmonioso, e ajusta-se perfeitamente à hipertrofia de seu baço, ao peso e à palidez. Em todo o caso, se o senhor quiser ouvir um colega, evidentemente...

— Quer dizer então que o senhor está vendo a tal coisa com a mesma nitidez desta mesa e daquela balança?

— Exatamente.

— Bem. Então... não quero mais tomar o seu tempo. Lá fora estão outras pessoas.

— E volte. Venha conversar. Telefone-me, quando quiser fazer a transfusão.

E o Dr. Aquiles acompanhou-me com urbanidade até a porta.

“Ivan Ilitch, vendo que ia morrer, desesperava-se. No fundo da alma sabia, estava certo de que ia morrer, mas era incapaz de se habituar à idéia; não a compreendia sequer; não conseguia realmente assimilá-la. O exemplo de silogismo que aprendera no manual de Kieseweter, ‘todos os homens são mortais, ora Caio é homem, logo Caio é mortal’, parecia-lhe exato enquanto se tratasse de Caio, mas não quando se tratasse dele, Ivan. Caio era homem, um homem, o homem-em-geral, logo era forçoso que morresse. Mas ele, Ivan, não era Caio; nem era o homem-em-geral. Era Ivan, um ser à parte, totalmente à parte dos outros seres. Era o pequenino Vania para a sua mamãe, para o seu papai, para Mitia e para Velodia. Era Vania também para a ama-seca e para o cocheiro; e mais tarde para Katenka. Em todas as alegrias, em todos os sofrimentos, em todos os entusiasmos da infância, da adolescência e da juventude, ele era sempre Vania.”

“Conhecia Caio, porventura, o cheiro daquela bola de couro com que Vania brincava? Beijava Caio, como Vania, a mão de sua mãe? Ouvia acaso o ruje-ruje do vestido de seda quando ela passava? Fora ele, ainda, que levantara na escola a questão dos pastéis? Ah! e amara ele, Caio, como Vania tinha amado? Ou como Vania, não, como Ivan Ilitch, seria ele capaz de presidir uma sessão do tribunal?” “Caio é com efeito mortal, e é justo que morra. Mas eu, Vania, Ivan Ilitch, com todos os meus pensamentos, com todos os meus sentimentos, sou outra coisa, completamente outra, e parece-me impossível que deva morrer. Seria horrível demais. Se eu tivesse de morrer (como Caio), bem havia de saber; uma voz interior dizia-mo. Mas nunca me disse ela tal coisa. Eu, e cada um de meus colegas de lógica, compreendemos muito bem que havia um abismo entre Caio e nós. E eis que agora... Não! É impossível. E contudo assim é. Mas como? Como compreender isto?” Fechei o livro de Tolstoi, endireitei a rosa vermelha que se inclinara demais, e cheguei à janela. No jardim da casa fronteira o menino brinca com a bola. Cai agora, abraçado à bola, no gramado macio. “Não foi nada! Não foi nada!” Um cão perdigueiro pula em torno dele com latidos alegres. O menino levanta-se, rindo, e defende a bola de couro que o cão quer tomar.

Aquele menino sentiu o cheiro da bola de couro. É Vania.

Ora, Vania é homem, logo é mortal.

Eu já lera, há tempos, essa mesma página de Tolstoi, e apreciara então

sua pungente beleza do alto de minha imortalidade. Ivan Ilitch lutava para desvencilhar-se de qualquer identificação com Caio; ou com Sócrates, como diríamos nós que estudamos lógica em outros tratados. E eu, do confortável camarote de minha imortalidade, apreciava os lances daquela luta inglória, de desenlace certíssimo; e tanto melhor apreciava, porquanto eu não era Sócrates, nem Vania.

Estou nisto há três dias. Gastei um vigésimo do prazo mínimo do doutor, sem conseguir nenhum progresso na assimilação profunda da idéia de morte. Não digo que duvide do diagnóstico. O Dr. Rosalvo, do laboratório, confirmou-mo, não concordando porém com o nome de câncer. Neste ponto o Dr. Rosalvo esqueceu-se de meu particularíssimo caso, e deslocou o problema para o plano das essências. O que caracteriza o câncer, na opinião dele, é a formação das células atípicas.

— Ora, onde é que estão, faça-me o favor de dizer, as células atípicas? A leucemia se produz por causa da imaturidade com que as células são lançadas na circulação. Mas imaturo não quer dizer atípico. Onde então o câncer, faça-me o favor de dizer... Eu calava-me, não sabendo dizer ao Dr. Rosalvo onde estava o câncer; e lembrava-me do que Julieta dizia a Romeu:

“What is in a name? that which we call a rose
By any other name would smell as sweet.”

E o que o poeta diz das rosas digo-o eu do câncer. Mudem-lhe o nome ao sabor das doutrinas; ele fica sendo o que é, e eu continuo onde estou.

O que eu ainda não consegui, como Vania, foi a assimilação da idéia de morte. E é isto que me aflige, pois não quero ser pegado desprevenido, como um rato. Já basta a vida de peteca que levei. Que fiz eu, durante vinte anos, senão acompanhar o vaivém de Eunice? Foi ela a minha morte real, isto é, a real e efetiva destruição de meus gestos livres. Seu capricho mordida a carne viva de meu ser; sua frivolidade me pegava no meio do dia, no meio da noite, inopinadamente, e minha alma caía como criança atropelada na rua.

Agora, ao menos, uma oportunidade se me oferece. Essa mulher que me vem procurar tem a gravidade de uma Kundry. Alguma coisa pode ser tentada, aqui neste quarto, no silêncio, no aconchego deste quarto. Algo de harmonioso, de sério, pode ser feito, desde que a gente se arranque do que há de confuso e vário. O mundo é um anárquico depósito, uma loja monumental, onde a gente compra estrelas e flores para a festa silenciosa e recatada no recesso da alma. Não é assim que fazem os escultores, quando arrancam o barro do chão e o trazem para o

encontro de amor? Não é assim, por exclusão, por ablação, que o poeta destaca o que quer do anônimo e bulhento reservatório comum? O importante, na poesia e na vida, é a escolha; e por conseguinte a recusa. A poesia é uma greve, um protesto, como o que fazem os lípidos cristais, com suas intolerantes arestas, no seio opressivo da montanha. Ninguém rejeita tanto como o poeta, e como o apaixonado.

Assim quero eu também a morte, a minha morte: segregada, arrancada desse confuso aluvião que foi a minha vida. Que venha, mas franca e desejada. Que venha, mas com ritmo e beleza, e não como astuta meretriz que colhe de passagem o colegial desarmado.

Curioso é esse contraste: a morte é o que há de mais certo, a ponto de servir no modelo clássico de silogismo; e é por outro lado a idéia que mais nos custa admitir, e tanto mais nos custa quanto mais perto nos toca. É uma certeza que anda ao contrário das outras.

Dias atrás fui a Real Grandeza, na dependência nova do São João Batista, onde os mortos se despedem dos vivos em pequenas câmaras mortuárias superpostas como os exíguos apartamentos modernos. Cada defunto tem lá sua eça, e cada família sua meia dúzia de cadeiras para as dores mais acabrunhantes. Os amigos e os parentes afastados podem chorar de pé. Nem é preciso maior conforto para tão rápida despedida. Eu ia, como se diz, prestar meu último tributo de amizade ao Ferraz, o velho professor de química que morrera de repente, de uma angina-de-peito. Não fixara, porém, com a devida atenção, as indicações da portaria, e fui parar numa câmara mortuária onde eram estranhos os vivos de faces desfeitas, e muito mais estranho o morto de rosto impassível. Enganara-me de dor; aquela não era a minha; a morte que ali ostentava o seu trivialíssimo espetáculo era a morte-em-geral, a mesma que pega Sócrates ou Caio nos laços do silogismo. Os sofrimentos que ali se estampavam nas fisionomias eram também os que se costumam designar com os nomes genéricos de luto, orfandade e viuvez.

Quando desci, e entrei na sala de baixo, vi logo o rosto comprido do Ildefonso, a calvície do Barata, o Carlinhos abraçado com Helena, e no fundo, sentada e inconsolável, D. Maria Aparecida, a viúva. No meio da sala, coberto de flores, que só deixavam aparecer o rosto e as botinas, estava o que fora o velho Ferraz. E, logo que entrei, senti o clima do estupor:

— Parece impossível! Ainda ontem...

— Perda irreparável, ir-re-pa-rá-vel, soletrou-me o Ildefonso ao ouvido com voz cava.

— Parece mentira, disse também a viúva ao abraçar-me.

E eu, estupefato, olhava a cena, e admirava-me que se admirassem tanto. O fenômeno mais trivial do universo, personalizado, tomava proporções de maravilha. E todos — uma gente cansada de ir a missas de sétimo dia — todos se admiravam do cadáver do Ferraz, como se estivessem a contemplar uma aurora boreal.

A mim mesmo, que tinha essas idéias, custava-me crer que aquilo fosse o Ferraz. Parecia-me que havia um embuste, uma mistificação, e que de repente íamos todos rir da farsa. Mas não; era ele mesmo, o Ferraz, que ali estava morto e bem morto. Mais morto do que os pregos do caixão, como diria Dickens.

A sala enchia-se cada vez mais de amigos, discípulos e parentes, que já começavam a falar de outras coisas, uma vez que da morte, passado o primeiro instante, pouco se tem que dizer. A própria viúva já chorava discretamente, como se tomasse cuidado que sua dor não excedesse os limites daquela sala alugada para o efêmero acampamento de uma aflição. O edifício todo era assim dividido em sofrimentos estanques.

Olhando a chama que se debatia no topo de seu mastro de cera, eu fiquei pensando que um grande Fogo passara por ali e deixara uma pequena amostra para cada defunto. As coroas de flores também se separam, e são etiquetadas com o nome do morto para bem marcar a quem se dirigem aqueles sentimentos tão vagos e tão universais escritos em letras douradas. Mas as abelhas, que circulam à vontade por todo o edifício, talvez sejam da mesma colméia. Serão elas talvez que irão fundir na mesma doçura as pobres amarguras separadas. Eu fiquei pensando que as dores se separam em beliches, e se concentram, e quase se escondem, como se fossem conspirações, porque os homens entre si se separam; e os homens entre si se separam porque cada um de si mesmo se separa.

Outra coisa que observei nesse enterro do Ferraz foi que as pessoas vão ao defunto como a um juiz. Apresentam-se para serem julgadas nesse estranho tribunal em que o magistrado fica imóvel e silencioso. Ele não precisa acusar; os vivos se acusam. Os vivos esbarram na evidência das omissões. Ainda ontem era possível uma palavra, um gesto, um sorriso. Hoje é tarde; o defunto está ali para lembrar o que poderíamos ter feito, e não fizemos. E os vivos, que contam sempre com a indefinida oportunidade, ficam agora perplexos. Quereriam dizer qualquer coisa, mas esbarram no obstinado mutismo do defunto.

Devo a mim mesmo uma explicação. O tom com que estou recordando

o enterro do Ferraz parece inafetivo, seco, sarcástico, como se não me tivessem chegado ao coração as lágrimas da viúva. Não. Lembro-me bem que sofri com D. Maria Aparecida, que senti falta do Ferraz, mas muito mais sofri, oh! muito mais, com o espantoso equívoco que parece perseguir o homem, e que nessas circunstâncias toma alucinantes proporções.

Sim, é isto que me dói, e como dói! Há pessoas que falam quase sempre de um modo caloroso, com indignação fácil e cólera pronta. A qualquer injustiça cerram os punhos e desatam a generosa paixão dos sangüíneos. Gosto de vê-los; mas em geral fico alheio ao tom maior de suas indignações. A mim o que mais fere, o que mais dói são os equívocos que vejo no mundo. Essa é a minha triste dominante: uma exasperação do senso do ridículo. E só quem já viveu essa experiência é capaz de avaliar a dor aguda, penetrante, glacial, que permanentemente me faz companhia. Falam de um inferno de fogo; eu penso às vezes num inferno de gelo.

IV

20 de novembro.

Não falando dos muitos enterros e das muitas missas que não nos tocam de perto, foram poucas as minhas experiências de morte. E a primeira, justamente a morte de meu pai, foi uma experiência frustrada. Não vi o corpo; e só muito mais tarde vim a conhecer, por acaso, a história do jogo e do suicídio.

Tinha treze anos. Estava no colégio, na aula de geometria, quando entrou o Padre Reitor acompanhando tio Afonso. Falaram ao professor, que interrompeu sua demonstração dos ângulos alternos internos e me chamou com voz diferente. Tio Afonso passou-me a mão na cabeça e explicou-me que o papai fora internado às pressas numa casa de saúde para operar-se de uma apendicite aguda. Eu iria para a casa dele, do titio.

— E mamãe?

— Está com o Eduardo, mas ele não pode receber visitas... Não vi o corpo; e a morte de meu pai, roubada de seu aparato visível, ficou-me com o sabor de uma escamoteação.

Já a morte de mamãe foi diferente. Encontrou-me, aos vinte anos, afastado de quaisquer cogitações metafísicas e todo sensibilidade. Foi uma morte dramática, acompanhada de perto, bem sofrida e bem

chorada. Não se armou nenhum problema. Uma dor humilde e vulgar trouxe-me sacudido semanas a fio. E o pior era quando acordava. Cada manhã mamãe morria de novo, como um teatro que prolonga e repete seu repertório de sucesso. Eu me afligia pelo fato de não sonhar com ela. Queria sonhar, mas não conseguia. Dona Edwiges, que era viúva, e tinha experiência, explicou-me:

— É assim mesmo, a gente não sonha... Mais viva, mais inaceitável, mais crua, foi a morte do amigo. Lia eu um romance, quando tocou o telefone. Estava na página cento e quarenta e cinco. “Et le beau prince, emporté maintenant au flot de la mélodie, chantait. Sa voix s’étalait, se nuait en queue de paon, se rengorgeait et puis mourait dans des ah! ah! ah! pâmés”. O telefone tocou: Roberto tinha morrido, na rua, num acidente de rua, atropelado. E o mundo (o espaço e o tempo) ficou dividido em dois: antes e depois da página cento e quarenta e cinco. O belo príncipe cantava agora, mais ridiculamente do que nunca, diante dos abismos; e a vida pareceu-me monstruosamente absurda. Roberto já não existia. Morrerá; morrerá atropelado, numa esquina qualquer de rua qualquer; e o seu último alento, o último olhar, o último espetáculo desse universo tão rico de espetáculos, tão rico de cores, de sons, de formas, tão abundante em astros, pássaros e flores, fora um ângulo sujo de sarjeta, um ralo municipal, uma casca de banana, uma mosca.

Fui à casa da família ver o morto, cumprir meu último dever, como dizem; e mal acabava de fechar o portão ouço passos precipitados, e vejo o cunhado, bom moço, descendo a escada com a face em transtorno.

— Ele chegou!

— Chegou?! Acho esquisito o verbo. O menos adequado verbo para um morto. Ah! sim, era o corpo. Era apenas o corpo que chegava da rua, do pronto-socorro, isto é, do inútil socorro. Era só o corpo. Vinha carregado. Subia a escada nos ombros inquietos dos vivos. Eia! levanta aí! para a esquerda! agüenta! Eia! Eia! Há sempre uma pessoa que comanda, que toma as providências, que sabe como se deve fazer, que revela na desgraça qualidades de líder.

Estão arrumando a sala. Arrastam móveis. Carregam coroas. E eu, que não tenho préstimos, fico ali encolhido, no canto do salão, absorto. Vejo vultos atarefados, visitas que chegam para a recepção da nau escura que me trouxe um morto. Ah! o navio chegou!

Venham, venham ver o brigue famoso
com mastros de cera e bandeiras de fogo!
O navio ancorou. Ei-lo no porto.

De longes terras voltou. Em largos mares partiu.

Por ventos doidos dançou.

Vejam!

A eça funerária é um navio...

Mas tem âncoras demais, salva-vidas demais,

E o único tripulante chega morto!

V

28 de novembro.

Encontro hoje, no mesmo livro, dois depoimentos que me fazem voltar ao paradoxo que me atormenta. O primeiro é de Voltaire, e diz assim: “A espécie humana é a única a saber que deve morrer, e sabe-o pela experiência”. O segundo é de Goethe, em carta a Eckermann, a propósito da morte da Grã-Duquesa Luísa: “A morte é algo tão estranho, que não se considera possível, apesar de toda a experiência; e quando se trata de uma pessoa amada surpreende-nos sempre como algo de incrível e paradoxal”.

E agora leio também em Machado a belíssima página de Memórias Póstumas de Brás Cubas: “Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de outiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a idéia embrulhada nas amplificações da retórica dos professores de coisas antigas — a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não-ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembrame que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta”.

Que conclusão tiro eu de tão diferentes testemunhas? Serão diversas a tal ponto as almas dos homens? Ou estará um deles certo e errados os outros? A conclusão que tiro é que todos têm razão, que a divergência se explica por uma diferença de perspectiva. Voltaire fala de cadeira, é racional, é lógico, e tem razão; mas Goethe e Machado estão à cabeceira de uma pessoa amada que agoniza, estão vendo de perto, estão vivendo a experiência a que aludia o outro... Mas então... então eleva-se ao quadrado o paradoxo da idéia de morte, porque estamos diante de um

fato que é tanto mais incompreensível quanto mais próximo e evidente.

E agora, ó minh'alma, que direção tomar, que conselho buscar, que caminho tentar para não ser pegado como um rato? Se é verdade que o absurdo da morte cresce com a proximidade e com a evidência; se ganha uma nova dimensão de loucura quando perde o aparelho político e filosófico, e atinge uma pessoa amada; se fica tão intolerável quando passa tão perto; o que dizer, o que pensar, ó minh'alma, dessa morte que vem buscar, que vem ferir, que vem anular o centro mesmo de nosso ser? A madrugada é a hora mais difícil. Acordo. O quarto está escuro, tenho apenas um risco de luz embaixo da porta.

Quando eu era pequenino, nas noites de sarampo, aquele risco de luz me fazia companhia. Era o traço de união com a casa. As sombras passavam, e eu reconhecia o jeito, o ruído dos passos. Depois, durante longo tempo, a linha de luz ficava inteira. Eu sabia, porém, que atrás daquele dourado limite estava a casa.

Hoje a casa está vazia; o traço de luz fica rígido e imóvel até que o dia o reduz a uma secundária e medíocre amarelidão. E eu fico acordado, esticado, olhando a fresta da porta. Às vezes apalpo as pernas, o peito e, pensando no monstro líquido que me devora, sinto-me infinitamente abandonado.

VI

30 de novembro.

Volto hoje ao nó que ontem não consegui desatar. O claro-escuro da morte é agora o problema capital de minha vida, se vida se pode chamar esse resto, esses quarenta dias que me concede a decomposição de meu sangue. Mas o número de dias não importa; o que importa, soberanamente, é resolver o cruciante problema. Pois, se não conseguir resolvê-lo, a minha morte será tão casual, tão acidental, como foi até agora minha vida. O câncer, na sua inconsciência, me atira de angústia em angústia. Como Eunice, na inconsciência dela, me jogava de aflição em aflição. Eu não serei autor de nada. Nada, nem um minuto de minha vida, nem o minuto de minha morte, terão a minha assinatura. E é isto que me parece intolerável!

Voltemos pois ao problema, ó minha alma. Estávamos nós entre a afirmação catedrática de Voltaire e a consciência boquiaberta de Machado. O certíssimo e claríssimo fato da morte, à medida que se aproxima, e entra no campo da pessoa amada, transforma-se em

absurdo. Temos portanto aí uma certeza que evolui na direção inversa das outras, uma bizarra certeza que foge da luz. Por que será? Qual será a distinção que instintivamente nós estabelecemos entre o Sócrates do silogismo e a nossa própria pessoa? Parece-me entrever um vislumbre de solução: na frase de Voltaire, como nos compêndios de lógica, o homem é aquilo que como tal se define; é o animal racional ou o bípede implume ou que outra definição lhe arranjem. Na página de Machado ou de Goethe, a pessoa — e já não digo amada — é uma outra realidade, vista em outra perspectiva. Não importa se continua a pertencer a uma inumerável espécie e a merecer a mesma definição. Era um homem-em-geral, como dizia Ivan Ilitch; agora é primordialmente outra coisa: um ser que existe, que tem consciência desse fato inefável, e que por essa singularidade não se cansa de dizer consigo mesmo que há dois universos distintos, o eu e o não-eu.

Onde eu quero chegar é que há muitos modos de ver um indivíduo. Passou lá na rua um soldado. Eu o vejo, e pela farda digo instantaneamente comigo mesmo: vai ali um soldado. Esta é a visão superficial dos acidentes, e é nesta, hélas!, que nós baseamos nossas hierarquias, nossos cálculos, e a maior parte de nossas esperanças. E é sobretudo nessa casca, hélas! hélas!, que reside a nossa vaidade.

Caio então em mim e corrijo, já com uma nota de respeito: não, ali vai um homem. Esta agora é a visão essencial, com que se tecem os silogismos, as frases grandiloqüentes, e as afirmações catedráticas. Mas cuidado! cuidado, ó minh'alma. Não vês que essa visão não agüenta uma certa fixidez? Não vês que há nela não sei quê de irrequieto, de misterioso, que a faz oscilar? Se não, consideremos. Ponha ali na cadeira o bom Dr. Aquiles, que não sabe mentir sem modificar o corte da boca. E pergunte-lhe se é lícito matar aquele homem para extrair dele o seu baço perfeito, na hipótese de estar localizada nesse órgão a minha enfermidade. Eu teria tanta coisa interessante que fazer e dizer, se me dessem o baço do soldado! O Dr. Aquiles dirá logo que não é lícito dispor da vida de um homem. Mas por quê? Pelo fato de ser animal racional, bípede implume ou que outra definição lhe atribuam? Não. Basta dizer “uma vida de homem”, para que sintamos na alma uma particular ressonância. A menos que ande no ar um vício profundo, todos sabem que uma vida de homem é algo de sagrado. Mas por quê? Procedamos com cautela, prestemos atenção, toda a atenção às ressonâncias que as palavras despertam em nossa alma. Eu disse há pouco: ali vai um homem. Mas essa realidade tem dois lados. O indivíduo que agora dobra a esquina não é o homem-em-geral. É um homem. Um. Resta saber que sentido tem este um. Se numérico, o objeto de minha percepção entra nas estatísticas, e a definição emagrece. Mas se dou a um o sentido de único, de concreto, de completo, de particular, de

substancial, de excepcional, de separado, de total, então a minha visão essencial se alarga e eu me surpreendo a indagar: quem é aquele homem? E eu sei, e todo o mundo sabe, antes de ficar possuído de delírio coletivista, que essa é a pergunta fundamental que uma alma inteira, com leucemia ou tuberculose no corpo, pode formular, quando vê na calçada fronteira um ser ereto, que se move contra todas as recomendações de estabilidade mecânica, e que às vezes, como aquele que vejo — agora um civil — ainda se permite a fantasia de coçar a perna com o outro pé, enquanto os braços no ar resolvem uma tríplice integral que restabelece o equilíbrio comprometido, enquanto lá no alto dessa absurda torre de ossos e carne o gajeiro vigilante dirige duas objetivas castanhas para a silhueta de uma moça que passa... Ai que me perdi de novo! Escorreguei nas impressões.

Voltemos atrás e recapitulemos as sucessivas gradações de nossa exploração. Vi primeiro de raspão: uma farda. Vi depois de um modo mais envolvente: um homem. Agora estou verrumando, tentando uma visão mais penetrante, em busca do quem, do singular, do concreto, do existencial, da pessoa. Quem será aquele ente, único e insubstituível, que me andava a despistar com as aparências marciais, e a me propor a evasão para o domínio das idéias gerais onde a morte é aceitável? E eu, quem sou eu? Estamos no centro imóvel do ciclone. Detêm-se aqui as aparências, apagam-se os adjetivos, e eu me procuro na escuridão como quem às apalpadelas procura guiar-se à noite entre os objetos familiares. É em mim mesmo que devo encontrar o termo daquela visão pessoal. Só poderei entender o outro se a mim mesmo me entender. Pode ser que o processo inverso me facilite a pesquisa, isto é, que na face do outro, como num espelho, eu descubra o segredo da minha. Não foi isso que eu procurei nos olhos de Eunice? Pode ser. Mas o verdadeiro e definitivo contato só é possível dentro de mim mesmo. Se eu descobrir quem sou, verdadeiramente, nuclearmente, estarei então armado para atribuir ao outro essa eu-dade que o equipara, que o levanta diante de mim, para o amor e para o ódio.

Em outras palavras, a visão profunda do outro só pode ser atingida quando eu descobrir em mim mesmo a base, o princípio radical de nossa semelhança profunda. Tenho pois de cavar-me por dentro, tenho de descobrir o meu nome escondido, pobre! pobre Parsifal canceroso! para saber quem sou, e para saber, por transbordamento de amor, quem é aquele homem que passa.

E a morte? Onde ficou a morte em todo este filosofar? Que relação existe entre o mistério da pessoa e os trinta ou quarenta dias que me são adjudicados? A relação existe. Deixamos para trás a certeza da morte, que é luminosa na visão essencial, e que evolui em proporção inversa da

evidência, transformando-se em surpresa, em estranheza, em repugnância, em estupor, à medida que emerge a realidade da pessoa. Concluimos pois que há na pessoa, no mistério da pessoa, uma força que empurra a morte para trás, que recusa a morte, que denuncia a morte como um espantalho de contradição.

Estarei eu descobrindo que a alma é imortal?

VII

1 de dezembro.

Não me devo iludir: a solução de ontem me deixou no mesmo desamparo. Tomando, como hipótese de trabalho, a idéia da imortalidade da alma, vejo claramente que certas antinomias se resolvem, que desaparece o aberrante choque entre a morte e a vida, e que uma filosofia razoável se substitui à filosofia do absurdo. Vejo finalmente que o sentido da vida emerge da confusão.

Vejo tudo isto claramente. Claramente demais. E por isso mesmo a idéia me parece uma imposição de fora, um casamento de conveniência, uma demonstração ao quadro-negro de um problema de amor. Chego a dizer com Kierkegaard que “quanto mais me demonstrarem a imortalidade da alma menos creio nela”.

Que quer isto dizer? Terei eu um ceticismo que me leva a descrever das operações da inteligência, e que prefira a penumbra à claridade, como parece que seja o gosto de um Heidegger, e mesmo de Kierkegaard? Não. Não é bem essa a dificuldade. Se realmente me repugna a iluminação crua do cartesianismo, não me atraem as obscuridades dos filósofos germânicos. Mas o fato é que não consigo vencer a distância que me separa daquela hipótese tão cômoda e tão indicada para a minha leucemia. Fico também frio diante da demonstração metafísica onde se vê que o homem espiritualiza o que apreende pelo conhecimento, e de onde se deduz que, sendo espiritual a apreensão, espiritual será a potência, e espiritual será a própria alma, concluindo-se daí a incorruptibilidade, e portanto a imortalidade.

A demonstração racional vem ao encontro dos mais profundos instintos, e vem resolver o estupor da idéia de morte. Como se explica então que toda essa admirável concordância, e mais o que me reste de minha fé católica, me deixem indiferente? Sim, neste ponto não tenho dúvida: tudo isto me deixa na mesma mortal aflição. Sim, esta certeza, esta espécie de certeza não me dá o menor auxílio quando à noite me

apalpo e penso na terra que vai cair em cima de meu caixão.

Eu imagino como nos romances de capa e espada, o condenado à morte, que já no patíbulo, com a corda no pescoço, recebe o perdão do rei. Eu imagino o tumulto de alegria em sua alma. Perdoado! Viverá! O mundo se torna cordial; as casas, as árvores, os homens, o céu azul, tudo volta a se unir harmoniosamente em torno daquele centro ameaçado de morte. Eu imagino bem esse júbilo transbordante, essa explosão de vitalidade; mas a mim não me diz nada, não me toca, não me move, esse documento de absolvição que chega com o selo da filosofia. Duvido então do que me diz a razão? Não. Não duvido. Não digo que esteja errada a metafísica; não recuso a conclusão. Mas o que acontece é que ela não me entra, não se funde comigo mesmo.

Aí é que mora a grande dificuldade: a inteligência não é a alma toda. Brilha a ponta mas continua obscura a substância toda. Daí a contradição. Falta naquela conclusão dos filósofos não sei que dose de afetividade que a torne assimilável: falta naquela luz não sei que graduação tamisada, que véu, que a proporcione à fraqueza de minhas pupilas; falta, enfim, todo um condicionamento amoroso que possa vencer a crispação que me divide de mim mesmo.

Como o indivíduo que deseja ardentemente comer para recuperar a saúde, e ao mesmo tempo não sente o menor apetite sem que o desejo mais alto possa vencer a repugnância inferior, assim também eu, com enfado e inapetência, afasto o pão que me oferecem... E não insistam, ó filósofos! Não insistam, ó apologetas! Para que a violência não me obrigue a repetir com Kierkegaard: quanto mais demonstrarem menos creio.

VIII

3 de dezembro.

Encontrei o Pedreira, que me comunicou com alegria que está acabando seu livro sobre dielétricos. Absorvido pelo assunto, não fez reparo na minha magreza e não perguntou pelo Dr. Aquiles. Conversamos de campos elétricos, e eu fiquei de passar, um dia desses, pelo seu laboratório.

O Pedreira está acabando o seu livro. Eu também estou acabando, mas acabando o quê? O livro do Pedreira, quando estiver terminado, estará completo, inteiro, perfeito. Estará bem terminado. E eu? Que ficará de minha vida na hora de seu termo? Não lamento o livro que não escrevi;

não, eu pergunto o que ficará da vida, da própria vida como obra, como coisa feita, no momento em que eu fechar os olhos. Que ficou desde já? Uma lembrança evanescente, uma ressonância que se espalha no ar.

Naquele dia em que dei um soco na mesa e gritei para Eunice “estou farto! vai-te embora!” o ar entrou em vibração. Em ondas concêntricas evoluiu-se minha ira, saiu pela janela, como pássaro tonto, esbarrou ali no muro, contornou acolá o tronco da amendoeira, e ganhou as alturas. Continuam as moléculas o seu jogo, cada vez mais tênue, e cada vez mais misturado com os outros movimentos, com os outros acasos, até o dia, dentro de dez anos, de mil anos, em que um resto de frêmito volte a passar, de leve, trazido por uma brisa do entardecer, nos finos cabelos de uma jovem pensativa, que nunca, nunca poderá saber adivinhar, que dentro daquela carícia do vento vem escondido o último queixume, dinamizado, molecular, de um pobre coração apaixonado.

Que ficará das palavras que eu disse, com ternura ou com furor? Que ficará dos gemidos que escondi, dos gestos, dos passos, das idéias, dos projetos... ah! que ficará dos projetos que fiz? Pois convém notar que eu fiz mais projetos na vida que o Pedreira no seu livro. Sonhei uma ordenação dos capítulos, perdi-me em variantes, cancelei, retomei, rasurei, emendei, corriji, e agora? agora chego à tipografia com as mãos cheias de pó; ou ainda pior, a sobraçar com a circunspeção dos doidos um invisível e imponderável manuscrito. Ou então, reduzo tudo a três palavras de epitáfio, que entrego ao marmorista, como o insensato escritor que chegasse à editora, e com gestos misteriosos tirasse do fundo do bolso dois centímetros de papel dobrado com a palavra FIM.

A música também transcorre no tempo, e acaba morrendo. Mas que diferença! A música morre perfeita, morre quando atinge a inteira perfeição. Jorra, mas enche uma medida. A vida não. Jorra e não enche. Acaba e não deixa coisa alguma acabada. Que sentido tem isso? Eu imagino um escultor que me viesse dizer: “acabei minha estátua”, e me apontasse no chão a varredura esbranquiçada de seu mármore. Eu imagino o arquiteto que me anunciasse: “acabei o meu prédio”, e me indicasse, num largo gesto filosófico, os detritos de sua arquitetura em decomposição. Eu imagino o pintor que me declarasse: “inauguro hoje a minha exposição”, e piscando o olho me mostrasse uma por uma as telas cobertas de fúnebre fuligem. Pois eu também aqui estou aprontando o meu vernissage.

Venham! Dentro de um mês ou dois, esse croquis estapafúrdio, onde ainda se vê um relógio, um olho, um violão, uma perna de Eunice, uma bola de Raul, uma chuva de lágrimas, um mar de sonho com brancas faluas ligeiras, eu o terei lambuzado de preto, para acabar, deixando a um

canto o espaço em branco para que os amigos escrevam: “saudades”.

A conclusão que tiro é que a vida e a morte são heterogêneas, e que a vida não se pode tomar como um objeto de arte, música ou poema, como insinua o filósofo que diz que o homem é uma existência para a morte. Se a nossa vida fosse um poema, a morte seria o termo. Se fosse dança, o último passo do exausto dançarino mereceria o aplauso das galerias angélicas. Se alguma coisa tende impetuosamente para um termo, é a arte. O poeta não é somente aquele que morreria se não escrevesse, como ensina Rilke; é antes aquele que deseja acabar, que deseja morrer com seu poema, dar tudo, dar-se todo, afundar com seu navio fantasma. Digo do poeta o que Rilke dizia do homem em geral: “c’est quelqu’un qui s’en va”, alguém que se despede, que se despede em cada todo que realiza, inteiro e completo como um ovo mágico. Na poesia, sim, a idéia de termo e de morte se casam. Cada poesia é uma boa morte. Um testamento novo. Uma vitoriosa agonia.

Por que não posso trazer para a vida essa idéia, sem logo chegar ao absurdo, ao heterogêneo, ao ridículo? Por que, na vida, esse despotismo do accidental? Disse o mesmo Heidegger que o homem, em qualquer situação, está sempre maduro para a morte. Eu, porém, o contesto: a morte é sempre accidental, e colhe sempre a vida no meio. É uma interrupção sem sentido. Compreendo que o filósofo queira reduzir todo o problema do homem a um só absurdo, o da morte. Mas na verdade são dois: o da vida e o da morte.

Tentemos outras direções. A vida não é um poema; não tem a inteireza de um bailado; não se completa como a música. Mas será, quem sabe? uma coleção descontínua de momentos, com intervalos mais ou menos prolongados e mais ou menos insípidos. O conjunto será confuso, como as obras completas de um autor que tenha andado por caminhos diversos; mas os pedaços, os volumes, serão compreensíveis e razoáveis. Vem a morte e deixa um resto, como em gaveta de laborioso escritor que não teve tempo de rasgar seus abortos. Mas o que ficou, ficou.

O que devo fazer é o inventário de meus momentos, o índice de minhas obras completas; e contentar-me com essa descontinuidade. Como epígrafe escreverei: “É isto o que se leva desta vida”. É assim que a maior parte das pessoas costumam dizer nos dias da velhice: casei minha filha, consolidei minha fortuna, posso morrer em paz. E é curioso notar que nessa decomposição da vida concordam os dois tipos de homem que mais violentamente se opõem, o burguês, e o antiburguês que vive como se a vida fosse poesia.

Examinemos nós essa nova proposta que já se anuncia com prospetos

tão contraditórios. A vida será descontínua. E agora, fazendo o inventário dos meus instantes de vida encadernados, eu poderei dizer se fui ou não feliz, se valeu ou não valeu a pena nascer. Pois convém lembrar que eu, como moribundo, estou numa situação privilegiada para julgar a vida. Disse Ovídio, nas suas Metamorfoses, que é preciso sempre esperar o último dia de um homem, porque de ninguém se pode dizer que foi feliz antes do óbito e dos funerais; donde Montaigne tirou seu ensaio com este título: “Qu’il ne fault juger de nostre heur qu’après la mort”.

Não. Nem eu, com todo o meu câncer, poderei gabar-me de ter sido infeliz. Pelo que dizem o poeta e o ensaísta, ainda é prematuro qualquer julgamento; e assim como Príamo foi desventurado depois de uma longa vida venturosa, pode acontecer comigo o contrário. Nesses trinta ou quarenta dias poderei eu descobrir o segredo que autorize o Dr. Aquiles a me passar no mesmo papel o atestado de óbito e o de felicidade.

Mas, se é descontínua a vida, por que serei eu sempre o mesmo, por que a continuidade da consciência e a consciência da continuidade? Não vejo o nexó necessário entre essa acabrunhante mesmice e a estonteante diversidade dos momentos da vida. Em outras palavras, se a vida é descontínua, então ela será heterogênea com a minha alma, e cá estamos nós diante de um novo absurdo que me divide de mim mesmo.

“O melhor é não pensar!”. Estou vendo com a imaginação mil fisionomias a me torcer o nariz, mil narizes, com esta superior conclusão: o melhor é não pensar. Não pensar em quê? na morte? na vida? em si mesmo? Nesse caso é preciso ter um cuidado extremo de não pensar em nenhuma dessas três coisas, porque cada uma puxa as outras. Não sei se isto é possível. Há pessoas que se gabam de não pensar. Por outro lado, porém, dizia Sêneca que a única maneira de se libertar da obsessão da morte é enfrentá-la, e pensar constantemente nela. Cícero também ensinava que a filosofia é o aprendizado da morte. Estes, creio eu, gabavam-se em sentido contrário; mas eu posso dizer que ainda não experimentei em mim a eficácia de suas receitas. Quanto a não pensar, talvez exista um certo modo de não pensar na morte, digo na própria morte. Mas esses, que não pensam na morte, já a trazem consigo, recalcada, engolida, a comandar, como eminência parda, todos os atos desconexos da vida. Um medo difuso estará no seu sangue, morte dissolvida, morte contínua. E essa pessoa terá um medo profundo, pânico, irracional, de uma porção de coisas miúdas: terá medo de ficar sem dinheiro, medo de perder o prestígio, medo de não ser eleito, medo de cair em exercício findo, medo das correntes de ar, de inflação, de saleiro entornado... Mas então — ó monstro, ó caos, ó confusão — o absurdo te divide agora de ti mesmo. O eu e o eu são heterogêneos, e mal

se compreende que tenhas um só coração. Por que será — se tua sorte é essa de se enroscar e de fazer de morto, como os insetos — por que será que sonhas amor, generosidade e heroísmo? O homem-que-não-pensa vai ao cinema três vezes por semana. No celulóide ele encontra um pequenino empréstimo de grandeza: é heróico com o herói, amoroso com o apaixonado, magnânimo com o forte. Depois volta para casa, de braço dado com a sua morte. Por quê? Por quê? Por quê?

IX

6 de dezembro.

Foi há dois anos. Na minha solidão surgira uma esperança: a idéia de procurar os moços, os incontaminados, para retomar com eles “la diritta via”, para fugir com o auxílio deles à selva obscura que me encaminhava aos infernos, sem as especiais imunidades do florentino. Quem sabe? Talvez fosse possível, juntos, descobrir o segredo que me fugia. Talvez fosse possível, com o sangue novo deles, edificar alguma coisa sem a mentira odiosa que dissolvera meus ossos. Além disso, dizia-me o coração que eu nascera para ensinar, pregar, convencer, congregar, para andar no meio deles, de muitos filhos, e para ser procurado por eles, todos os dias, todas as horas, numa velhice fatigante e fecunda.

Procurei pois os moços. E eles vieram, os poetas, os músicos, os sonhadores, os machucados.

Hoje à tarde, tendo descido à biblioteca, achei-me de repente cercado de evocações. O salão povoa-se de sombras; os ecos adormecidos se levantam; e diante de mim começa a desenrolar-se um estranho bailado.

Estamos num terceiro ato. Vejo crianças brotarem do chão, desabrocharem como densa fumaça que por encanto ganham desenho e cor. Vejo lírios nascerem, crescerem — como crescem depressa! — e logo depois penderem nas hastes frágeis, como lívidos enforcados. Num jardim de teatro, Parsifal passeia entre flores, entre crianças-flores. Mas esse Parsifal é bem diferente do outro. É um moço de olhar ardente, que me faz gestos incompreensíveis do fundo da cena, gestos de sonho, parecendo-me dizer que tem pressa, muita pressa de ir aonde o chamam. Quero adverti-lo que espere, que pise com cautela, mas não consigo mais do que um gemido estrangulado, como nos pesadelos.

Entra então um outro moço, vagaroso, sorridente, com meneios de dançarino. A mulher gorda e fulva corre ao seu encontro na ponta dos pés — de onde saíra? — e oferece-lhe sem pudor uma rosa escarlate.

Dançam; trocam palavras mimosas e pipiladas, cujo sentido me escapa. Ia eu avisá-los que o jardim era vivo, que estavam pisando pétalas encantadas, quando se ouve na rua buzina estridente. Abre-se a porta, e uma dúzia de personagens com blusas flácidas e multicores invade o cenário. O que vinha na frente, abrindo o cortejo, empurrava um carrinho cromado com duzentos mil discos de Prokofiev, César Franck e Scarlatti.

Deitam-se todos no chão. A mulher fulva e gorda, de onde estou, lembra o Gigante de Pedra, com a diferença de ser muito claro, louro, sardento, e com um vulcão de boca pintada onde deveria estar o Bico do Papagaio. Ficamos assim, duzentos anos, bebendo Coca-Cola e ouvindo duzentos mil discos das mais finas gravações inglesas. De vez em quando chora uma criança pisada; e no disco oitenta e quatro mil duzentos e cinqüenta e três, sai pela porta dos fundos um sexagenário curvado, e vai lá dentro suicidar-se.

Acelera-se então o número de rotações da vitrola, e todos começam a brincar de corrupção, com música de Villa-Lobos. Mas alguém sugere uma nova facécia mais nervosa e mais desesperada: uma espécie de quadrilha de antanho, em que os pares se fazem e se desfazem indefinidamente, mal durando o tempo de um beijo cada conjugação.

Aflito, quis dizer qualquer coisa, advertência ou protesto, quando de repente, no meio de um silêncio que parecia uma enorme pausa de Beethoven, ouviu-se a voz do contralto que me apostrofava com um ardor contido e majestoso. E num desmensurado close-up um rosto claro de moça cobriu o resto da cena. Quem era? Quem era essa mulher que me afrontava com tamanha autoridade? Deveria eu chamá-la de filha ou de mãe?

— O sentido da vida?! disse com voz pausada a clara aparição, quem ousa pedir-nos contas do que fazemos nós da vida? Nós dançamos e cantamos. E desafiamos céus e terra que nos provem que não devemos dançar e cantar. Quem tem razão é a cigarra da nova fábula imortal, da verdadeira lenda da poesia e da vida. Dançamos e cantamos com fervor, porque cremos na vida. A vida é tudo. Tem um valor infinito: mas não tem sentido nenhum. A vida! É um tudo infinitamente aberto, para todos os lados, como o vento das planícies, como os horizontes do mar. Mas sentido não tem. A vida é para ser vivida, em todas as direções: como a luz; para ser respirada, em todos os momentos: como o ar.

— O que tem sentido, interrompeu o moço magro, de azul, que se encarapitara no peitoril da janela, o que tem sentido é o bonde das sete e quarenta e cinco, é a fila, o relógio-de-ponto, a exposição-de-motivos, e

de sete em sete dias o hebdomadário bocejo de um domingo vazio!

— Não me falem no futuro, continuou a mulher de clara face, não nos falem de caminhos com marcos de pedra numerando as idades. Não nos tapem a luz. Não nos roubem o ar. A vida? Nós a queremos translúcida e respirável; nós a queremos imensa, gratuita, envolvente, penetrante. Nós a queremos assim, toda, sem sentido! O moço de olhar ardente, que se despedia de mim com gestos de mistério, achou que devia falar:

— Se alguém nos perguntar “aonde vão?” nós nos calaremos. Querem que eu diga, com voz de menino, que vou correndo em busca da felicidade? Essa idéia de criança ficou enterrada no último buraco que fizemos no fundo do quintal. Morreu a criança. Está enterrada dentro de nós. Morreu a criança. Morreu a felicidade. Morreu a alma da vida; e o que dela disserem, os que não têm sequer o pudor do aborto consentido, é a mais deslavada mentira, contada no pior estilo pequeno-burguês. Fazem-lhe agora um pomposo mausoléu que lembre, nas formas declamatórias e torcidas, nas colunatas e capitéis, o quê? — um efêmero coração de passarinho que viu um dia, em sonho, o relâmpago azul das bem-aventuranças! Que felicidade é essa agora que nos propõem, e que deve ser atingida com a marcha esfregada das lesmas? Que relâmpago é esse que precisa ser reconstituído com pedaços de vidro apanhados no chão? Branca de Neve morreu. Morreu mesmo. Nem o choro dos anões, nem o beijo do príncipe encantado será capaz de arrancar-lhe da boca a sufocante maçã de seu primeiro pecado.

E agora? Agora nós somos gente grande. Estamos de pé, perscrutando os horizontes. Somos adultos. Falamos como adultos. Adultos que sabem que Branca de Neve morreu. Entremos pois na vida com pés impacientes. Resolvamos aqui mesmo, desde já, o problema de hoje. A vida é para ser vivida, e não pensada, e não esperada, e não preparada. Não podemos aguardar indefinidamente a promoção dos vivos, nem protelar a cobrança do que nos é devido. Se existe alguma coisa, tenha o nome que tiver, queremos-la já. E eis-nos aqui, credores duros, credores implacáveis, prontos para a cobrança executiva, para o leilão do universo, e para a penhora de Deus! Todos bateram palmas quando o moço acabou de falar. Serão palmas ou serão bofetadas? Estaria eu num teatro, ou no centro de uma arena, insultado e apupado? Ah! essas agora são palmas verdadeiras, de teatro, e o personagem que me aparece, vestido de ouro e veludo, é Macbeth, que acaba de saber neste instante que Lady Macbeth morreu.

— “Life is but a walking shadow...” A vida é apenas uma sombra que vagueia.

— “... it is a tale told by an idiot full of sound and fury signifying nothing!”.

É uma história contada por um doido, cheia de rumor e furor, mas sem sentido nenhum.

X

7 de dezembro.

Teria eu uns doze anos quando um dia me assaltou a mente, com particular relevo, a idéia de que o mundo já existira sem mim. Essa idéia é aparentemente trivial, pois nenhum de nós, em são juízo, pretende ter sido companheiro de armas de Carlos Magno, ou tripulante da caravela de Cristóvão Colombo. O mundo, evidentemente, era mais antigo do que o menino que suspendia o brinquedo para olhar em volta de si com estranheza; ali estavam as pessoas mais velhas, as grossas árvores, as casas, as montanhas, tudo a me falar de uma história anterior e de um cenário anterior. Mas o caso é que eu, de repente, achava muito esquisita essa idéia tão simples. As pessoas mais velhas tinham um privilégio perturbador: bastava-lhes querer, para que dentro delas se armasse um mundo em que eu não era, nem havia necessidade que fosse.

Pedia então à mamãe:

— Conta uma história de antigamente.

Ela contava. A gente grande virava criança, os mortos saíam das sepulturas, e as crianças como eu, nesse recuo, mergulhavam na morte branca do não-ser. E de todas as transmutações era essa a que me parecia mais incompreensível. Na história que minha mãe contava, os personagens não davam por falta de mim; ninguém esperava por mim. Os mortos mais mortos, que não chegavam a emergir na data do episódio, eram todavia lembrados, e lá estavam presentes pelos ecos e vestígios. Havia o Barão, a tia Elvira, que fora ao baile da Ilha Fiscal, o Juvêncio, negro legendário pelos exemplos de fidelidade e dedicação. O nome deles, a saudade deles entrava na história. A marca deles. Eu não. Naquela cena vagamente amarela, que eu via desenhar-se atrás da testa de minha mãe, revivia um mundo em que eu não era; nem havia necessidade que fosse.

Estava a mamãe nos seus onze anos, e ainda brincava com boneca, quando tia Dulce se enamorara do lânguido Tancredo contra a vontade dos pais, que o suspeitavam de ter mais caraminholas na cabeça do que

dinheiro no bolso. Corria à boca pequena que era poeta; não podia dar bom marido. E efetivamente não deu, como se viu muito mais tarde, embora por motivos outros, em que eram inocentes as musas. Tancredo revelou-se o que naquele tempo se chamava um traste. Grosseirão, indolente, cortejador de criadas, fez da vida de tia Dulce o martírio, que ficou estampado no seu rosto até o dia em que eu, já nascido, já encarnado, já concretíssimo, comecei a desconfiar dos disparates que andavam nos corações da gente grande.

Mas naquele tempo eu não existia. Minha mãe brincava com boneca. Se por hipótese alguém lhe gritasse ao ouvido o meu nome: José Maria! José Maria! ela não teria nenhum sobressalto materno. Eu não era. Nem havia necessidade que fosse. O ar do mundo não tinha o menor frêmito que me denunciasse e que me anunciasse. Não havia um papel caído no chão de que pudessem dizer: foi o José Maria. Não havia um livro esquecido numa cadeira de que pudessem afirmar: é do José Maria. Nada. Nada. Um nada branco, transparente, inocente, indolor. Um não ser de que ninguém se poderia lastimar, de que ninguém se poderia espantar... Espantava-me eu. Olhando para trás, eu tinha vertigens. Eles não; aqueles personagens do tempo do Império, por mais que olhassem para a frente, não sentiam nada que me dissesse respeito. É claro que mamãe, brincando com boneca, pensava nos filhos que teria; mas era nos filhos-em-geral que ela pensava, e não em mim, José Maria, único no gênero, como lá diz o Miguel Unamuno de si mesmo, e com muitíssima razão. Se o Tancredo fosse efetivamente poeta, como suspeitavam meus avós, deduzindo o estro das barbas frisadas do pelintra, ele poderia ter dito da mamãe o que Michelet disse da futura mãe do Príncipe Condé: via-se no olhar da moça um fulgor de Rocroy. No olhar manso de minha mãe, Tancredo, poeta, não veria clarões de batalha; mas bem poderia vislumbrar a lividez de meus ciúmes e de minha leucemia mielóide aguda... Mas para isso era preciso, além da hipótese da poesia, uma outra hipótese mais grandiosa: a de que houvesse no mundo uma imperiosa necessidade que eu fosse. Mais tarde, quando perdi o senso metafísico da infância, e me extraviei no mundo dos fenômenos, pareceu-me que o universo era um maquinismo sem acasos. Cheguei a pensar que já havia alguma coisa de mim na primitiva e ardente nebulosa. Consignei a idéia em soneto. Era mister que fosse, antes de ser. Estava na ordem do mundo, na obrigação da ordem do mundo, que eu nascesse. Havia empenho, nas moléculas, nos átomos, nos elétrons, de se agruparem disciplinadamente no corpo do menino que ia nascer no dia 13 de março, no fim do século, durante a semana santa.

Mas aos doze ou treze anos este determinismo ainda não me surgira e hoje o que dele subsiste é cinza e confusão. Ficava-me então, como hoje me fica, com agravo de angústia, esse sentimento de desamparo, onde o

meu nascimento tem qualquer coisa de inaugural, de imprevisto, de gratuito, que muito mais ainda do que a idéia de morte me deixa a consciência boquiaberta.

A morte dos mais velhos — tia Dulce, mamãe, papai, tio Afonso — amortece muito em nós essa idéia de ter surgido quando já ia em meio essa tumultuosa conversação, que é a história do homem. Lembro-me da aflição em que fiquei quando vi fecharem-se os olhos da última testemunha de minha infância, a velha Catarina, que criara a mamãe, e que se obstinava em sobreviver. Morreu com oitenta e sete anos, velhinha, sequinha, e eu me achei despedaçado de tudo o que ficara para trás. Nunca me senti tão adulto, e tão só.

Ah! a velhinha morta no seu berço
Com o terço na mão!
Sementes de ave-marias penduradas
Num galho murcho e curtido
Caído
No chão.

Nunca me sentira tão autônomo e tão sem mim-mesmo. Catarina levava em seu caixão um monte de vida perdida — e era justo que levasse. Pois minha infância era mais dela do que minha. Era o seu tesouro. O que eu ia atirando fora ela ia guardando... ah! a velhinha guardadeira! É claro que não era para si mesma que ela apanhava no chão as lembranças caídas. Era para todos, para a serventia geral da casa. Para o que desse e viesse. Guardava meus risos como guardava os botões, porque era preciso que alguém guardasse o que todos perdiam.

Expulsa de mim, morava nela a minha infância, inteira, intata, verdadeira. Atrás da testa engelhada, eu continuava a correr em domingos de sol. Sua alma era um baú enorme onde cabia tudo. Cabiam papagaios soltos, barra-manteiga, chicote-queimado. Lembranças desbotadas, suavemente amarelas. Doenças. Tombos. Você se lembra, Catarina? Catarina está ficando velha, mas não esquece. Velha por fora, cada vez mais velhinha, mas por dentro cada vez mais louçã,

mais clara, mais lisa.
Ah! a velhinha crestada, queimada
pelo seu próprio coração. Queimada viva!
As rugas da alma foram subindo docemente,
bolha por bolha,
à tona da pele engelhada
(de renda e de folha)
numa transfiguração!

Naquele tempo eu não sabia (juro que não sabia!) que estava dentro dela um mundo imenso, um mundo de prodígios — um mundo que não era este mundo — em que eu continuava criança a correr numa lembrança inextinguível. Um mundo fora e dentro deste mundo. Andando pela casa. Varrendo. Indo e vindo. Familiar. Ao meu alcance. Catarina! Eu chamava, e vinha um mundo. E atrás, um mundo ainda maior! O mundo anterior; em que eu não fui. O mundo em que eu não era...

Seu corpo seco, enxuto, murcho,
era um cânhamo torcido,
esticado e lançado sobre vales profundos.
Sua mão cerzia os anos.
Sua alma era um nó entre dois mundos.

Minha infância — eu já disse — era mais dela do que minha. Sem que ela reclamasse, é claro, esse direito de reter. Guardava para o que desse e viesse; para servir.

E agora? Quando viva, minha vida era suspense e gratuita. E eu não sabia! Estava nela o meu segredo, o sinal, a explicação, o nexo, e a mistura — sim, a composição metafísica de ser e de não-ser de onde eu nascia continuamente. Os dois mundos. Os dois mundos se casavam, se confundiam, e eu vivia a nascer, a crescer, a jorrar inextinguivelmente.

E agora? Catarina! Catarina!! Ca-ta-riiii-na! Você não ouve, criatura? Você ficou surda?... Catarina, onde é que você botou minha infância? Doravante eu era adulto, irremediavelmente adulto, sem nenhum nexo, a não ser os livros, as estampas, as estátuas, sem nenhum nexo com o mundo em que eu não era. Aferrei-me à convicção de que havia no universo uma absoluta necessidade de que eu fosse. Assim, calava-se a minha angústia, e eu me instalava, deus solitário e melancólico, no centro de um universo feito para mim.

Volta-me hoje, porém, à medida que se aproxima o outro nada tenebroso, o mesmo sentimento infantil de dependência total. Mais do que nunca, sinto-me suspenso. Entre um acaso criador e um acaso destruidor. Entre um nascimento incompreensível e uma morte incompreensível. Solto. Desamparado. Ontem caio por acaso num regaço que se abre; amanhã numa pedra que se fecha.

E o pensamento que me tortura é o da minha esterilidade.

Tendo acordado hoje um pouco mais bem disposto, não sei por quê, resolvi dar um pulo ao Ministério da Guerra, onde está um papel, há mais de mês, à espera de minha assinatura. Tomei por engano um bonde que me deixou na rua Visconde do Rio Branco, e achei-

-me diante de toda a largura do Campo de Santana. Como estivesse fresca a manhã, resolvi vencer a pé a distância que me separava do ministério. E entrei no jardim. Ia pensando mais na maçada do papel estampilhado do que nas árvores e na relva; mas logo aos primeiros passos, libertado da confusão da rua e do susto dos veículos, a paz do jardim me envolveu. Retardei a marcha. Respirei com prazer. E decidi comigo mesmo tomar férias de meus cuidados naquela curta travessia. Concluí que era bom ter um jardim no trajeto da burocracia. Todos os ministérios deviam ser assim, cercados de bosques, para que a alma se orvalho antes de chegar ao deserto de papel. Nos próprios corredores das repartições — se me dessem uma pasta por um mês — eu mandaria espalhar avenças e samambaias em vasos rústicos, com cheiro de terra.

Ia eu andando pelas alamedas. Como fosse curvado, era o chão, a areia e a grama em linhas curvas, simples, monótonas, que me filtravam na alma o deleite da segurança e da continuidade. O chão é bom porque emenda sempre no chão, porque continua, porque não se separa de si mesmo. Eu ia pensando na continuidade fiel que se alonga pelos caminhos do mundo. Diz o provérbio que todos os caminhos vão dar a Roma, o que não me admirava, abstração feita do mar, pois não via, naquele caminho liso que trilhava, nenhum motivo sério, essencial, de se deter antes de chegar aos subúrbios da Cidade Eterna.

O mundo mineral é compacto. Se os grãos de areia se destacam uns dos outros, nem por isso conseguem destruir a boa unidade, a bela solidez do mundo mineral. Já a grama era outra coisa. Vista de soslaio podia ser comparada a um largo e liso toque verde de pincel. Mas aquela folhazinha meio dobrada, que saía da orla e avançava na areia, bem denotava um princípio de insubordinação, uma tímida insolência de quem quer ser diferente das outras.

Olhei então para as curvas. Subi com os olhos por um tronco. Dividi a atenção pelos galhos. Perdi-me nas folhas inumeráveis. E a árvore, de repente, levantou-se diante de mim como um bizarro monstro imóvel e gesticulante. Saía da terra, do chão, à beira do caminho, para afirmar uma nova unidade. Separava-se do chão, das coisas; mas separava-se

mal, não logrando disfarçar a nodosa humilhação das raízes, e a caprichosa leviandade das ramas com que o vento brincava. Ainda estava à mercê da terra e do céu, pesadamente encarcerada, levemente submetida.

O caso da cutia era evidentemente mais sério. A cutia saltara de uma moita, e agora, ali em frente de mim, aplicava-se a roer atentamente um caroço de amêndoa. Seu pêlo lustroso, seu corpo encurvado, toda ela movia-se, ia e vinha, sem raízes presas e sem ramas expostas, numa autonomia graciosa e magnífica. A cutia era um todo; um todo completo, que andava, que saltava, que roía um caroço de amêndoa. Uma brusca separação desenhava-se nitidamente entre aquelas duas categorias: a cutia e o resto do universo.

Um biólogo, se ali me estivesse à mão, seria capaz de me explicar que o corpo da cutia, do pêlo às unhas, é composto de células em constante renovação; as quais células o químico, se viesse depois, pulverizaria em átomos; os quais átomos, para o físico, ainda se desmancham em elétrons, prótons, e outras partículas de matéria ou de energia. A cutia, em última instância, seria uma espécie de lugar geométrico, um fugaz conjunto dos grãos de que é feito o universo, agrupados no bicho segundo certas equações, ou meramente apoiadas em certas probabilidades, e assim mantidos, no nível do pêlo e das unhas, num precário e casual equilíbrio. O caroço seria outro conjunto de elétrons. O ato de roer seria apenas um movimento pelo qual um fluxo de partículas deixava a equação do caroço pela equação da cutia.

Aliás, pensando agora no testemunho de certos filósofos, eu estava autorizado a duvidar tanto da existência da cutia como do caroço. Se eu fechasse os olhos, aquelas coisas, não sendo vistas por ninguém, perderiam a cor e a forma. Que grande privilégio este, do homem. Basta-lhe fechar os olhos para que a cortina das pálpebras desça e encerre o drama do mundo.

Fechei então os olhos para experimentar se em mim era cabível, num recanto qualquer da inteligência, essa idéia de crer que o universo se desmanchava em grãos uniformes cada vez que eu piscasse. Ora, o que eu senti nesse momento, já esquecido da querela dos filósofos sobre a existência das coisas, foi algo de inexprimível, que me sugeria a idéia de ter experimentado, num relance, a substancial existência de minha alma. Tentarei uma aproximação dizendo que tive nesse fugaz instante um contato com o fato primordial que se impõe, quando se consegue realizar, por pouco que seja, a experiência do próprio eu. E esse fato primordial que se impõe, brutal, cortante, irrecusável, é o de uma separação; separação como outra não existe no universo; separação de

uma nova espécie, como não existe outra, desde as nebulosas espirais perdidas nos abismos dos céus, até a concha, nítida, recortada, perdida nos abismos dos mares; separação absoluta que se rasga entre tudo e esse misterioso centro fora de tudo, esse centro essencialmente excêntrico que se instala, enigmático, atento, solitário, à margem de todas as coisas, no limite extremo do nada.

Esse é o primeiro fato. Evidentemente, cada coisa tem seus limites, sua forma, e se constitui em exceção dentro do cosmos. Mas todas elas, cutia, árvore, caroço, ainda se banham numa coisa qualquer que posso chamar de espaço ou ambiente; ainda se comunicam. Eu não. Eu me excetuo de um modo novo, de um modo alucinante. E andando, eu carrego um tudo, um centro de tudo, que vai abrindo um sulco por onde passa, e cavando um abismo de totalidade e de solidão. Duas coisas existem, duas grandes categorias: o eu e o não-eu. Essa é a primeira intuição. Mesmo sem chegar ao delírio dos filósofos idealistas que acabam crendo numa única existência, a do eu, mesmo sem destruir com minhas pálpebras o Campo de Santana inteiro, eu sentia aquela separação esmagadora e inebriante.

Durou poucos segundos essa esquisita experiência. Quando abri de novo os olhos, dei com um indivíduo a dois passos de mim. Era um bêbedo. Oscilante nas pernas, plantado no meu caminho, estava a considerar com malicioso interesse e simpatia aquele cavalheiro que ficava parado na rua com os olhos fechados. Vendo que eu voltava à realidade do mundo, e que portanto já podia contar com minha atenção, o bêbedo tirou o velho chapéu num largo gesto patriótico, e exclamou:

— O petróleo é nosso! Nesse momento minhas cogitações sofreram um impacto brusco. Uma coisa nova estava diante de mim. Uma coisa incrível destacava-se do chão, da paisagem, de um modo quase igual, quase tão brutal como o recorte de minha alma, que eu acabara de sentir, quando tinha os olhos fechados. E atrás dessa coisa nova — uma face intumescida e avermelhada de ébrio — o universo inteiro era um imenso décor com árvores de convenção, tendo um bicho ao canto da moldura, supérfluo ou anacrônico, como os detalhes que um Veronese houvesse pintado em torno das Bodas de Caná; e atrás de tudo, no último plano da paisagem de pretexto, o Ministério da Guerra poderia perfeitamente ser um edifício de cartão sem que o assunto principal — a face túmida do bêbedo — sofresse qualquer diminuição.

Mal dei conta da tese nacionalista que o meu homem com tanto ardor sustentava. Já tenho observado que os bêbedos são quase sempre nacionalistas. Não sei por quê. No momento, aliás, o problema do petróleo pareceu-me insignificante. O que me prendia toda a atenção era

o choque, o susto, a admiração de ver, de repente, num relance, a espantosa duplicação do que eu acabara de ver com os olhos fechados. Era o espetáculo daquela coisa, a mais separada, a mais arrancada, a mais desgarrada, a mais terrivelmente isolada do mundo, era um eu, um outro eu, um não-eu que era um eu e que, por mais tonto que estivesse, levava atrás de si, de arrastão, um universo vassalo.

Atrás da face deformada pelo vício eu via, ou mais adivinhava do que via, uma outra face espectral, imprecisa, alucinante, como se me tivesse debruçado à borda de um poço de águas turvas e ondulantes, e visse lá embaixo, quase à superfície das águas, um enorme nenúfar, misterioso, ou um rosto de afogado.

E logo, naquele ecce-homo, eu descobria, aterrado, a minha própria imagem. Ele era o meu espelho. Eu era o seu espelho. O centro único de toda a criação pôs-se a dançar, pulando do meu mundo para o mundo do bêbedo. Houve um breve duelo entre dois eus. Cada um de nós dois dispunha de uma terrível arma secreta para fazer o outro desaparecer. Bastava-me por exemplo piscar; ou afrouxar não sei que molas da alma, para que aquela face perdesse bruscamente o relevo e se integrasse, como um mero adorno, no pitoresco da paisagem, ao lado do bicho, e contra a volumosa fachada do ministério. É verdade que o jardim estava povoado, e que outras pessoas passavam por nós: mas naquele instante em que os nossos olhos se cruzaram, o mundo inteiro se transformou num anfiteatro, côncavo e expectante, com dois gladiadores ao centro da arena.

Foi entretanto breve e inútil o encontro. O homem impacientou-se com minha imobilidade e seguiu seu sinuoso caminho, levando a melhores ouvidos sua tese sobre o petróleo. Eu prossegui também o meu caminho. Poucos minutos depois estava no quarto andar do ministério, diante do meu papel estampilhado, sem que ninguém ali pudesse, nem de longe, suspeitar que estava chegando das profundezas de um abismo.

XII

11 de dezembro.

O Pedreira apresentou-me a moça que estava sentada num tamborete, anotando as leituras de miliamperímetro.

— Luciana, a minha assistente.

E quando ela se levantou para cumprimentar-me, acrescentou:

— É o meu braço direito. Sem ela o meu trabalho não estaria no ponto em que está.

Luciana sorriu. E então vi... Sim, vi, vi, instantaneamente, diante de mim, em pé, verdadeira, existente, no seu avental muito branco, com bolsinhos que pareciam envelopes de boas notícias recentemente abertos, com botõezinhos azuis, em flor, a moça de mansos cabelos castanhos que eu deveria ter encontrado, há vinte anos, há trinta anos, para amar de um bom e suave bem-querer. Seu sorriso, como um doce relâmpago, iluminou-me uma imensa paisagem de possibilidades. Luciana existia. No décimo de segundo em que cabia a vida inteira, maravilhei-me descobrindo que existe, sim, existe o desejado. Luciana existia. Será ela mais formosa do que as outras mulheres que encontrei? Será mais bela do que a loura e gloriosa Eunice? Não sei. Sei que é mais mansa, mais extensa, mais branca. E eu perdi-me... Estive longe, por terras, por mares, tomando posse do mundo e da vida, com aquele vulto de linho a meu lado. Nem precisava voltar-me, para me assegurar, para falar-lhe. O essencial era que ela estivesse ao meu lado... Não! Nem isso. Nem isso importava. Nos anos que seu sorriso durou eu parti, deixando-a para trás, muito para trás, e sozinho, corajoso, aventurei-me por túneis tenebrosos e florestas fechadas. O essencial era que ela estivesse atrás, no ponto de partida, imóvel, estável, a me esperar... Não! Nem isso. Nem isso importava. O essencial, o verdadeiramente essencial era que existisse: e onde eu estivesse, no Oriente ou no Ocidente, nos pólos ou nos desertos, sua existência estaria iluminando as realidades, explicando os mares, interpretando os infusórios e as constelações. Eu viveria só, mansa Luciana, imóvel Luciana, numa solidão de grande brancura. Eu viveria só, como monge solitário, cercado de amor transparente, que se alarga, que se apaga, para deixar que a alma respire. Eu viveria... e eu vivi, nesse décimo de segundo, uma vida infinita entre quatro paredes brancas de uma cela, que tinham o frescor dos lençóis de linho nos dias de convalescença, e a intensa doçura dos silêncios amigos. Senti pousada em minha testa a mão de minha mãe; ouvi o sussurro de vozes das irmãs desejadas; e o mundo cresceu. Luciana cresceu, como crescem as madrugadas; e tudo se harmonizou, o mundo, a vida, naquele seio discreto em que mergulhava a correntinha de prata. Ó apetecida solidão! Ó amorosa brancura! Pedreira explicava-me, com detalhes, a sua última pesquisa sobre dielétricos. Fora visitá-lo a instâncias suas, porque ele precisava trocar idéias, ou melhor, falar de suas investigações, para que tomassem mais corpo, de realidade e de compromisso, nos ouvidos de outro. Mal perguntara por minha saúde. Disse-lhe que consultara o Dr. Aquiles, que era anemia, e logo ele entrou a falar de seus aparelhos.

Luciana voltou ao tamborete. Expirara o décimo de segundo. Dos umbrais de meu lampejo de vida eu disse adeus a Luciana. Ela passou.

Eu beijo ainda no ar o sopro de uma asa de andorinha... e acabou-se. A moça de vinte e oito anos que está de costas, sentada no tamborete, curvada sobre o mostrador do freqüencímetro, é apenas a graciosa assistente que me foi apresentada.

Eu saio do laboratório com meus cinqüenta anos em farrapos; e com o meu câncer.

XIII

12 de dezembro.

Vou pedir ao Dr. Aquiles que me faça uma transfusão, e depois me ceda um de seus fáceis navios. Partirei. Com sangue emprestado, e com um dos barcos da esquadra do doutor, eu partirei; e assim irei morrendo um pouco em Paris, um pouco mais em Viena, até o último dia, que imagino ao entardecer, entre as penedias de um Adriático de sonho.

Não podendo a medicina prolongar-me a vida, dilato-a eu.

Deu-me o doutor três meses, transformo-os em três anos, em três séculos, enchendo-os de movimento e de emoção. O que é o tempo? Uma espécie de espaço, uma espécie de vazio. O que é um mês? Um apartamento a ser mobiliado na quarta dimensão. Que me importa a exigüidade astronômica, física ou biológica dessas paredes que a ciência me traça? Acaso achava eu exíguo o quarto da Rua Ipiranga? Falta-me agora o amor, esse perfeito artista decorador dos momentos em ninho. Ou esse grande explosivo que de um beijo faz nascer um oceano. Não importa. Guiar-me-á na morte a poesia, como ao florentino guiou nas ladeiras do Inferno e nas escarpas do Céu. Vamos pois, ó minha alma. Reforcemos o sangue, preparemos os sacos da boa farinha, os odres do bom vinho escuro que reanimava Telêmaco, e partamos, partamos para a definitiva odisséia.

Onde estou? Que lugar é este onde cheguei? Que tarde quieta e única é esta, dourada no céu e verde no mar? Estamos chegando. Passo a passo, com extrema fadiga, aproximo-me da beira do abismo. Estou só. O mundo ficou para trás. O vento trouxe ainda pedaços do mundo, notícias soltas e rasgadas que dançam no ar. Ouço apenas o bulício, o frêmito do mundo efervescente dos vivos, que ficou para trás. Os pedaços rasgados que o vento carrega colam-se às penedias do basalto úmido; e eu leio as últimas notícias truncadas. Dizem que há uma guerra; que há incêndios; que moços caem como folhas; que ministérios se reúnem; que exércitos recuam. Há produtos farmacêuticos que

anunciam a felicidade. Há sorrisos de aluguel impressos nos cartazes do mundo.

Mas eu estou só. No lugar ermo, no recôncavo de pedra de um Adriático de poesia, eu vou andando, andando, fascinado pelo abismo. Debruço-me nas bordas do precipício. “O vento e o mar murmuraram orações...”. O vento, águia enorme que passa puxando o mundo com tirantes de couro que rangem nas asas poderosas... O mar, lápide imensa, em pórfiro e esmeralda... E eu, debruçado no abismo. Anoitece... Gritarei? Quem me ouvirá? “Quem, se eu gritar, me ouvirá entre as hierarquias dos anjos?”

SEGUNDA PARTE: OS RUBIS DE BURMA

I

14 de dezembro.

Despedi-me hoje das rosas desfolhadas. Da mocidade estuante de três dias atrás, e da maturidade esplêndida de ontem, eis o que ficou: quatro velhas, quatro loucas solteironas que ainda se pintam e se ataviam com pétalas impróprias para a idade.

Já disse eu que minhas rosas têm nomes? Dou-lhes nomes pessoais, de mulher, para libertá-las do indefinido da raça e da espécie. Fazem-me assim melhor companhia. A personalidade delas reforça a minha personalidade; e o ritmo delas alarga o meu ritmo.

Estas defuntas de hoje tiveram vida gloriosa. Chamava-se Fedra a primeira, era escarlate, trágica e voluntariosa. À segunda chamei Brunilda, por ser clara e vigorosa como uma heroína germânica. Isolda, noturna, aveludada, misteriosa, como perfume de amor e de morte, era o efêmero nome da terceira. Mas a mais bela de todas — ninguém diria vendo-a agora decrépita — era Ester, a rosa dourada e ereta, que tomava a dianteira de todas, para reclamar do Rei Assuero, cativo de suas graças, a liberdade da gente de seu sangue.

Le roi est mort, vive le roi: verdade para os tronos e para as jarras de opalina. Desde que me instalei neste planeta fechado, com cinco metros de diâmetro, as rosas têm passado como passam as dinastias, os

pontificados e os regimes, nesse outro vaso maior, mais rústico e confuso, que parece estar a um canto do universo, esquecido dos deuses.

Vejo-lhes as sombras. Lembro-me por exemplo de Susana, a rosa mais límpida e mais casta que já vi, com suas largas pétalas em concha, poucas e simples, claras primeiro, e depois mais coradas de um rubor de inocência, à medida que se apertavam a ocultar o botão, que nunca se abriu de todo, e nunca entregou seu segredo completo. Morreu sem desfolhar-se. Pudica, vestia-se com sua própria nudez, uma nudez sucessiva e concêntrica, que escondia com as pétalas abertas as pétalas fechadas... Passaram por aqui também Eunice, loura, cobreada, insolente; Catarina, rubra de sangue, dada e generosa; e no meio delas, na mesma água e nos mesmos dias, D. Antônia, uma rosa cor-de-rosa, grandona, familiar, profusa e maternal, esteve a falar-me de receitas de doces e de aniversários esquecidos.

Depois, nos piores dias da semana passada, entre duas rosinhas encarnadas, triviais e mexeriqueiras, abriu-se como um luar a branca Beatriz. “Funérea Beatriz de mão gelada, mas única Beatriz consoladora”. Quando ela pendeu, lívida, morta, pareceu-me que as outras, que se chamavam Sandra e Suely, falavam dela, de minha Beatriz, da morte dela, da sua palidez, do seu silencioso enterro, com a volubilidade inconseqüente dos freqüentadores de missas e câmaras-ardentes, que se julgam imortais.

Houve depois uma crise em minha jarra. Estando sem ânimo de correr em torno do mercado, e de resistir aos sadios portugueses que nos afrontam com quilos de dalias e metros cúbicos de gladiolas, ficou-me vazia a jarra durante dois dias e duas noites.

Senti uma falta imensa das mulheres-flores, que me deixavam sozinho com o espectro de Kundry. No terceiro dia fui dar uma volta pelo bairro; e numa loja escura, onde se vendem potes de louça, passarinhos tristes e flores machucadas, comprei três pobres botões: eram três Marias, meninas de orfanato, com vestidinhos iguais e feios.

Mudei hoje a água e as rosas. Trago três botões escolhidos. Um deles é vermelho, de um rubro nobre e palaciano. Disse-me a florista que sua raça chama-se Satúrnica. Guardei o nome, personalizando-o. O outro botão é rosado, com matizes para o creme, e pertence à família das Ninon Vallin. Mas a que mais me enterneceu das rosas-meninas foi aquela trigueira, corada e dourada, que entretanto já me inquieta pela languidez com que se encosta na robusta Satúrnica. Disse-me a florista que é uma Otto Kraus, mas é evidente, evidentíssimo, que de modo algum convém à minha rosa trigueira esse nome que lembra a figura de

um corpulento teutão de cabelo à escovinha. Que nome dar-lhe, depressa, para conjurar esse pesado espectro de cervejaria? Se é germânica a sua origem, se vieram do Reno suas sementes, não vamos nós esconder seu glorioso sangue, como Ester trouxe o seu escondido — ela se chamará Gertrud.

Estão os três botões instalados. A mais alta é Satúrnica. Ninon e Gertrud, à direita e à esquerda, se equilibram de leve, sustentadas por frágeis andaimes de avenca e bambu japonês.

E agora começa a gesticulação lentíssima das flores. Acordam, espreguiçam-se, dançam, num ritmo fora de meu ritmo, escondendo na lentidão, que promete séculos de vida, a doçura infinita de seus gestos perfeitos.

Ah! a mais bela das belas adormecidas não tem movimento de braço que se encurva como asa de ânfora, não tem suavidade de colo que suspende num arfar de surpresa feliz a oscilação monótona do sono, não tem delicadezas de pálpebras maravilhadas que descerram o segredo das corolas azuis, não tem as ousadias, o pudor, as harmonias destas minhas silenciosas dançarinas! Imagina, ó minh'alma, um rosto amado que levasse doze horas a desatar um único sorriso, para depois morrer. E o que me confunde, nessa dança das rosas, e nesse ritmo fora de nosso ritmo — como se o comandasse lá do alto um coração gigante, metrônomo das estrelas e das rosas — o que me espanta, deixando-me perdido em cogitações sem fio, é a obscuridade, a autonomia, a gratuidade desse espetáculo sem espectador.

Amanhã, quando eu acordar, minhas rosas-meninas serão moças. E parecer-me-ão imóveis. Se o vento as agita de leve, se elas então oscilam e se inclinam, mais escondida ainda estará aos meus olhos a sua mobilidade própria. Porque os meus olhos, escravos de um coração frenético, que há de pulsar ainda umas cinqüenta mil vezes, não conseguem adaptar-se ao ritmo largo, que pulsa uma só vez e morre. Vejo, quando muito, as etapas das rosas. Hoje botões. Amanhã entreabertas. Depois, gloriosas. E finalmente vencidas. Vejo-lhes as transições como o parente afastado de ano em ano observa que a menina cresceu, botou corpo e ficou mulher. Como Satúrnica está crescida! Vejo-lhes quadros; digamos que veja uma dúzia, duas dúzias, digamos que de cinco em cinco minutos eu venha examinar o trabalho das pétalas. Mesmo assim, escapa-me a frase inteira, a continuidade, o sentido do movimento. Uma dança não é uma sucessão de estátuas. Quem tirasse duzentas fotografias de um bailado de Nijinski, ainda não saberia dizer como dança a alma de um russo. Quem entrasse na sala de concertos de tempos em tempos, a se certificar do trecho por onde andam os músicos,

nunca poderia conhecer as dimensões da alma de Mozart.

O ritmo da flor está fora de nosso ritmo. Ainda que passasse a noite acordado, a olhar fixamente, eu não veria a dança. Veria menos quanto mais observasse. Mais se esconderia o segredo quanto mais o forçasse. Existe o recurso do cinema acelerado para nos revelar o maravilhoso despertar de uma flor. Quem já o viu, por esse exíguo buraco de fechadura que a técnica proporciona, poderá fazer uma idéia aproximada do imenso espetáculo perdido que vai pelo mundo, e dessa doçura infinita que anda esparsa em todas as coisas... Espetáculos sem espectador. Imagina, ó minh'alma, esse imenso teatro sem platéia, esse palco escuro, essa infinita beleza escondida. Imagina, em lugares ermos, as encostas dos montes pelas madrugadas, o concerto dos pássaros que as flores não ouvem, e o concerto das flores que os pássaros não vêem; imagina a joalheria de orvalho que a noite enfia em colares sem conta, e que o sol desfaz, sem que ninguém pelos vales diga à noite, ao pássaro, à flor: que beleza! obrigado! E o crescimento das plantas, da menor das folhas de grama, miniatura de gládio tenro, até árvores poderosas que crescem em dois sentidos, movem-se em dois sentidos, dançando no ar o bailado leve das ninfas, e na terra úmida e obscura o tenebroso sabat das raízes coleantes — sem que ninguém diga à grama e ao cedro: que beleza! obrigado, grama! obrigado, cedro! E as estrelas, as rosas do céu, que também nascem, e crescem, e morrem, que também são várias e personalíssimas, desde a lívida até a rubra, e que lá nos confins se incendeiam, sem que ninguém assista, não digo à cintilação que nos cai como esquírola de luz, mas à totalidade excessiva desse incêndio excessivo, e sem ninguém que lhes diga, que lhes grite dentro mesmo da combustão: que beleza! obrigado, Betelgeuse! obrigado, Ríjel! obrigado, Belatrix! Espetáculos sem espectador. Imagina, ó minh'alma, este outro infinito das almas, e pensa, pensa nas elegias confinadas no silêncio desse infinito. Pensa nas odes que se desmancham em soluços, e que ninguém ouvirá, que ninguém agradecerá. E os sonhos, imagina os sonhos; e os desejos, ah! pensa, pensa nos desejos que a vida não deu à luz! Espetáculos sem espectador. As vidas... Imagina agora, ó alma de minh'alma, as vidas que ninguém vê, senão por etapas, senão por quadros imóveis, e que se entreabrem, que desabrocham, que pendem vencidas, sem que ninguém perceba a sua continuidade, o seu ritmo, o seu movimento todo, o seu segredo completo — sim, o seu segredo...

II

É dia de festa em casa do general. Explicou Jandira, a cozinheira, que sua excelência faz anos; e concluiu eu que os mimos e as flores que incessantemente chegam ao portão do general-ministro vêm dos empreiteiros em dificuldades e dos fornecedores esperançosos.

Logo pela manhã vi chegar o primeiro portador com uma vistosa corbeille de rosas. Havia na cesta para mais de cinquenta rosas. Depois, no correr do dia, chegaram dalias, gladiólas, estrelícias, gérberas e agapantos. Ao anoitecer chegou ainda uma camionete carregada de rosas. Pude vê-las distintamente. Eram rosas de qualidade, parecidas com a minha doentia Gertrud, mas viçosas e desempenadas. Passaram por mim como altivas condessas que a carroça da revolução levava à Conciergerie.

O general, quando chegar, dirá com prazer: “Bonita corbeille”; mas não verá as rosas, não saberá que têm nomes, que sua irmã Gertrud sofre de um mal secreto, e muito menos saberá que elas dançam, lentissimamente, dentro da noite. Sua excelência, vendo o cesto, o conjunto, o aglomerado, não vê as rosas; como também não vê os rostos, não adivinha os nomes, não suspeita as aflições, os segredos, quando vê a praça apinhada de gente, nos dias de vibração cívica, do alto do palanque presidencial. A praça cheia de gente é também uma corbeille, um mimo para seus olhos de ministro.

Agora, na intimidade, o general é um demagogo de rosas. Recebe-as aos montes, em comissões, em manifestações coletivas. E a impudicícia das flores ainda me parece mais chocante do que a dos míseros papalvos que se apinham em torno do palanque. Vejam aquelas estrelícias, complicadas e pedantes, como se alçam, como se torcem, para agradar ao homem de Estado! Vejam os agapantos: parece que empurram um deles, magricela, espevitado e melancólico, para saudar o homem de prestígio. É o orador da turma. “Nós, os agapantos desta cidade maravilhosa...” E as dalias? Oferecidas, inchadas, pavoneiam-se nas cestas para que a mão gorda do ministro vá buscar, no colo delas, o cartão do galante empreiteiro. E as próprias rosas, as pérfidas! enchem o ar de perfume. Qual é a relação que pode existir entre a lisonja de um fornecedor e o perfume das rosas? Disse eu que o general, não vendo as rosas, via a corbeille? Disse mal. Ele não vê a corbeille, como não vê as rosas. O próprio conjunto arrumado na cesta não tem existência própria, significação própria. É um sinal. Pertence à categoria dos telegramas, dos distintivos, e das condecorações. É um mero sinal. Poderiam os áulicos enviar o recibo estampilhado com o preço das flores, e o efeito seria o mesmo. Por que não é a flor, nem o monte, nem o arranjo, nem a combinação de cores, nem o capricho das pétalas que o general apreende quando lhe trazem o presente. Não. O que ele vê, na transparência do

sinal, é a subserviência. Atrás da rosa estão as espinhas encurvadas, os sorrisos subalternos. No perfume das flores, o incenso da lisonja interesseira e abjeta. É isso que o ministro vê naquele luxo de pétalas e de cores. É a esperteza, a hipocrisia, a elementar astúcia do bajulador.

Mas se assim é, como se explica a satisfação do homem de Estado diante de tão feio espetáculo? Ele sabe, evidentemente, e até por experiência própria, que a bajulação é uma coisa feia, uma coisa abjeta. Melhor do que ninguém o homem de Estado conhece o exato valor da lisonja. Como se pode então compreender seu gordo sorriso satisfeito diante de tão repugnante significação que as rosas escondem? Creio que poderei explicar o fenômeno com mais uma retificação. Disse há pouco que o ministro vê atrás das flores os sorrisos da subserviência. Corrijo agora. Não. Ainda não é aí, nas figuras dos empreiteiros e fornecedores, que se detém o olhar satisfeito do aniversariante poderoso. A bajulação é também um sinal. Sinal em segunda instância, ainda não é aí que descansa o olhar do general. Não. O que ele vê nesse jogo de espelhos, rosas aqui, fornecedores acolá, é a sua própria importância, a sua própria face, a grande, a única realidade, em torno da qual o mundo inteiro é uma enorme moldura.

III

18 de dezembro.

Voltando a pensar nas múltiplas rosas do general, descobri hoje que o mundo morre de coletivismo. Ah! como eu o detesto, esse câncer que estrangula a humanidade! Com assomos de cruzado, eu começaria agora mesmo o combate, se não fosse o meu próprio câncer. Ontem Eunice, hoje o Dr. Aquiles, faltou-me sempre a tranqüilidade, o silêncio, a brancura da vida espaçosa e fecunda. Por que me acode agora esse sentimento? Por que me atormenta agora, justamente agora, essa idéia da obra que não fiz, do combate que não combati?

O coletivismo de que morre o mundo, e de que vivem os novos aventureiros, é a teoria do ajuntamento sem unidade; é a tentativa de encontrar significado na multidão, já que não se consegue descobrir o significado de cada um; é a conspiração dos que se ignoram; a união dos que se isolam; a sociabilidade firmada nos mal-entendidos; o lugar geométrico dos equívocos.

Os homens que perderam o segredo da alma ora se isolam, ora se aglomeram. A história do homem é uma dança em compasso binário. O

erro é um pêndulo. E assim o mundo vai trilhando seu sinuoso delírio. Enquanto dura um certo contentamento do egoísmo, os homens conseguem viver numa esportiva competição (lei da oferta e da procura, cada um por si e Deus por todos) dividindo a sociedade em compartimentos estanques (amigos amigos, negócios à parte), e chegam a formular, e a viver uma doutrina do individualismo apenas temperada, na inevitável convivência, por um acordo extrínseco, por um contrato social. Quando porém se esgota a euforia dessa espécie de atomização social, e nas almas pesa a solidão, correm todos a se amontoar, a encher as praças públicas levantando ora o braço direito, ora o esquerdo, em sinal de congraçamento; e no morno contato dos ombros, dos peitos, das nádegas, no tépido aconchego de curral, os homens coletivos sorriem reconfortados, com um sorriso de rua, felizes de terem escapado, por um triz! do pesadelo horrível de terem almas. Falam então de solidariedade humana, isto é, do sentimento de estarem colados uns aos outros, pelos ombros, pelos peitos, pelas nádegas.

Qual dos dois será pior, o egoísmo que se isola ou o egoísmo que se congrega? É difícil decidir. Será pior aquele de que o mundo se cansou; será melhor aquele de cujos incômodos o mundo se esqueceu. E assim vamos, como o viajante sem cabine, que passa a noite na ponta escassa de um banco a jogar com sua anatomia, a mudar de posição, encontrando um fugaz alívio nas mesmas atitudes que já lhe deram câibras. E assim vamos, de contorção em contorção, de alívio em alívio, e o que ainda é pior, de entusiasmo em entusiasmo.

Eu quereria demonstrar, se tivesse tempo, que a verdadeira sociabilidade só é possível quando tiver raízes que desçam aos abismos da subjetividade. Pois somente dessas profundezas pode jorrar a verdadeira generosidade. Em outras palavras, o que eu quereria demonstrar é que as verdadeiras aberturas do homem estão no seu interior, no claustro, no jardim secreto de seu coração.

Essa seria a minha bandeira, se ainda pudesse reunir as forças que dissipei numa vida absurda. Chego tarde. Hoje, só de pensar no empreendimento sinto um imenso enjôo, e assalta-me a imaginação o infinito enfado das polêmicas que eu deveria sustentar, dos indivíduos que me viriam provar, com esse ar profundo, peculiar ao medíocre que encontrou uma doutrina na justa medida de sua mediocridade (la poule qui a trouvé un sou), que dois e dois são quatro, e que quatro vezes quatro são dezesseis, nove fora, sete. Teria eu de explicar mil vezes, em termos cordiais e sugestivos, que não ignoro o fato de ser preciso quatro portugueses para carregar um piano; e que também não me escapa a sutileza da regra de três, pela qual dez homens fazem um muro em menos tempo do que cinco.

Na verdade, a maioria das demonstrações socialistas começa pela suposição de trazer ao mundo a sensacional descoberta de que dois e dois são quatro. Mesmo sem a doença, não sei se teria ânimo para o hercúleo empreendimento de dizer todos os dias as mesmas coisas, de retomar cem vezes o mesmo raciocínio, para, ao cabo de dez anos, de vinte, de cem anos, encontrar-me no ponto de partida a explicar que o homem só pode acertar razoavelmente os problemas exteriores quando tiver descoberto, ao menos em seus vagos lineamentos, o segredo de seu ser.

Com a doença, paro nestas notas o meu ardente apostolado. A pouca força que me resta mal chega para experimentar, em três ou quatro botões de rosas, o que eu queria ver nas vidas dos homens: o ritmo, a harmonia do desabrochar perfeito.

IV

19 de dezembro.

Minha janela é um camarote; a sala do ministro, no palacete fronteiro, um teatro. Essa é a impressão que me dão os cavalheiros e as damas que daqui observo. Eles estão representando. Cada um obedece à seqüência de uma peça de sua própria invenção; cada um evolui, anda, ri, gesticula e fala, de acordo com as secretas indicações de um ponto interior. Cada um fabricou para si mesmo uma personalidade, e assim já não admira que seja tão insípida a peça e tão ridícula a sua presunção à harmonia.

O homem é ridículo. Sim, ridículo. Diante do espetáculo da bajulação, da injustiça e do abuso de poder, eu poderia ainda indignar-me, como antigamente, quando o sangue me fervia nas veias; poderia cerrar os punhos, com paixão, pensando na inumerável multidão que por aí além é desfalcada e ludibriada, para que meia dúzia de personagens possa montar aquela descosida comédia; mas agora, no isolamento de meu observatório, e com a lívida iluminação que projeto sobre as coisas, vejo somente o ridículo, o glacial, o melancólico ridículo do homem.

Creio ter descoberto a causa desse ridículo: é o equívoco, o erro prático, o engano colossal que pesa sobre a condição humana. Será essa a causa do que existe de cômico na figura de um homem. No seu sutil tratado sobre o riso, disse Bergson que o cômico reside na aparência mecânica das atitudes humanas. Não seria melhor dizer que não é na aparência mecânica, e sim na aparência não humana que reside a causa do cômico? A mim me parece que é aí, no equívoco em que se empenha a pessoa,

que reside a essência da vaidade e da comédia. No circo a gente se ri porque certos indivíduos são encarregados de errar de um modo intencional, calculado, profissional, mas com um imprevisto que nos oculte momentaneamente a intenção. E esse riso é uma vaia sui generis. O cômico, no circo, é o hábil profissional do apupo estilizado, é o personagem que vai ao encontro da vaia, da reprovação social, e que a transforma em aplausos de sua arte. No circo, o palhaço descarrega o nosso permanente e opressivo desejo de censurar, de corrigir, de apostrofar, de denunciar. De vaiar.

Fora do circo desaparece a intenção e a arte que sublima a vaia em aplauso, mas subsiste a mesma explicação do ridículo: é o erro, o erro prático, o erro de pessoa que o homem comete consigo mesmo. Toda a comédia é uma comédia de erros. Será a vida uma divina comédia? Na vida, o que mais se vê é o erro do outro. Cada indivíduo é um espetáculo, e cada grupo uma platéia. Às vezes o erro se torna tão nítido que isola, como ao centro de um picadeiro improvisado, o involuntário artista. Assim é por exemplo o caso do pobre indivíduo que bebe a água com a rodela de limão que o garçon lhe traz para a ritual limpeza das pontas dos dedos. Em si mesmo, o ato não é absurdo, porque a água tanto serve para beber como para lavar; e até porque a rodela de limão sugere mais depressa a idéia de bebida do que a idéia de ablução. O ridículo reside no fato do sujeito se enganar sobre a convenção, sobre o papel que lhe coube naquela cena. O cômico, como Bergson tão bem assinalou, supõe o social, isto é, supõe a possibilidade de imaginar um picadeiro para o personagem que se singulariza e uma arquibancada para os seus juízes, que pronunciam às gargalhadas o seu curioso veredicto.

Quem será então que se ri desse generalizado espetáculo que envolve três bilhões de palhaços? Às vezes nós conseguimos a ilusão de um camarote confortável que nos permita rir dos outros. Mas de onde vem esse eco, essa ressonância de um riso muito mais poderoso do que o meu? Quem está aí? Quem está por aí, nessas cadeiras vazias, a rir-se de mim? O mundo é um circo em que a arena e as arquibancadas são relativas. Três bilhões de atores mal ensaiados passam a vida a divertir-se, cada um apontando no outro o rabo de papel. Ou a trave no olho.

Há um erro, um equívoco profundo, que tem a esquisita propriedade de ser visível para os outros e invisível para quem o carrega. É isto o que estou vendo de meu solitário observatório na sala do general. Aquelas pessoas são engraçadas, muito engraçadas. Como o indivíduo que não sabia usar a água com a rodela de limão, elas não sabem usar as próprias almas, e não conhecem a grande convenção, o plano da peça, a hora certa de rir, o gesto exato, a palavra adequada. Para que serve a minha mão? Para que serve o meu braço? Para que serve a minha alma? Aqui

estamos nós, a examinar o próprio coração, como uma indígena da Polinésia que tivesse achado um sextante meio enterrado na areia de sua ilha. Irá usá-lo provavelmente como adorno, ou quem sabe? como zagaia; e ninguém na tribo se rirá, como ninguém se ri no salão do general.

Estou pensando no bovarismo, “essa faculdade dos homens se conceberem diferentes do que são”; mas a análise de Jules Gaultier, baseada no equívoco de Mme. Bovary, que se tinha por grande dame, parece-me por demais superficial. Se eu, por exemplo, me julgasse um grande cantor, ou um excepcional dançarino, seria vaiado. Se eu julgasse ser Napoleão ou Carlos Magno, seria internado. Mas eu não sei o que sou; não sei quem sou; e vou vivendo assim esse resto de vida, entre a comédia e a loucura. Certamente enganei-me muitas vezes, com Eunice, com Raul. Terei cometido muitos desses erros adjetivos, julgando-me diferente, como Mme. Bovary. Mas agora estou pensando no erro mais profundo que me divide de mim mesmo. Esse é que importa, esse é que gera todos os outros. O sentimento de falta de unidade interior leva-me irresistivelmente a procurar uma personalidade de empréstimo, um papel a representar, uma máscara a afivelar, como levou Eunice aos seus sucessivos adultérios.

O caso de Mme. Bovary, a meu ver, foi simplificado demais por seu autor. A personalidade de empréstimo nunca tem a coerência, a harmonia que se vê na personagem de Flaubert. Poderá ter fixidez, isso sim, mas uma fixidez desconjuntada, heterogênea, que a aproxima do autômato. Lembro-me aqui de umas páginas antigas que escrevi, numa carta imaginária dirigida a Miguel, sobre a futilidade de Eunice, quando a boa D. Alice, tentando defendê-la, dizia que ela era apenas um pouco frívola.

D. Alice puxou conversa sobre Eunice. Parece que o nosso desentendimento se torna visível demais. Foi uma conversa penosíssima, em que me defendi, para não dizer a milésima parte de nosso segredo. D. Alice, com muita delicadeza, perseguiu-me, cercou-me, querendo convencer-me de que a maior falta é a minha, porque não procurei adaptar-me. E terminou a sua defesa dizendo que Eunice “só é um pouco fútil”.

Eis aí, Miguel, o que D. Alice acha pouco. E você? Sabe você o que é isso, qual é a realidade dessa monstruosa deformação que merece sorrisos de complacência e rápido perdão? Eu também não sabia, mas hoje sei. E posso garantir-lhe que paguei bem caro esse conhecimento.

Não ignoro que tenho contra mim o quase unânime consenso. A moça

bonita, quando sorri à toa, quando faz trejeitos de faceirice e fala sem propósito, parece uma flor da humanidade, um espetáculo estimulante, uma fonte de alegria. Na verdade, porém, a futilidade é uma coisa lúgubre. Não sei se você já viu essas chagas medonhas que roem o nariz, que abrem um buraco no rosto. Vistas sem levar em conta o rosto, o nariz, a boca, a expressão humana enfim, essas chagas têm um luxo de cores a que não recusaríamos uma certa beleza exótica. Postas no homem são um horror. Pois assim é a frivolidade.

O que existe na frivolidade é mais doença do que saúde; mais fixação do que mobilidade; mais morte do que vida. Eu disse fixação. Explico-me melhor: todos nós sofremos na vida certos golpes psicológicos, um susto, uma surpresa maravilhada, uma descoberta dolorosa, que deixam em nós um resíduo. Ora, tudo em nossa vida vai depender da possibilidade de assimilação desses resíduos. Se conseguirmos dissolvê-los na substância de nossa pessoa, então esses sinais de nossas experiências serão fecundos. Haverá uma experiência propriamente humana, um lucro. Se eu transformar em sangue, em alma, as pedras de meu caminho, terei doravante antenas sensíveis que antes não possuía, serei capaz de intuições que antes me faltavam. Farei versos, descobrirei novos planetas, ou terei simplesmente um harmonioso equilíbrio que me permitirá a dilatação da vida.

O frívolo, ao contrário, é aquele em que o resíduo das experiências encaroçou. Tem pontos sensíveis, botões, teclas de comando, e são movidos de fora para dentro, como os mecanismos. Aperta-se um botão e ele diz “bom dia” encarquilhando os músculos da face. Aperta-se outro botão e ele faz um discurso, se é ministro, ou atira os cabelos para trás, se é moça de vinte e cinco anos.

Conheci uma pobre moça que passou toda a vida, e muitos maus pedaços, escorada num leitmotiv que viera provavelmente da adolescência. Alguém, certo dia, em certa conjunção favorável de astros, dissera: “Que bom gênio tem Fabrícia!” e desse dia em diante, com a constância de uma vestal, Fabrícia guardara acesa essa divisa. Fez questão de ser fiel a esse compromisso de acaso, conseguindo mesmo, em certas situações mais difíceis, um verdadeiro heroísmo na defesa do bom humor sistemático e de empréstimo. Lembro-me que fui vê-la no dia em que o filho morreu atropelado. Chorava como toda boa mãe, mas creio não me enganar muito se disser que vi, por detrás das lágrimas honestas, um clarão que parecia telegrafar-me: “A vida é assim; vou reagir, e vocês verão que bom gênio tem Fabrícia”.

Esse caso é dos melhores. A ter em si um demônio, antes assim, de trato agradável. Mas a questão é que ele geralmente não está só. Existem

outros, que aproveitaram a porta aberta, e que engrossam e complicam o coro interior. Eu poderia provar, se escrevesse aqui toda a história da desventurada Fabrícia, que não há nada mais lúgubre, mais desolador, do que a pessoa chegar aos cinquenta anos com esse bom humor sistemático.

Em Eunice o painel de comando é formado quase todo pelos desejos contrariados de sua adolescência pobre. Uma de suas idéias-mestras é a de ser uma pessoa decidida; outra é a de possuir uma natural distinção, o que aproxima seu caso do etimológico bovarismo. E além dessas, uma infinidade de outras menores, formadas por coisas, palavras, objetos, que dentro dela ficaram como entraram, e continuam a funcionar de modo a devolver as reações que as originaram. Apalpando-os, anotando-os, eu descobri um por um os botões que fazem rir ou chorar a minha boneca de corda. D. Alice tem razão numa coisa: eu poderia agradá-la na maior parte dos casos. Eu sei o que deveria fazer. São coisas objetivamente fáceis. Mas eu não posso fazê-las. Não posso. Você me entende, Miguel? Eu não posso fazer essas coisas.

Nossa vida tornou-se impossível. Ou antes, a minha vida tornou-se impossível. Alguma coisa rompeu-se em mim, desligando-me das pessoas e do mundo. Uma falta profunda de interesse, de afeto, dá-me a impressão de estar a dois passos da loucura. Já não se localiza em Eunice a minha decepção. Nascida nela, cresceu e tomou conta de tudo. O gosto das frutas e a cor do céu estão modificados. Tudo está morrendo em torno de mim. Agora eu vejo bem que era a presença dos outros, e principalmente de Eunice, que dava sentido, cor, perfume e paladar a todas as coisas. Era por causa de Eunice, de Raul, de vocês, que eu sentia de manhã o gosto do café-com-leite. Por causa de Eunice, de Raul, de D. Alice, do Pedreira, de você, o céu era azul e bela era a música de Mozart. E o linho do lençol fresco era bom; era boa a chuva correndo na vidraça; e o cigarro que eu fumava na poltrona, depois do jantar, enquanto ouvia Raul contar à mãe os acontecimentos do colégio. Eunice matou-me o universo. Agora eu vejo que era ela o chão que eu pisava, a água que eu bebia, a flor que eu cheirava. Intercessora de tudo, luz de meus olhos, substância própria que me tornava próximo das coisas, ela era a minha salvação.

Quando sofríamos mal-entendidos, quando eu descobria a espantosa futilidade que uma pessoa viva pode ter, ainda havia entre mim e o mundo um contato; dolorido, sim, mas um contato. O amargor ainda era um gosto. A tristeza, um interesse. Hoje estou morto. É pouco dizer que nada me interessa. Será melhor dizer que os objetos em volta de mim ficaram com uma existência diminuída.

Eu era um vivo, cuja alegria começava na sola dos pés. Tudo era bom. Agora o universo envelheceu prodigiosamente, e se não me rio do ridículo das estrelas, das nuvens, das árvores, é porque nem esse riso encontro em mim.

Costumam dizer que a mulher é o sexo fraco. Todas as medidas antropométricas provam que Eunice é menor do que eu. Mas há um engano terrível nessas medidas antropométricas. Eunice é enorme. Aquilo que ouço andar pela casa, toc-toc-toc, que se agita, que fala, pensando alto, fazendo reflexões que me matam de tédio, é o núcleo apenas, a pequenina e visível concentração de uma substância que se espalha em todas as direções, desde o fundo dos mares até o fundo dos céus. Nós é que somos pequenos zangões inquietos a voar dentro do imenso mundo feminino. Eunice é enorme. E eu aqui faço o papel do pequeno enjeitado que visse a mãe afastar-se, perder-se, porque tinha pressa de ir — levando de roldão em torno de suas pernas, de seus seios, de seus cabelos dourados, as nuvens e as montanhas — a uma partida de tênis.

Pode você imaginar tal coisa? O cosmos inteiro afetado de futilidade! Agora eu vejo que é com o amor que a gente conhece as coisas, separando-as, distinguindo-as, mas trazendo-as todas unidas e banhadas na mesma atmosfera. E se não existe o amor? Então o universo inteiro se torna um heteróclito amontoado de escombros. Raul! Raul! ontem meu filho querido, hoje uma sombra. Lá em cima ouço os passos de Eunice. Estou só no meu escritório. Disse outra vez, em voz alta, o nome de meu filho: Raul! Tornei a dizer, carregando no R: RRRaul! Fiquei atento, ouvindo o eco de minha própria voz. E descobri que Raul também não me interessa mais.

Lembrei-me de nossa conversa a respeito do céu e do inferno; e não sei como, achei-me com dez anos a brincar no gramado de nossa casa de Petrópolis. Brincava sozinho, a tirar da imaginação os irmãos que não nasceram, e a enredar com esses pequenos fantasmas um jogo de aventuras e lutas. Por fim, cansado de correr entre sombras, e de falar por quatro ou cinco, deitei-me na grama úmida, com o rosto nas folhas, perto da terra, sentindo o cheiro da terra. Depois, esticando-me e abrindo os braços, fiquei diante de um céu muito azul por onde navegavam umas poucas nuvens brancas e leves. Acompanhei uma delas. Parecia um gato encolhido. Mas alongou-se, esfiapou-se no lugar da cabeça, e ao cabo de algum tempo eu precisava fazer força para guardar a lembrança do gato. Abandonei então o bicho, e aceitei o novo ponto de partida. A nuvem agora era um anjo de cromo, cabeça e asas. Novamente apeguei-me à forma de que a nuvem fugia, como quem agüenta um elástico que estica, estica, até rebentar. Rebentou o anjo... Cansado,

fechei os olhos. Quando os abri a nuvem tinha passado, e diante de mim estava um enorme buraco azul que metia medo. Parecia-me que estava embaixo de mim, e que eu ia cair naquele imenso buraco azul. Virei-me então de bruços, com o rosto mergulhado na grama fresca. Ah! eu preferia a terra, a grama, o cheiro da terra, o frescor da grama, porque o céu estava vazio. A nuvem fugia do céu, procurando os picos das montanhas onde também pudesse encostar-se. E eu disse comigo mesmo: eu não quero ir para o céu porque o céu é vazio. No céu eu não podia sentir aquele cheiro, agarrar as raízes da grama, ver passar no escuro aquele bichinho que parece uma jóia perdida que saiu andando à procura do dono... E agora, Miguel, eu te pergunto onde, como, e por que tiveram os homens pela primeira vez a idéia de ver naquele fluido azulado um símbolo de felicidade eterna. Sinto hoje, pensando no céu dos santos, a mesma vertigem antiga. A felicidade precisa de um chão. A felicidade precisa de uma ancoragem nas coisas. Queria um céu com esta mesa, aquela cadeira, o retrato de mamãe. Um céu com Eunice. Com o vestido novo de Eunice.

Como fazer agora, se é o próprio chão, e as coisas que nele se firmam, que me dão vertigens, e uma desesperada sensação de vazio? O mundo inteiro está em crise. Tudo é nuvem, e passa, e se transforma. A única coisa que me parece sólida e palpável é a dor que carrego dentro de mim.

Miguel, eu tenho coragem de dizer: se esse céu dos santos existisse, eu não o queria! Eu seria profundamente infeliz, infeliz ao quadrado, infeliz como um danado, nesse transparente lugar onde não coubesse a paixão de minha dor.

E foi isso que fez de mim a futilidade, que D. Alice acha pouca coisa. Foi isso que Eunice conseguiu fazer. Matou em mim o próprio desejo de felicidade. Não sei se existe céu, mas inferno existe. Eu já estou no inferno.

V

20 de dezembro.

Foi a curiosidade, e principalmente uma exasperada sensibilidade para os gestos e atitudes (que são as entrelinhas das palavras pronunciadas) que me levaram às primeiras desconfianças. O acaso, um encontro de rua, foi a faísca que, naqueles dois ingredientes, me ateou o fogo do ciúme. Antes, eu não era ciumento. Quando nos casamos no Uruguai, e mesmo depois dos primeiros anos de decepções e sofrimentos, eu não

conhecia essa paixão meticulosa e corrosiva, essa febre do perfeito ciumento que nem precisa das suspeitas

— a mulher pode ser um anjo de pureza — para alimentar-se de fel. O ciúme puro, o ciúme congênito, não consiste numa falta de confiança; é antes uma avareza, que não pode tolerar que alguma coisa da mulher, sua figura, seu calor, seu perfume, possa ser atingida por um outro. Um contato casual numa cadeira de teatro basta para produzir nele uma angústia insuportável, ainda que tenha a certeza da sua casualidade e da sua inconseqüência. O ciúme puro não se alimenta de dramas; não tem história; não depende de um enredo. É uma tragédia seca, toda instalada no presente, na idéia de uma posse absoluta, como a do avaro. Pelo seu gosto, o ciumento desse puro ciúme esconderia a mulher, como o avaro esconde na terra o seu tesouro. Conheci um que trancava a mulher em casa, chegando à incrível extremidade de instalar no domicílio uma cadeira de dentista. Ele queria evitar, por todos os meios, que a mulher se dispersasse nas ruas, que ela se evaporasse. E arrolhava-a como se sua pessoa fosse volátil.

Todos tinham pena da moça, mas eu pude verificar que ela não era tão infeliz quanto supunham. Creio ter adivinhado que até se comprazia no seu incômodo papel de tesouro.

Aliás, uma das maiores tiranias femininas consiste precisamente em provocar a tirania masculina, e nela instalar-se, como vítima triunfante. Quem conheceu o casal Cerqueira dirá que o Samuel martirizava sua desventurada esposa, não pelo ciúme (não é o caso deles), mas pelo constante atropelo em que a trazia sacudida. Ele não podia dar dois passos sem chamá-la: “Fidélia! onde está a minha pasta? Fidélia, arranja-me um envelope! Fidélia, telefona para a farmácia... Fidélia! Fidélia! Fidélia!...”. E ela, silenciosa, plácida, se desdobrava, multiplicando-se para atender ao tiranete, ao pobre tiranete que foi regredindo em idade, a ponto de já não saber sozinho cortar as unhas e dar o nó da gravata. Quando Fidélia morreu, Samuel ficou como um órfão de sessenta anos. Matou-se.

O ciúme congênito, o puro ciúme, é mais uma atitude metafísica do que moral. Se nele mora a desconfiança, é mais uma desconfiança de todos e de tudo do que uma desconfiança da mulher. É antes uma generalizada suspeita do cosmos, do ser. Sente no ar uma trapaça, um dolo universal; e fecha-se com o seu tesouro.

Mas não foi esse o meu ciúme.

Não foi também o rubro e explosivo ciúme de Otelo. Aliás, já que me

lembrei do Mouro de Veneza, convém notar que nem o considero um ciumento. Não. Otelo não foi avaro nem suspeito de Desdêmona. Otelo foi um crédulo, um grande e generoso confiante, que só representou, do drama do ciúme, as cenas da ira e da violência. Sua cólera teve a medida de sua confiança traída. Esse foi o seu drama.

Qual é o ciumento que precisa da astúcia e da perfídia de um Iago? Qual é o ciumento capaz de dizer, como Otelo, que preferia não saber, e que tudo estaria bem, ainda que o seu exército desfilasse pela alcova de Desdêmona, contanto que ele ignorasse? Não. Otelo não era um avaro, nem um urdidor curioso e suspeito; era o confiante, que afirma aos gritos a necessidade da confiança, da confiança encarnada, e a impossibilidade de viver sem ela. “Adeus, corcéis de batalha! adeus, alegres pífaros, adeus, combate e glória... A carreira de Otelo terminou!”

O ciúme do curioso, do desconfiado (o meu ciúme) é dramático, inventivo, inquieto, urdidor, e dispensa qualquer intriga, porque ninguém melhor do que ele as fabrica. Dispensa os ardis, porque ninguém melhor do que ele os executa. E tem febre de esmiuçar, febre de saber, chegando a experimentar uma lívida satisfação ao ver confirmadas suas suspeitas. E raramente castiga. Diante da evidência da traição, ele desfruta a mesma esquisita alegria intelectual que leva as pessoas mais compassivas a dizer “eu bem sabia...” quando vêem os seus presságios confirmados.

Naquela tarde, vendo por acaso Eunice passar na calçada oposta da Avenida, tive a idéia de acompanhá-la de longe, por curiosidade, para ver um pouco dela, um aspecto que eu ainda não conhecia. No princípio era quase um jogo; depois tornou-se uma ficção, isto é, uma história meio inventada, meio verdadeira em que eu tinha um papel. A parte verdadeira cresceu e invadiu a inventada; e então vieram-me à tona, pela força da representação, os sentimentos que estavam represados. Atravessou-me a memória sua frase: “Já me disseram isto...”. Fora meses atrás. Falava eu da cor de seus cabelos, que mudava com a hora do dia. Ela sorriu e me disse aquela frase: “Já me disseram...”. Disseram, sujeito indeterminado. Ou oculto. Disseram... Como não senti eu naquele momento a esquisitice da frase? O fato é que naquela tarde, quando eu acompanhava Eunice, de longe, o difuso sujeito começou a ganhar lineamentos de sombra. Sombra masculina. E foi assim, com um germe de suspeita, meio inventada e meio verdadeira, que andei toda uma tarde atrás de Eunice pelas ruas da cidade Lá vai Eunice. No meio da multidão vejo desaparecer e reaparecer o seu vestido verde. Parou. Demorou-se um pouco diante de uma vitrina de lingerie, e logo prosseguiu sua marcha. Anda na rua com um passo diferente, muito afirmativo, muito desembaraçado. Não volta o rosto, não toma conhecimento dos olhares

furtivos que o seu porte altivo de Diana caçadora e os seus cabelos fortes e dourados atraem. Dobrou Ouvidor, e foi subindo até Uruguaiana. Num certo momento perdi-a de vista. Teria dobrado Uruguaiana? Possuído de uma aguda aflição, sentindo febre, precipitei os passos e quase esbarrei nela. Saía de uma casa de louças e cristais. Escondi-me num vão e deixei que tomasse dianteira. Na esquina de Sete de Setembro ela hesitou um momento. Dobrou a esquina e dirigiu-se novamente para a Avenida.

Demora-se às vezes diante de um mostruário, e depois retoma o passo seguro e tranqüilo. Não é passo apressado de quem faz compras, nem andar displicente de quem passeia.

É um passo regular, seguro, tranqüilo. Que quererá dizer esse passo? Como lhe fica bem aquele vestido! De longe ela parece mais esbelta, quase magra... Desce agora novamente a Avenida, com a mesma firmeza, sem tomar conhecimento, aparentemente, dos olhares furtivos.

Disse eu “aparentemente”? Disse. Disse porque pensei. E a semente de idéia crescia rapidamente, esgalhava-se, dava frutos. Sim, ela não toma conhecimento aparentemente. Na verdade ela sente aquele mudo sufrágio dos vultos que passam. Sem voltar o rosto, sem passar recibo, ela vai andando. Mas sente. E anda, com aquele passo, para sentir, para recolher, para fixar em si mesma o anônimo tributo. Para orvalhar-se. Não precisa retribuir; basta receber. Dir-se-ia que é diferente, nela e em mim, e em nós outros, o mecanismo da cortesia do sexo. Nós precisamos olhar; ela precisa ser olhada. Em nós, havendo interesse, qualquer coisa sai de nós, como dardo, ou como um laço que se atira e vai envolver a forma apetecida. Nela não; o interesse reside no nível de seu próprio corpo. Uma forma masculina, braço ou perna, pouco lhe diz. O que lhe interessa é a nossa atenção, isto é, os movimentos ainda que fugitivos com que acusamos a presença de seu campo de gravitação. É nela, nela mesma, que termina, tanto o nosso como o seu desejo. Ela fica; espera; e nós nos precipitamos. O desejo masculino é um querer ir; o feminino é um querer que venha. Não há nesse jogo dois corpos de massas equivalentes que mutuamente se atraem, e ao meio do caminho se encontram. Ao contrário, há uma desproporção enorme, como entre a Terra e a poeira fecundadora que na doutrina da panspermia explica a origem da vida. O meio caminho desse choque dos sexos é a própria mulher.

É por isso que a “boa Conceição”, depois de todas as rotativas evoluções compatíveis com a dignidade de seu sexo, espera em vão que o estudante execute o passo masculino, que a devolva a si mesma, isto é, ao seu papel de termo imóvel e poderoso.

Tudo isto é evidentemente relativo, porque o sexo é mais uma predominância do que uma absoluta diferença. Todos nós temos, escondido, um companheiro do outro sexo. Há também anomalias, tanto no sentido da frigidez como no da exasperação; mas creio poder afixar, de um modo geral, que o movimento típico da mulher é uma rotação, enquanto o do homem é uma translação. O jogo do amor não é simétrico: de um lado tem-se uma atividade retilínea que se projeta, que busca a coisa desejada; de outro lado uma atividade potencial, de astro, ou de flor que chama o leve e inquieto coração dos homens.

Para dar um exemplo, ilustrando a teoria, lembro o seguinte: se nós quiséssemos, como os moralistas assustados, neutralizar o interesse da recíproca atração, bastaria cobrir o corpo da mulher; ou então, os olhos dos homens.

E os olhos das mulheres, esses decantados olhos que já esgotaram todos os adjetivos e cansaram todas as metáforas? E os olhos de ressaca de Capitu? É evidente a proeminência do olhar feminino nos episódios de amor. Dou um pesponto em minha doutrina, dizendo que o olhar da mulher é mais luz do que vista, é mais farol aceso no meio da noite do que telescópio de gajeiro. Ou então diria que ela não olha para ver, e sim para corresponder, para encorajar, para adensar as linhas de força do seu campo, ou para retribuir o telegrama com resposta paga do olhar masculino.

Eunice passava, e recebia o orvalho das admirações masculinas. Aquilo fica em torno dela, em cima dela, dilatando-a.

Vê-se — eu via — essa aura que veste a mulher que passa e que lhe empresta uma fabulosa imensidade. Eunice andando pelas ruas, não é ela que anda, é a rua, é tudo. Passo de Copérnico a Ptolomeu, e fixo em Eunice imóvel o centro do universo.

A inquietação, plantada e regada, cresceu dentro de mim. Ah! Miguel, você não imagina o que tem sido a minha aflição! Tenho medo da fragilidade dela. Não digo que ela seja provocante, capaz de se atirar em cima de alguém, como uma perdida. Nem que seja uma ingênua, capaz de se enrodilhar sem querer. Não. Eu tenho medo de seu automatismo, de seu equívoco. Tenho medo que lhe toquem numa de suas teclas secretas. Ela tem garbo de ser o que não é; ora, não há maior fragilidade do que essa da pessoa que sobre si mesma se engana. Mormente quando esse engano é arquitetado e sistemático. Consegue-se tudo, facilmente, da pessoa que vive representando um papel de sua invenção. Basta entrar no jogo. O ator solitário logo se anima quando um outro pega a sua deixa.

Você não avalia, Miguel, os dias que tenho vivido com essa idéia a trabalhar dentro de mim. Ainda ontem conversávamos sobre o caso da Espanha. Você profetizava guerras e calamidades, e daí, deslizando, das imposturas do General Franco, passamos a filosofar sobre o mistério da história e da vida. Nesse momento meti a mão no bolso. Lembra-se? Não. Você decerto não se lembra; você não presta atenção aos gestos insignificantes; você não conhece o idioma dos gestos... Pois é verdade, no momento exato em que você falava sobre o universal anseio da fraternidade, eu meti a mão no bolso. E sabe você o que tinha eu no bolso esquerdo do casaco, embrulhado em papel cor-de-rosa? Uma chave duplicata do bureau de Eunice, que meia hora antes fora buscar num chaveiro da Rua da Assembléia. Quer saber mais? Quer que lhe diga as vezes que andei atrás dela nas ruas, como um ladrão? Tudo isto é medonho, bem o sei. Poderia discutir comigo mesmo, e provar por a + b que é a felicidade dela que estou assim defendendo. Mas seria falso. E eu tenho certeza disto, porque nem posso suportar a idéia de que alguém me visse, nos momentos em que remexo as gavetas de Eunice à procura de um sinal. A você mesmo não me atrevo a contar. Não. Há certos instantes em que a gente precisa despedir a lembrança dos rostos antigos, para se sentir só, muito só, e se permitir tudo.

Eis onde cheguei. E ela? Tem culpa de sua futilidade? Não sei. Todas as relações humanas armam um problema moral, e nunca se conhece a solução. O que sei é que sofro, enquanto ela passa risonha, atira para trás os cabelos, e acende um cigarro com um jeito, com uma graça que me leva ao paroxismo da irritação.

Creio ter dito que Eunice estava morta, e que seus movimentos são puros reflexos galvânicos. Não. Ainda não perdi as últimas esperanças. Ainda ontem, com uma imprevista intensidade, senti-me inundado de paz. Ela estava dormindo. Raul também. Eu andava de um lado para outro, no escritório, mortalmente triste. Sentei-me no sofá, tentando ler um livro. Como fizesse calor, abri a janela, e logo entrou-me na sala um aroma de jasmim. Um cão ladrou lá longe, no morro. A casa dormia. Fechei os olhos e então... então, como num céu aberto, vi nossa vida harmonizar-se. Teria sido exagero meu, mania de esmiuçar, pesadelo. A vida estava diante de mim, oferecida. E a vida era Eunice. O perfume de jasmim era Eunice. O céu aberto era Eunice. E nós íamos andando, de mãos dadas, numa tarde tranqüila, por bairros antigos onde meninas de tranças cantavam.

“Entrai na roda, ó linda morena,
Entrai na roda...”

E nós, de mãos dadas, em silêncio, respirando uma compreensão

profunda... Lá ia eu, mais uma vez, pela Avenida, trinta metros atrás de Eunice. Já sentia vertigem por causa da fixidez de atenção que me prendia ao seu vestido escarlate. Às vezes ela desaparecia num grupo mais compacto, e eu ficava com a respiração suspensa, até ver de novo o clarão de seu vestido. Subiu Ouvidor, dobrou Gonçalves Dias, esteve algum tempo olhando uma vitrina de flores, entrou. E eu fiquei de longe, com o olho pregado na porta. Saiu em direção ao Largo da Carioca. Aí, consultando o relógio de pulseira, parou como quem hesita. Eram quatro e meia. Anotei esse detalhe, como se tivesse uma importância enorme. Quem sabe lá o valor de um detalhe? Depois de uma curta hesitação, ela chamou um táxi. Ia eu tomar nota do número (o detalhe!) e correr em busca de outro carro, quando senti que alguém me travava o braço e me chamava pelo nome, jovialmente. Dou com Rodolfo.

— Há quanto tempo! O táxi desaparecera pela Rua Senador Dantas enquanto Rodolfo me contava, com detalhes também, que fizera uma operação de apendicite supurada. Tive-lhe ódio. Que me importava seu apêndice, e mais todas as suas outras vísceras não supuradas? Sentia o rosto frio e paralisado. Ele continuava a falar, com uma voz que me parecia pequenina e distante; e a alegria de seu rosto próximo do meu (porque ele tem a mania de falar assim, em tom confidencial) parecia-me chocante como uma obscenidade. Tentei falar e sorrir, mas os músculos não obedeceram à convenção. Despedi-me. Rodolfo amanhã ou depois dirá que me encontrou mudado e orgulhoso.

Entrei num café. Na mesa ao lado, um indivíduo de meia-idade, com o rosto encarquilhado pelo esforço de suprir o que as palavras não conseguiam, explicava a outros dois consumidores um caso de licença para uma obra em sua casa. E o assunto, requerimentos e alvarás, parecia aos seus ouvintes mais fascinante do que uma narrativa de Marco Polo. Como é possível interessar-se alguém por uma história que gira em torno de estampilhas e protocolos? Parece que é possível. Será a paixão deles, como é a minha o número de um táxi e a cor de um vestido. Todas as paixões se alimentam de coisas assim pequeninas, de detalhes.

No outro lado, sozinho na sua mesa, estava um velho imóvel e absorto. Seu rosto devastado era um planisfério de sessenta anos de mal-entendidos. Provavelmente já não sofria, mas as rugas e os tendões, pela força do hábito, guardavam as posições correspondentes às desavenças, às cóleras, às humilhações, às noites de doença em casa, e a tudo o mais que faz da vida um absurdo, e da face de um sexagenário um museu. Cinco e quinze. Telefonei para casa. Eunice ainda não tinha chegado. É evidente que não foi o endereço de casa que deu ao chauffeur.

Há qualquer coisa. A suspeita vai clareando em certeza. Há qualquer

coisa. Eunice chegou atrasada para o jantar. Entrou com vivacidade, atirou-me um “alô” e debruçou-se para beijar Raul. Estava corada; tinha os olhos brilhantes, mais que de costume, e falava com vivacidade da manicure, da costureira e das compras muito vantajosas que fizera. Eu a observava. Ela estava maior, dilatada, acrescentada. Carregava em torno de si uma atmosfera. Tempos atrás fomos à casa dos Mendonças para o noivado de Lídia. Lídia fora pedida. Lídia estava assim. Teria Eunice sido pedida? Quem era? Como se teriam encontrado?

— Você tem alguma coisa? Está esquisito! Raul riu-se. O papai estava esquisito. Eu ri amarelo, como pude. Eunice subiu para mudar o vestido e no meio da escada declarou que não queria sair à noite, que estava cansada. O jantar correu silencioso, apesar das tentativas de Eunice para puxar conversa. Raul nos observava. Olhava ora um ora outro. Parecia desconfiado. Ou será cisma? Depois do jantar, enquanto Eunice conversava com Raul, eu subi, dizendo que ia mudar a roupa. Tinha uma idéia. Fechei-me em nosso quarto de dormir, e cautelosamente, como um ladrão, abri a porta de comunicação, fechando a do quarto dela, que dava para o corredor. Lá estava o vestido escarlate, murcho, vazio. Onde se escondia o orvalho que colhera andando quatro vezes a Avenida e a Rua do Ouvidor? Peguei-o. Era levíssimo. Como é fraca a armadura delas! Levantei o vestido no ar, de braços abertos, como um amoroso espantelho. Examinei-o. Talvez guardasse algum sinal. Cheirei-o. Era o perfume de Eunice. E mais nada. Nada.

De repente tive uma intuição: a bolsa! Estava em cima da banquetta da penteadeira. Marquei a posição exata para tornar a colocá-la no mesmo lugar, e com os dedos tremendo abri o fecho... Nesse momento o meu ciúme bruscamente mudara de caráter. Já não era temeroso e preventivo. Ao contrário, eu agora desejava que Eunice realmente me enganasse, e que ali dentro da bolsa estivesse a prova. Uma alegria febril me vinha com a certeza da prova.

Dentro da bolsa havia dinheiro, quinhentos e poucos mil-réis, um lencinho com uma pequena mancha carmim a um canto, um estojo de bâton, três cigarros, fósforos, um grampo, um toco de lápis, um retrato de Raul, um pedaço de fita para amostra e um bloco minúsculo com as páginas em branco. Mais nada.

La fechar a bolsa quando o bloco prendeu minha atenção. Examinei-o perto do abajur. Tinham arrancado uma folha, mas a outra, em branco, guardava a marca do que fora escrito na folha arrancada. Com alguma dificuldade pude ler o endereço: rua... número... Embaixo estava o nosso telefone, e o seu nome: Eunice. Evidentemente era para ela o endereço e para ele o telefone. Teriam dividido ao meio o papel, o que

indicava uma certa pressa, um encontro de rua talvez. E o táxi? O táxi demonstrava um encontro previsto e calculado... Ah! é muito simples: o endereço é anterior ao táxi, de alguns dias atrás, de ontem talvez. Quem seria? Conhecido meu ou desconhecido? Passo em revista na memória os nomes mais prováveis: Válter, Fernando, Luís...

— Papai! Papai! Era Raul que me chamava. Guardei a folha do bloco, repus a bolsa no lugar, mudei a roupa depressa e descí. Estava extraordinariamente calmo. Raul e Eunice riam-se. Quando entrei na sala, voltaram-se para mim, como duas crianças, o menino e a irmã mais velha, que esperam o desempate de uma dificuldade, que só pode ser dado por gente grande.

— Papai, veja se é assim que se resolve este problema... mamãe está teimando, mas não dá certo. É assim; um homem fez um testamento deixando três mil contos para quatro filhos... Debrucei-me sobre o papel. O rosto de Eunice estava perto do meu. Raul, do outro lado, quase deitado na mesa, repetia o enunciado do problema. O primeiro filho ficava com a terça parte, o segundo com dois quintos...

— Não foi assim que você me disse! interrompeu Eunice.

— Foi, mamãe. Você é que atrapalhou.

— Esperem, disse eu, vamos dar nomes aos quatro filhos. O nome ajuda a esclarecer o enunciado, Eunice, dê você quatro nomes para os moços.

Eunice ficou indecisa, como se fosse difícil achar quatro nomes, e por fim começou a dizer devagar os nossos nomes, como quem pisa com cuidado, enquanto eu acompanhava o movimento de sua boca, de seus olhos.

— José... Raul...

— Não! os nossos não vale. Diga outros.

— Mário... Rodolfo... Paulo... Antônio... ia dizendo Eunice devagar, e por fim acrescentou:

— O pai se chama André.

— Não, disse eu irritado, o pai não precisa nome.

Então vejamos: Mário recebeu a terça parte... Não sei como agüentei aquelas duas horas de serão familiar. Quem passasse na rua, e visse pela

janela a luz quente do abajur e as três figuras debruçadas na mesa, diria com seus botões, e talvez com inveja: ali está uma família feliz. Agora estou calmo. Eunice e Raul subiram; estão dormindo. E eu estou extraordinariamente calmo, andando no escritório, de um lado para outro, devagar, amadurecendo as idéias. Pensam eles que sou eu o enganado! Tristes fantoches, não sabem que são os meus bonecos, ignoram que o meu olhar frio está lá do alto de uma lucarna a examinar seus gestos. Aliás, nessas coisas não há muitas variações, por mais que procurem inventar uma pobre novidade.

Lembrei-me de repente de verificar na lista telefônica o endereço para descobrir a pessoa. Como não me ocorrera logo essa idéia tão simples? Folhee o livro febrilmente. Lá estavam a rua e o número. Era uma casa de apartamentos de oito andares, com três ou quatro residências em cada pavimento. Nada feito; a não ser que telefonasse para cada um, a fim de identificar as residências de família e as outras, as fortuitas residências do pecado.

A primeira voz que me atendeu era de mulher; desliguei. Experimentei o segundo número: ninguém atendeu. Tomei nota. No terceiro ouvi um homem; tomei nota também, acrescentando um sinal de probabilidade menor. No quarto, como insistisse para saber o número e pedisse desculpas pelo engano, ouvi um palavrão. Não eram horas de telefonar enganado... fosse àquela parte... E eu sorri com superioridade, apiedando-me daquele desconhecido que por tão pouco tanto se aborrece. Não tomei nota; devia ser família; só em família mora a irritação, a pequenina irritação que se encrespa quando toca uma campainha ou ladra um cão no vizinho. E assim percorri todo o edifício, de alto a baixo. Tinha a impressão de estar de uma cabine de comando a bombardear de longe um forte inimigo. Grande coisa o telefone! Bastava girar o disco para penetrar nas casas vulneráveis, e para entrar em contato com as famílias felizes. Ou para entrar em contato com os apartamentos desertos que só servem para os encontros fortuitos. Um daqueles sinais esteve provavelmente a tocar uma campainha na mesma sala em que horas antes ressoara o riso de Eunice e a voz do outro. Já era, de qualquer modo, uma presença minha, sorrateira, no segredo deles. Por hoje é só; amanhã veremos... Organizei uma lista passada a limpo. Tinha em todo o edifício oito apartamentos prováveis, sem contar as instalações recentes que ainda não figurassem na minha lista. Seria aquele Alves, A. G., ou aquele Sousa, L. L.? Não conhecia ninguém com os nomes dos apartamentos suspeitos. Amanhã veremos.

Subi. A outra metade do papel estaria com Eunice. Onde? Entrei no quarto na ponta dos pés. Ela dormia. Examinei a combinação, com a esperança de achar um papelzinho pregado com um alfinete. Há sempre

um alfinete nessas histórias... Não achei. Examinei o sapato. Nada. Debrucei-me então sobre Eunice, espiando seu sono, acompanhando cada movimento do seio e do rosto.

— Eunice! Eunice... Ela entreabriu os olhos e tornou a fechá-los, virando-se para o outro lado.

— Não... estou com sono... Na hora do almoço quis ainda certificar-me: convidei Eunice para assistir a um filme na sessão da tarde. Eu tinha hoje a tarde vaga; poderíamos até jantar na cidade.

— Não. Hoje eu preciso passar pela costureira, ela está atrasada e eu não quero dar-lhe mais motivo.

— Você pode ir à costureira mais cedo.

— Eu já marquei com ela. Não quer deixar para amanhã? Concordei que ficasse para amanhã; e terminamos nosso almoço em silêncio, cada um com seus cálculos.

O apartamento da rua... tinha efetivamente oito andares. A entrada, monumental e pretensiosa, lembrava, pela infeliz combinação de mármore, a pompa funerária dos jazigos perpétuos. O elevador ficava no fundo, à direita. Estive indeciso sobre o que fizesse. Por que não tinha ela escrito o endereço completo? Esforçava-me por imaginar a cena, colocando-me na situação de cada personagem. A letra era dela. Ele ditara. Como se explica a ausência do andar e do número do apartamento? Teria alguma singularidade o número, ou ficara o encontro marcado embaixo? Não, não é possível que marcassem o encontro embaixo. A espera cômoda, os preparativos de boas-vindas fazem parte dessas cenas desde que existem homens, mulheres e adultérios.

Desde as três horas estava eu na rua... a examinar o local, a estudar o meu plano. Vestira a roupa nova, que o alfaiate me entregara recentemente, e que ainda não tinha sido usada. Assim precavia-me contra a possibilidade de ser reconhecido de longe se alguma imprudência me escapasse.

Em frente do edifício havia um pequeno salão de barbeiro, e ao lado um café. Sentei-me no café e abri um jornal. Não lia. Por cima do jornal tinha os olhos pregados na porta do edifício. Quatro horas. Quatro e cinco. Quatro e dez. Impaciente, saí a dar uma volta, tendo sempre em mira a entrada do apartamento. Cada automóvel que passava me punha o coração aos saltos. Voltei para o café. Quatro e meia.

Não a vi chegar. Quando olhei, ela estava entrando ligeira no hall do edifício. Levantei-me sem pensar. Sentia um ódio intenso. Tivesse à mão uma espingarda abateria ali mesmo aquele pássaro azul. Na penumbra do hall eu a via diante da cabine do elevador. Atravessei a rua correndo. Ouvi gritos e um ruído de freios.

O chauffeur apoplético me injuriava.

Cheguei a tempo: o ponteiro do elevador movia-se devagar, e agora se detinha no número quatro. Grande invenção! Notável conforto deste século da eletricidade e da eletrônica! Os elevadores pegam as moças na rua, levam-nas cuidadosamente aos braços do amante, mas pelas costas dizem ao marido o número do andar. Grande século! Consultei o meu mapa. No quarto andar eu riscara o 403; o 404 era suspeito; os outros não figuravam na lista. Lembrei-me que podia ter pedido informações; mas agora era tarde. Precisava agir com rapidez.

Chamei o elevador e subi. Em cima, num hall escuro, pude localizar as quatro entradas: 401, 402, 403, 404. Nesse momento abriu-se a porta do 403 e saiu uma senhora gorda, com uma maleta, a fazer recomendações para dentro. Não esquecessem o remédio de Iolanda. Ouvia-se uma voz de criança. Meu mapa estava confirmado: a criança destrói o encontro de amor. Ficavam os outros. E eu precisava agir, precisava agir! Como? Sem pensar, bati no 401. Ouvi passos, abriu-se a porta, e uma moça sardenta, em pijama azul, perguntou-me o que desejava. De dentro veio uma voz grossa e impaciente: “Quem é?”. Perguntei se o Dr. Lourival estava.

— Não é aqui! E a porta fechou-se com brutalidade. Foi então que tive uma idéia. Iria tirar a caça de sua toca, e sem aparecer. Desci, e embaixo, arrancando duas folhas de meu caderno de notas, escrevi com letra disfarçada: “Raul vítima de acidente, venha depressa”. Marquei em cada papel um número, dos que ficaram: 402 e 404.

Ia passando um rapaz com uma caixa de sapatos.

— Psiu! Rapaz! Eu preciso de um serviço seu, dou dez mil-réis.

Ele olhou desconfiado para mim. Minha fisionomia provavelmente metia medo. Expliquei-lhe que era uma troça que eu queria fazer. Dava vinte mil-réis. Daria muito mais, mas não o disse, com receio que ele ainda mais se espantasse.

— Você toma o elevador, pára no quarto andar, e entrega esses dois bilhetes, um no 402 e outro no 404. Preste atenção: se alguém perguntar quem foi que mandou, você diz que foi uma senhora gorda. E repare bem em qual dos dois apartamentos está uma moça alta, loura, vestida

de azul.

Fiz o rapaz repetir a lição, e levei-o até o elevador.

Ah! ela vai telefonar para casa! Corri ao barbeiro que ficava defronte do edifício, e precipitei-me para o telefone. Disquei. Com imenso alívio ouvi a voz de Maria. Ela disse: Alô! alô! alô! e vendo que ninguém respondia, desligou. Mas eu tinha o número preso. Outra grande invenção do século, a telefonia automática! Pus-me então a falar com grande volubilidade, para que o oficial, que estava sentado à espera do freguês, não desconfiasse. Eu falava com Eunice, uma Eunice imaginária: “Mas filha, por que fizeste isso comigo? Por quê?”. O oficial pensava que era namoro. Olhava para mim apiedado, como quem diz: “Está metido com saias, coitado!”.

Na calçada fronteira o rapaz da caixa de sapatos, que já dera contas de seu recado, procurava-me, intrigado. Pedi ao barbeiro que o chamasse, pondo-lhe na mão uma nota de dez. Ao rapaz, sem largar o telefone, dei vinte.

— E então?

— Moça eu não vi, mas no 402 tinha uma lá dentro, que deu um grito quando o moço lhe deu o bilhete.

— Desaparece! O rapaz, assustado, fugiu. E eu voltei ao telefone, retomando a fantástica conversação, enquanto o gerente, um português pausado, interrompia de vez em quando a barba que fazia, e olhava-me por cima dos óculos. É provável que minha loquacidade tivesse um acento de doidice, porque o oficial vago, que estava perto de mim, sorria agora com a melancólica malícia de quem já tem visto piores. Creio que recitei versos. O suor corria-me pelo rosto, a garganta estava apertada, como a impedir que o coração saltasse para fora. Então ela deu um grito!? Acertara o meu tiro. A caça estava ferida. Ia sair da toca. Do meu posto eu via a porta do edifício. Tinha os olhos pregados na porta. Mas, notando que o gerente me observava com mais atenção, compus a fisionomia de quem está ouvindo. Sorria. Batia com a cabeça. Dizia: “Pois é, pois é”. O gerente, entretanto, veio ao meu encontro com a navalha na mão.

— O senhor ainda se demora ao telefone?

— Um instante, um instante, estou recebendo um recado. É caso de doença.

— Ora essa, o senhor estava aí a recitar poesias! Não é por nada, mas o

telefone do negócio não é para brincadeiras.

— Meu amigo, eu já lhe explico, é muito importante... eu lhe pago o que quiser...

— Não é questão de dinheiro, disse com nobreza o gerente, fazendo um largo gesto com a navalha, é questão de seriedade do negócio, mas vá lá, contanto que não se demore demais... Por coisa nenhuma eu largaria o telefone. Estava vendo a cena no 402. Ela no telefone, a ouvir o sinal de comunicação: trrão, trrão, trrão... Ele na janela, irritado com aquela intrusão do amor materno, procurava tranqüilizá-la: “Filha, vamos raciocinar...”. E o telefone: trrão, trrão, trrão...

— Obrigado! Obrigado! Saí correndo. Eunice aparecera. Chamava um táxi que ia passando. Corri. Gritei: Eunice! Eunice! Queria dizer que era mentira, que Raul estava bem. Como pudera eu fazer aquilo com uma boneca, com uma pobre boneca de corda? Mas o automóvel dobrava a esquina, e eu então senti pelo outro, que ficara lá em cima, um ódio de morte. Atravessei a rua como um sonâmbulo. Chamei o elevador. Entrei. Apertei o botão do quarto andar. Subi. E o meu ódio subia comigo. Cheguei. A porta do elevador abriu-se automaticamente, como quem dissesse: faça o favor... Mas eu agora já não pensava em agradecer às pequeninas cortesias automáticas do século. Diante do 402 detive-me um segundo. Sentia-me endurecido, enregelado. Apertei o botão, ouvindo o buzzer tocar lá dentro, abafado. Quando a porta se entreabriu, meti o pé no vão, para que o sujeito não pudesse fechá-la de novo. Empurrei a porta. O outro resistiu. Empurrei com mais força.

Apareceu então no vão entreaberto um rosto comprido e assustado. E ficamos ambos em silêncio um diante do outro, na porta agora escancarada. Era André. O marido de Eunice. O primeiro marido.

Nesse momento, apesar de toda a intensidade que trazia, o meu ciúme desmoronou-se como um castelo de cartas. Era André. E sendo André... Não sei explicar. Uma dúzia de sentimentos menores entraram-me no cenário da imaginação, como os serventes de circo, que nos intervalos da representação vêm enrolar o tapete, e recolher o trapézio em que o ginasta acabara de fazer prodigiosas demonstrações. Estávamos num intervalo, num vazio. Cessara a pantomima, e agora vivíamos um entreato sem lógica.

Ele estava de costas para mim, voltado para a janela. Por fim, disse-me:

— Não sei qual de nós pode queixar-se do outro.

— Este apartamento é seu?

— Não, é emprestado. Estou de passagem.

— Demora muito aqui no Rio?

— Talvez uma semana.

Eu calava-me. O apartamento era adornado com gosto. Um divã espaçoso, quadros, tapete, e uma mesa baixa, com tampo de cristal, onde fora arrumado um serviço de chá para dois. O chá ainda fumegava. Reparei então que ela tinha esquecido a bolsa, em cima do divã.

— Ela esqueceu-se da bolsa.

— É verdade. Leve-a. Olhe, passe um jornal... Na porta, André chegou-se mais perto de mim. Estava lívido, tremia, mas conseguiu falar:

— Tome conta de Eunice. Enquanto somos só nós dois, não tem muita importância.

Pareceu-me que eu estava diante de um espelho, vendo a minha própria miséria. E então a porta do 402 fechou-se devagar.

Miguel, no entanto, era naquele tempo o meu melhor amigo.

Levantei-me e fui até a janela. Aquelas páginas antigas cansaram-me horivelmente. Passou o automóvel do general. Parece que vai chover.

VI

22 de dezembro.

Entrei no café e coloquei-me, como aspirante, atrás de um indivíduo corpulento e suarento que já degustava a xícara arduamente conquistada, exibindo no punho grosso um pesado bracelete de ouro, e arqueando um pouco o tronco atlético, para não pingar café na roupa de brim claro. Como tudo mudou! Antigamente o café era lugar de passatempo vadio. Por um tostão alugava-se um camarote para o espetáculo da rua, ou instalava-se por meia hora uma tertúlia literária.

Hoje, com a generalização do serviço em pé, a infusão perdeu a nobreza que tinha, e que consistia precisamente em servir de pretexto a coisas mais altas. O café era secundário, era subordinado, mas há certas subordinações que conferem maior dignidade que a autonomia. Hoje o café é autônomo. Toma-se por ele mesmo, com a frieza racional e funcional com que se ingere um laxante ou um analgésico. Toma-se um café egoísta, solitário, vertical. E como por toda parte aumentou o afluxo de gente, é preciso esperar a vez, em pé, atrás do felizardo já servido, acompanhando com certo rancor o seu vagar e o seu deleite. Eu esperava, pois, com a ficha na mão, que o meu corpulento predecessor se saciasse de café, e me cedesse sua brecha ao pé do mármore. Atrás do balcão, aprisionados em três metros quadrados, um rapaz e três moças multiplicavam os mesmos gestos rápidos, distribuindo louça, servindo café, recolhendo as fichas, e retirando para um enorme caldeirão de água fervendo as xícaras usadas. Foi então que reparei na minha rosa trigueira e frustrada. Era a do meio. Acabara de ouvir alguma história engraçada do lavador, e ainda tinha um vestígio de sorriso quando me estendeu a xícara. Seria bonito o sorriso, talvez, se tudo ou quase tudo nela não fosse frustrado. Ela mesma, com seu rosto irregular, de maçãs salientes, e faces ligeiramente cavadas, seria uma bela princesa russa que os azares de uma revolução tivessem trazido para aquele humilhante ofício.

Ofício de quê? Que nome terá esse ofício de ficar oito horas em pé a distribuir xícaras com gesto de autômato? Creio que não tem nome. Receio que não tenha nome. Antigamente todos os ofícios tinham nome. A moça pobre seria costureira ou florista, e as meninas cantadeiras da Rua Santa Alexandrina cantavam assim nas noites de verão:

Eu sou pobre, pobre, pobre,

De marré, marré, marré.
Eu sou pobre, pobre, pobre,
De marré, deci...

Quero uma de vossas filhas,
De marré, marré, marré.
Quero uma de vossas filhas,
De marré, deci...

Que ofício darás a ela?
De marré, marré, marré.

Dou ofício de costureira,
De marré, deci...

Como poderíamos pôr em canto de roda a longa especificação deste ofício sem nome: moça que distribui as xícaras no café em pé, de marré, marré, marré? Mas se não tem nome a profissão, tem nome, nítido e rígido, a classificação. Seu instituto tem nome, se seu ofício não tem. Ela é comerciária de marré, deci. Amanhã ou depois ela não estará aqui, de avental manchado de café, com aquela meia-lua de organdi plissado que lhe puseram nos cabelos castanhos — diadema de servidão — ela não estará aqui a sorrir de um resto de história que o rapaz ruivo acabou de contar. Amanhã ou depois ela estará nos corredores, nos elevadores, nas filas de seu enorme instituto. E depois se achará no meio de outros aventais, mais limpos do que o seu, e terá uma cabeça grisalha encostada ao seu peito de andorinha cansada.

— Tussa! Respire... Porque é evidente que não irá longe. Seu rosto ainda tem força e vivacidade, deixando adivinhar o que seria, se lhe tivessem dado licença de viver. Mas o peito vazio, a cinturinha quebrada, e os braços chupados, indicavam uma quebra da harmonia do seu tipo, uma desafinação brutal que só a proximidade da morte é capaz de explicar. E eu vejo, isto é, via lá no café, enquanto esperava que me servissem, que a minha rosa trigueira não irá muito mais longe do que suas irmãs de minha jarra. Quem poderá firmar-lhe a haste frágil? A florista da Rua Gonçalves Dias, quando a flor é propensa ao desmaio, passa-lhe um arame que fica fazendo as vezes de saúde. Quem poderá firmar aquele corpinho de menina condenada a servir de croupier desse esquisito jogo com fichas e louças? Deve ser bem esquisita a sua visão das coisas e do mundo. Ali no seu balcão, no seu plantão, ela serve... vejamos quantas xícaras. Calculemos: três ou quatro por minuto, vezes sessenta, vezes sete ou oito, digamos sete. Dá mil cento e oitenta; digamos mil. Ela serve mil fregueses por dia! À primeira vista parece que esse ofício é bem feminino. Não há sempre, nos quadros de nossa

infância, uma figura de mulher debruçada sobre um serviço de mesa, a cortar pão, a distribuir café e leite? O romântico Werther extasia-se, como diante do mais belo espetáculo do mundo, quando vê Carlota a distribuir o pão para as crianças.

Mas seriam três crianças. Quatro. Digamos dez, o que ainda é muito diferente. O número, quando passa certos limites, muda brutalmente a natureza de tudo. Uma coisa é servir dez xícaras de café, e outra, essencialmente diversa, é servir mil. Uma coisa é andar em volta de uma mesa com um bule, e outra, infinitamente outra, é estar atrás de uma pedra a ver chegarem desconhecidos, em ondas sucessivas. Serve-se essa carreira, surge logo outra. Abate-se essa dúzia de inimigos que aparecem na borda da trincheira, levanta-se logo do chão outra dúzia. Dir-se-ia um assalto, uma abordagem renovada, de que tão exígua e cansada tripulação já não dá conta. É verdade que esses piratas, que aparecem aos oito, aos dez, na amurada do navio assaltado, são benignos. Não exigem sangue, exigem café. Mas é tanto o café, e tão freqüente a exigência — tão monótona, tão inexorável — que a tripulação já não agüenta. No fim é mesmo sangue que dão. É vida que distribuem.

E as ondas de gente se renovam. Já me empurram. Um moço atrás de mim diz à minha rosa doente: Boas-festas! Boas-festas! É um jovial. E eu vejo de súbito a abordagem do balcão de mármore transformada em cotilhão. Vem-me à tona da memória em ebulição a figura de um tio prazenteiro a dirigir em Caxambu a dança coletiva. Ele tinha uns bigodes enormes, olhos negros como chispas, e gritava na sala do hotel: “en avant tous! changez!” e era um rebuliço de bigodes enormes, enquanto no fundo da sala, em arco, as senhoras de idade se abanavam com leques enormes. Eu, pequenino, via aquele mundo caricato, que me havia de inocular na alma um duradouro desgosto pelos personagens jocosos e pelas alegrias convencionais. Haverá coisa pior do que o parente jovial que vem fazer uma surpresa no domingo, quando você está lendo um romance de Walter Scott, e que de repente põe a cabeça na janela da sala, gritando para dentro, folgazão e íntimo: “Cafezinho! vim tomar um cafezinho!”?

— Esta xícara está suja! Veja! É um freguês iracundo e meticuloso que descobriu na sua louça um vestígio de bâton. Gertrud toma a xícara, atira-a no balde, e põe uma outra diante do freguês. Não olhou para a louça. Não olhou para o freguês. Porque, se olhar, enlouquece. É a sua defesa. A sua única defesa. Ela não pode prestar atenção ao que faz. Se prestar, enlouquece. Não é possível ter solicitude igual mil vezes por dia; não é possível ter interesse nesse jogo. Por isso ela faz como se atendessem fantasmas. Sombras. Ela olha através; põe os olhos no infinito, deixando às mãos sonâmbulas o cuidado de distribuir louça, colher fichas e retirar

as xícaras usadas.

O cavalheiro iracundo é o centro do universo. Sua xícara é a sua xícara. Seu caso é único. Sua pessoa é sagrada. E nisso tudo, sou forçado a reconhecer, ele tem metade de razão. É deveras insensata a idéia de receber alimento, pão, vinho ou café, de mãos sonambúlicas. O senhor tem razão; é justo e razoável exigir louça limpa. Mas meu caro senhor, faça uma vez na vida, antes de morrer — porque afinal de contas não sou eu o único mortal do planeta, o último a dar razão aos compêndios de lógica — faça uma vez esta absurda ginástica: pule em espírito esse balcão de mármore, reduza os anos à metade, troque o sexo, engula o bacilo, ponha nos cabelos essa coroa de derrisão com que se apontam as servas, e depois venha dizer-me se alguém no mundo tem o direito de exigir alguma coisa em tão espantoso ofício! Não reparou que ela tosse de minuto em minuto? Ainda há pouco tossiu em cima do meu café, dentro da minha xícara. Serviu-me um pouco de sua morte, de que aliás eu me rio, porque a minha própria é muito mais forte. Ela morrerá pouco depois de mim. Dez dias? um mês? Não sei exatamente; mas sei, muito exatamente, que será pouco depois.

Tenho certeza disto. E por que não? Não é verdade que a gente vê no rosto dos outros os traços das mais tênues paixões? Quando um amigo se aborrece, ainda ligeiramente, não aparece logo no rosto o sinal de sua contrariedade? Quando discorda, não se vê, antes mesmo das palavras proferidas, o sinal da discordância? E assim vê-se a alegria, vê-se a tristeza, vê-se o medo, vê-se a esperança. Vêm-se de cada paixão a espécie, as subespécies, as variantes, as combinações. Quando o Dr. Aquiles levantou um pouco o canto da boca, descobrindo a falha do pré-molar, eu vi que ele estava mentindo; e quando Eunice, naquela noite, me disse que tinha passado pela costureira, eu vi que estava mentindo. Ah! a lucidez do ciumento! a penetração do olhar, a rapidez, a exatidão com que interpreta a sombra que passa, o músculo que se contrai, os cílios que tremem, as mãos em pânico que procuram uma naturalidade nos cabelos... Um rosto tem mais ideogramas do que a escrita chinesa. A questão é aprendê-los; mas quem colou grau, como eu, nessa geografia dos rostos, não se embarça. Além disso, no resto do corpo e não só no rosto, o homem é um semáforo eloqüente. Quando eu vivia com Eunice, cheguei à perfeição de adivinhar-lhe frases inteiras. Ela mexia-se na cadeira e eu sabia o que ia dizer. Acertava às vezes na colocação das palavras dentro da frase. E logo depois colhia, dessa experiência, a amarga recompensa de um tédio mortal, quando acertava, quando adivinhava, porque então me parecia que eu era o único vivo no meio de bonecos de corda.

Ora, quem vê as discretas paixões não verá também essa desarmonia

profunda que é a doença? E não verá a sombra da morte que vê a sombra de um ressentimento? Tenho a idéia de que, com um pouco de exercício, eu sairia por aí detectando desenganados. Alugar-me-ia aos médicos grosseiros que precisam ver miéloblastose e os inófilos a microscópio. Iria pelamão deles, como bastão que adivinha as águas escondidas na terra. Adivinharia a morte.

Adivinhei a morte de minha pobre Gertrud. Não posso dizer se sua doença é tuberculose ou câncer. Faltam-me as estatísticas, as observações repetidas. Mas sei que é de morte. Vejo-a murchar. Vejo-a pender na jarra de opalina pobre, pobre Otto Kraus de botequim de esquina! Não viveu, e já morre. Não sabe, como eu, que vai morrer. Não poderá arrumar a sua morte. Morrerá uma morte qualquer, de comerciária, de marré deci. Vejo um hospital. Um leito qualquer, número tanto. Uma vaga arranjada por favor. Ela agoniza — e as xícaras, os cafés, as fichas, os clientes iracundos, os clientes joviais, os clientes em geral de que se defendeu pondo os olhos vagos no infinito, voltarão todos, virão, de dentro dela, em ondas, acumulados, milhares, milhões, virão encher de alarido vulgar, de vozes e de louças, seus últimos instantes de menina que não teve licença de viver. Ela morrerá vendo xícaras, xícaras, xícaras. Os aventais passarão. Toucas. Clientes esquisitos debruçam-se sobre o seu corpo, como se ela tivesse virado xícara, e viessem beber nela mesma, nas suas entranhas, o último café.

— Então, vai ganhar muitos presentes de Natal? vai botar o sapato atrás da porta? Era um rapaz alto, louro, decidido, que falava à minha Gertrud.

— Coitada de mim! Ela ria-se. Era engraçada a idéia. O rapaz riu-se também. Era decididamente engraçada a idéia. Pareceu-me que o café todo ia rir-se; que os clientes iam entoar gargalhadas de ópera, em três vozes, como no segundo ato da Boêmia, só de ouvirem falar que aquela moça de balcão fosse na ponta dos pés descalços, na misteriosa noite de vinte e quatro de dezembro, botar atrás da porta os seus sapatos.

A companheira de Gertrud cochichou-lhe alguma coisa ao ouvido. Creio que se referia ao rapaz, às suas posses. Ela deu de ombros com um sorriso. Agora em voz alta a outra falava de um bracelete, um amor, que um cliente lhe prometera. Imitação que parecia verdadeira. Cravejado de brilhantes. Um amor.

— E você? não gosta de jóias? perguntou o rapaz alto e louro.

Gertrud distribuía as xícaras em silêncio. Depois, a meia voz, como quem revela um segredo grave, disse que gostava de brincos.

— Eu gosto de brincos... Mas creio que o rapaz não ouviu. Conversava com outro, um sujeito baixo e magro, metido num casaco extraordinariamente azul. E os dois perderam-se na rua.

VII

23 de dezembro.

Estamos em véspera de Natal. O movimento das ruas dobrou; triplicou. Os automóveis buzina, imobilizados nas esquinas entupidas; as lojas regurgitam; os vendedores não têm mãos a medir; e as pessoas, os clientes, entram, saem, escolhem, regateiam, comprimem-se, acotovelam-se, mas sorriem, sim, sorriem — porque parece que todo o mundo está muito contente.

Todo o mundo, menos o velho Scrooge. O amargo e triste usurário só pensa em si mesmo, e não lhe sobram ouvidos para as vozes cordiais que cruzam os ares com votos de Natal venturoso. Christmas! Merry, merry Christmas!

Passa o funcionário letra O, o funcionário letra N, o funcionário letra M; e passam as esposas, as virtuosíssimas esposas dos funcionários, cada uma com sua alegria embrulhada num papel sarapintado de sinos e velas. Boas-festas! Boas-festas! Todo o mundo está alegre. Todo o mundo parece ter na alma hinos e luzes.

Todo o mundo, menos o velho Scrooge, que vê com olho mau e oblíquo essa inconveniente profusão de gastos inúteis.

As mães se cruzam com as mães; tias esbarram em tias. Anda no ar um milhão de cálculos secretos envolvendo bonecas, espingardas e triciclos. E o cálculo mitiga o júbilo. As mães do padrão M param pensativas nas portas das casas de brinquedos; e ali na porta fazem-se mais densos os cálculos, as cifras, as suputações, as somas, as subtrações. A espingarda então encolhe e vira revólver de rolha; ou diminui ainda mais e se reduz a um engenhoso brinquedo de matéria plástica, que só funciona bem, como ficará provado mais tarde, nas mãos habilidosas dos vendedores. Os sonhos, tratados com o reagente das cifras, dão um precipitado cor de cinza. Os vendedores embrulham em papéis sarapintados a espingarda que virou matéria plástica. Embrulham decepções. Caixa! Caixa! Caixa! O triciclo fica para o ano que vem, quando vier o aumento. Aliás, Toninho ainda é pequeno para o triciclo. E o vendedor embrulha aquilo em que se transformou o triciclo. Caixa! Caixa! Mamãe, olha ali, que amor de boneca! E a mãe puxa a menina padrão M que deseja a

boneca padrão O. Caixa! O brinquedo resultante da judiciosa combinação entre um sonho e um orçamento vai agora escondido no embrulho; e a mãe M, longe dos outros brinquedos da loja, que doem pela comparação, reata o fio do sonho. Raciocina para reconquistar a pureza do sonho. Toninho vai gostar, Toninho vai ficar radiante.

Passam embrulhos; embrulhos levando pessoas pelo dedo. Vejam! Apareceu no sangue da cidade esse acúmulo de células imaturas. Onde está a espingarda? onde está o triciclo? Viraram mieloblastos, detritos de sonhos, jovens, bastões, segmentados. Façam o exame de sangue da cidade!! E eu quero ver o jogo fisionômico do Dr. Aquiles quando abrir o papel.

Boas-festas, Dr. Aquiles! Merry, merry Christmas! Todo o mundo está contente. A mãe de Toninho, a múltipla mãe do coletivo Toninho, que mora em Copacabana, em Itapiru, em Jacarepaguá, divide-se, ramifica-se, decompõe-se numa densa multidão de dorsos femininos. Os bondes passam cheios de pernas, pernas letra M, pernas letra N, e os festivos mieloblastos embrulhados com sinos e velas entram a circular pela cidade. Todo o mundo está contente, menos o velho Scrooge. Mas será mesmo verdade, ó amável Dickens, que todo o mundo esteja contente? E a espingarda que virou celulóide? E o triciclo que ficou para o ano que vem? Embora antipático, quem tem razão é o velho Scrooge. Embora mesquinho, ele ao menos compreende uma coisa de capital importância: que é muito difícil dar. É a última coisa que se aprende; e é a primeira que se exige para um mundo habitável. E é por isso que eu vejo com melancolia essa procissão de equívocos embrulhados. Quem terá o coração tão duro que dê uma pedra ao filho que pediu um peixe? Mas a dificuldade se resolve desde que se embrulhe a pedra em papéis festivos; e as mães letras L, M, N, conseguem convencer-se de que a pedra é uma nova espécie de peixe. E é isso que dói, e como dói! A alegria falsificada, a alegria que virou matéria plástica.

Não digo que seja impossível uma alegria verdadeira, uma alegria de criança, com um brinquedo truncado e pobre. Não. É claro que uma alegria de criança pode nascer à toa; é claro que um pedaço desconjuntado de celulóide pode fazer feliz uma criança; é claríssimo que ainda não conseguiram secar, por mais que o tentem, as fontes vivas da infância, as riquezas de um coração menino que com pouco se contenta. Não. Continuem assim, por séculos e séculos, a enganar as crianças e os pobres. Sempre haverá pobres; sempre haverá crianças. Mas não é isso que mais me aflige. É também evidente que escolheram o dia do nascimento de Jesus para infligir uma festiva humilhação à pobreza. Basta pensar no Natal dos Pobres. As ruas se enchem de miseráveis em filas nos portões dos palácios. Se chove, fica ainda mais perfeito o

espetáculo. Mas não é isso, ó Dickens, que mais me dói.

O que me dói é a falsificação, é o espírito de praxe que preside as tristes festividades dos homens. É dia de dar.

A folhinha marcou o dia de comprar presentes. A vizinha da direita comprou, a vizinha da esquerda comprou. Eu preciso comprar. É praxe. É uso. É costume. E todo o mundo fica contente de entrar na equação de um uso, de um costume. Da praxe. Todo o mundo, menos o antipático Scrooge.

Que Natal é esse que acentua as injustiças, que exaspera as paixões, que alarga os equívocos? Admitamos a festa da cidade, do país, do gênero humano. Admitamos a celebração de algum feito que a todos interesse. Admitamos que depois de amanhã o mundo se lembre da natividade do Salvador, que nasceu de uma Virgem, na gruta de Belém, porque não havia lugar para eles nas hospedarias. Mas nesta hipótese, meu caro Dickens, eu exijo, em nome da mesma lógica que me mata, que a alegria seja de outra ordem, e que não dependa assim, em primeira linha, dos cálculos e dos orçamentos. Há alegria e alegria; há graus de alegria; espécies de alegria: desde a cócega no pé da criança até a paz que nasce de uma concórdia perfeita; desde a estrepitosa bomba cabeça-de-negro até a gratidão silenciosa que desabrocha na quietude das almas.

Exijo uma outra alegria, apoiada sem dúvida nas coisas visíveis, no celulóide se quiserem, porque os homens vivem de sinais visíveis. Mas apoiada de leve, como convém às coisas do puro amor. Não é assim que fazem os namorados quando guardam pequeninas lembranças? Não seria melhor dar de presente pétalas de rosas, leves pétalas, levíssimas hóstias de amizade perfeita? Chamou-me a atenção o diálogo travado à porta de uma casa de brinquedos. A dama de azul, majestosa e autoritária, discutia com o vendedor obsequioso, que já dava mostras de impaciência. Passando de um para outro, ora nas mãos profissionais do vendedor, ora nas mãos finas e cheias de anéis da abastada freguesa, uma bonequinha preta de olho arregalado, e com uma cestinha de bananas na cabeça, parecia alheia à discussão:

— É muito cara.

— Foi remarcada, madame. A senhora não encontrará uma boneca destas por menos de cem cruzeiros... Mas se a senhora quiser, temos outras bonecas mais baratas. Qual é o seu orçamento, madame? A dama de azul franziu ligeiramente os sobrolhos.

— É para uma menina pobre. A filha da empregada. Ela não podia,

evidentemente, marcar em cem cruzeiros o limite de “seu orçamento” como queria o desajeitado vendedor; assim, dizendo que era para uma menina pobre, explicava-se melhor. Não era para ela; para filha dela, para sobrinha dela, para alguma criança de sua espécie, dela, de sua qualidade, de sua classe, de sua condição: era para a filha da criada. O vendedor compreendeu logo que o problema se deslocava para um novo sistema de micro-unidades. Ninguém, evidentemente, mede em quilômetros o diâmetro de um glóbulo de sangue, nem mede em milímetros a distância de Sírius. Há o micron para o glóbulo e o ano-luz para os astros. Tudo tem suas dimensões, suas escalas adequadas, neste harmonioso universo.

Enquanto o novo sistema de unidades se estabelecia entre o vendedor e a majestosa senhora, eu olhava na vitrina um urso de astracã que comigo jogava o sério com seus olhos parados de contas azuis.

— Urso, amigo urso, diga-me, por favor, onde é que esconderam o menino Jesus? O menino Jesus estava na esquina de Assembléia com Quitanda, no colo de uma mendiga. Ninguém desconfiava. As pessoas que passavam (Merry, merry Christmas!) não viam o menino Jesus instalado no seu nicho de miséria. E tinham razão. O menino Jesus escondia-se no pobre. Amarelado, encardido, manchado, dir-se-ia que a mendiga o tirara de uma lata de despejo.

Quando eu passei, ele tentava pegar a chupeta caída nos trapos sujos da mãe. Levava-a à boca, sem jeito, metendo os dedinhos nos lábios, de onde corria uma saliva clara e inocente. A mãe, de braço estendido, pedia uma esmola pelo amor de Deus. Seria mãe de verdade? Dizem que se alugam crianças para mendigar. A mendiga é falsa. A criança é falsa. A mãe é falsa. E dessa falsidade todo o mundo desconfia.

A chupeta caía de novo e perdia-se no seio miserável. Nesse momento, quando eu já me afastava, o menino olhou para mim. Seus olhos pousaram em meus olhos. Sim, lá dos abismos de sua inocência seus olhos subiram. E o menino sorriu. Para mim!

VIII

26 de dezembro.

Prefiro os aniversários. Ao menos, nesses dias, é um só que faz anos. A injustiça não é tão chocante, a gente pode brincar à vontade com os presentes; e o menino Jesus, lá no seu nicho de miséria, pode sorrir sem atravessar os corações. Eu não gosto dos dias extraordinários. Sempre os

achei mais cansativos e opressivos do que alegres; sempre desconfiei que esses dias, se dilatam as manifestações de júbilo, aumentam também as pisadelas nas almas. Por isso prefiro os aniversários. Um só menino faz anos no dia 13 de março, ou, se outros também festejam a mesma data, são poucos, são afastados e desconhecidos, e essas rarefeitas e escondidas alegrias não modificam o trânsito da cidade.

Eu ganhava um monte de brinquedos. A melancolia do papai e o nervosismo da mamãe conjugavam-se bem nesse dia, uma para descansar de si mesmo numa efêmera estação, compensando com bolas, armas e jogos, o pouco jeito que tinha para carícias; o outro para dar largas à sua excitação. E ainda havia parentes, colegas do papai, amigos (nesse tempo nós éramos ricos), para aumentar o monte dos brinquedos.

Mas o presente de que até hoje me lembro é o da boa Dodô. Era uma espécie de parenta pobre, mesmo sem ser parenta. Aparecia sempre nos dias de festa. Há parentes pobres que se especializam em visitas nos dias de aflição. Quando a casa está com suas hierarquias alteradas, quando os orgulhosos estão amolecidos provisoriamente, chega então a parenta pobre dessa melancólica espécie. O dia é dela; o clima de desgosto é o seu ar habitual. Todos pressentem obscuramente que a parenta pobre vem a ser parenta da doença, da desgraça e da morte. Ela chega e se apodera das iniciativas. Instala um governo de emergência, que dura enquanto houver telefonemas para a farmácia, injeções, noites em claro, prognósticos sombrios.

Mas a minha Dodô era da espécie festiva, que aparece nos aniversários, batizados e casamentos. Creio que era viúva de um professor a quem meu pai prestara favores nos dias de dificuldades. Agregara-se à família; mas só aparecia nos dias excepcionais. E nunca esquecia o presente. Alguém lhe dissera, provavelmente, que eu gostava muito de ler. “Esse menino adora os livros!”. Consultado por ela, foi o pai quem deu a idéia dos Júlio Verne.

No meu nono aniversário aparece em minha vida o primeiro volume. Era A estrela do sul. Não o li. Chegava cedo demais. Mas fiquei encantado com a capa vermelha, onde a jibóia se enrosca na bananeira, que simbolizava os trópicos, e o leão galopa em direção ao navio encalhado nos gelos, enquanto lá no alto, contra a escuridão da noite, destacava-se o bojo de um aeróstato. A letra era miúda, pouco convidativa, e só havia duas figuras. A primeira, com a legenda “Maravilhoso diamante”, representava uma pedra negra a faiscar em cima de uma peanha diante da qual dois fotógrafos tinham armado suas máquinas; a segunda, entre as páginas 112 e 113, com a legenda “Suspenso pelas mãos”, representava um homem de botas preso numa

rede, que as águias levantavam nos ares, enquanto, embaixo, um chinês e um europeu, montados em girafas, observavam o raro espetáculo.

Foi só dois anos depois, quando Dodô me trouxe o Miguel Strogoff, que eu descobri maravilhado toda a riqueza que pode esconder-se num texto de letra miúda. Li-o diversas vezes seguidas. Decorei passagens. E ficava com a respiração suspensa, embora já conhecesse o feliz desenlace, quando o cruel tártaro dizia ao correio do Tzar:

— Abre pois teus olhos, abre-os bem! O alfange que o iria cegar estava nas mãos do carrasco, incandescente; e a figura da velha Marfa Strogoff, atirada a um canto, deixava ver as marcas sangrentas do knut.

Nesse ano Dodô acertara.

— Você não faz idéia de como ele gostou, dizia mamãe mais tarde.

E Dodô sorria. Tinha descoberto a chave de minha felicidade. Depois vieram outros volumes: A viagem ao centro da Terra, A volta do mundo em oitenta dias, Os quinhentos milhões da Begun. Dodô tinha para mais de sessenta anos que eu vivesse, e que ela sobrevivesse. Mas como outras pessoas haviam descoberto também o segredo de minha felicidade, e às vezes me traziam algum Júlio Verne avulso, ela pegara o hábito de se certificar. Nas vésperas de meus anos telefonava para mamãe.

— Esse ele já tem... esse ele já tem... esse não, ele não tem.

No dia seguinte, pela tarde, chamavam-me:

— José Maria! olha a Dodô! De longe eu via o formato do embrulho.

— Adivinha o que é!

— Júlio Verne.

— Que menino esperto! E Dodô ficava esperando que eu abrisse o embrulho, para alegrar-se com o brilho de meu rosto. Eu corria logo às figuras. Eram sempre duas, na primeira página e na página 112.

— Agradece, meu filho.

Eu então beijava o rosto de Dodô, que tinha um cheiro de coisa guardada.

Cresci. Dodô não. Eu galopava pelos anos, descobrindo coisas novas. Dodô marcava passo na boa coleção que já juntara. Para ela Júlio Verne conservava-se idêntico a Júlio Verne. Para mim, não. Nada se conservava

idêntico. Aos dezesseis anos, quando eu já fizera um soneto que começava assim:

“No peito o coração marca o compasso
Deste febril bailado da loucura...”

e quando eu já chorara mordendo o travesseiro, com pensamentos de amor e de morte, Dodô, a boa Dodô, a mesma Dodô, trouxe-me um Júlio Verne em dois volumes: Keraban, o Cabeçudo.

IX

29 de dezembro.

Quando a enfermeira me fez entrar no consultório, já lá estava o Dr. Aquiles, de costas para a porta, a conversar com um outro médico que o ouvia atentamente, balançando com gravidade uma bela cabeçorra de prata. Numa cadeira ao lado, alheio à conversa dos dois clínicos, absorto nos seus próprios sonhos, estava um rapaz vigoroso, moreno, num terno panamá deslumbrantemente claro, sapatos de duas cores e corrente de ouro no pulso. Era o doador.

— Trinta contos de luvas! Não. Eu disse a ele: fica o dito por não dito, nada feito. Trinta contos!

— São luvas de box.

O médico da cabeça de prata ria-se de seu achado. O Dr. Aquiles concordava, e ia provavelmente aduzir alguma outra sentença sobre as dificuldades de alojamento, quando deu comigo na porta.

— Ah! entre! Então, como vai? Aqui o Dr. Noronha, do Serviço de Sangue. O Esteves... Cumprimentei cerimoniosamente o homem que ia me dar meio litro de seu sangue. O Dr. Aquiles recebera ontem o meu recado, estava tudo pronto, se eu quisesse poderíamos começar logo a transfusão.

— Atrasei-me um pouco, doutor. Meu ônibus teve um acidente.

— Agora é difícil marcar-se uma hora, anda tudo à matroca.

— Infelizmente ainda há certos encontros que não dependem do tráfego das ruas... O Dr. Aquiles cruzou comigo rápido olhar, mas esquivou-se. E eu não consegui saber se ele me achava atrasado ou

adiantado para o referido encontro.

Na sala ao lado havia duas camas com um metro de intervalo. Deitei-me numa, o doador na outra, e o Dr. Noronha, de pé, entre as duas camas, cochichando com a enfermeira, e preparando um esquisito aparelho metálico, dava-me a impressão de um intermediário em uma espécie de acordo ou de conciliação que não encontrava apoio em nenhuma analogia das minhas recordações. Fosse uma cama só, evidentemente, a situação, embora penosa, se enquadraria bem nas minhas lembranças: mas as duas camas, os dois corpos paralelos, a metro de distância, colocavam-me numa penosa posição psicológica.

Ali estava, a meu lado, aquele rapaz, aquele desconhecido, com quem meia hora antes eu cruzaria na rua, mal notando a ofuscante brancura de seu terno panamá. Pois era dele, desse anônimo, desse homem-qualquer que eu ia receber um bom meio litro de sangue universal e jovem.

Que farei eu desse sangue? Que ação produzirá em meus sonhos, em minhas pesquisas, em minhas angústias, o sangue de um moço que usa tão extraordinários sapatos? Que espécie de liga, de mistura, pode ser feita entre mim e ele, e selada assim com o sangue? Agora estamos em silêncio. Estabeleceu-se o contato. Uma agulha aqui, outra lá, e no meio o Dr. Noronha com sua cabeçorra grisalha e sua bombinha ritmada. Fisicamente eu não sinto nada. A imaginação é que trepida, e me incute uma dúzia de sentimentos desconexos, com a dominante de uma profunda náusea. Se o corpo daquele moço estivesse todo encostado no meu, se sentisse na minha pele a sua transpiração, se sentisse no meu rosto o seu hálito, o nosso contato, assim mesmo, seria mais leve do que esse que se espalha por dentro de mim.

De hoje em diante, como se já não bastasse a estranheza desse câncer que me duplica, terei esse sangue estranho que me triplica. Carrego no corpo uma parte do corpo de um outro, mais do que um pedaço de carne que enxertassem na minha, ou do que cabelos e dentes que plantassem no lugar dos meus.

E além disso é inútil essa operação. O próprio Dr. Aquiles o disse. Meio litro de sangue posto fora, sacrifício inútil, transfusão inútil, inútil doação. Saberá o Esteves que está pondo fora o seu sangue? Que essa cerimônia é tão inexpressiva quanto um telegrama de boas-festas? Imaginem! Imaginem o insensato que gastasse uma dúzia de tinteiros a escrever, com sangue, agradecimentos e congratulações convencionais! Que se gastem toneladas de papel, que se mobilizem exércitos de estafetas, que se ponha em movimento uma sala de aparelhos vibratórios, eu ainda entendo; mas que se leve até o sangue o

salamaleque e a convenção, eis o que me parece de uma colossal abstrusão. O Dr. Aquiles bem sabe que está derramando um sangue inútil e ineficaz. O Dr. Noronha também. E no entanto, o que os tiranos da Europa estão fazendo em grande escala, fazem-no eles aqui em ponto pequeno com a bombinha metálica.

É verdade que o moço está exercendo o seu ofício. Vendem uns o esforço muscular; outros vendem o sono, a tranqüilidade; outros, nas exposições públicas, fazem mercado de suas secretas emoções transformadas em cenas dramáticas ou em arroubos de eloqüência, ou transportadas para uma frase que o arco do violino tira dos nervos trazidos para fora, arrancados, e esticados naquela pequena caixa cantante. Há também as carpideiras que alugam os olhos e que vendem as lágrimas. Pois este vende o seu sangue. Devia chamar-se sangueiro; mas não: chama-se doador.

Parece que, chegando ao sangue, os homens ainda têm escrúpulos de confessar o negócio. Não ousam, para tal artigo, empregar o vocabulário comum das operações mercantis. Inventaram então o título de doador, que separa os dois termos da equação: aqui o sangue, ali os emolumentos. Dois atos paralelos, duas retas em dois planos distintos: o homem dá o seu sangue, eu dou o dinheiro.

É verdade que existem os Bancos de Sangue. Não se vê o doador. Não há duas camas, dois corpos horizontais. E então, superado o escrúpulo, o vocábulo dá um salto prodigioso, que vai da generosidade pessoal à fria, numérica e impessoal organização bancária. Doação aqui, negócio acolá. Falta para esse artigo a transição, isto é, o pequeno negócio, modesto, pessoal, mercantil em ponto pequeno, como um ponto de cigarros, uma porta de engraxate, uma cama de mulher vendida. Personalíssima doação aqui, corpo a corpo; saque, desconto, operação quase abstrata acolá, onde se guardam os anônimos sangues em científicas ampolas.

Esteves dá o seu sangue. Deitado ao meu lado, nesse vital encontro de meia hora, o desconhecido se torna íntimo, e se mistura comigo por dentro. Depois eu me levantei, vesti o casaco, e com um modo canhestro coloquei um envelope em cima da mesa...

— Não! Não quero seu dinheiro, não aceito esmolas! E eu, em pé no meio do quarto sombreado com cortinas azuis, olhava a penteadeira coberta de bibelots — púcaros, pulverizadores, ratinhos de porcelana Copenhague, pássaros e peixes translúcidos, frascos de perfumes franceses de cores e forma variadas, lembrando uma espécie de jogo, xadrez ou mah-jong, muito caprichoso e muito feminino, com um peão de topázio audaciosamente avançado contra o frívolo exército que, do

outro lado do espelho, se espalhava no duplicado tampo de cristal. A nota de mil cruzeiros também tinha, no mundo do espelho, sua sósia inútil; e mais no fundo, lá no fundo do largo espelho, eu via um outro quarto em penumbra, uma cama espaçosa, um vestido murcho, e no centro desse décor de luxo e de prazer um rostinho de vinte anos, transtornado e vulgar.

Guardei o dinheiro, sem coragem de voltar-me. Não sabia o que fizesse, e mal me lembrava dos passos que dera, trazido como um sonâmbulo por um esguio vulto de moça de calçada. Era a primeira vez aos quarenta anos. Desde que Eunice me deixara, eu vivia atordoad, e andava pelas ruas decifrando a Eunice impessoal, genérica, que passava escondida nas mulheres anônimas. Sentia uma falta atroz, como se me houvessem esvaziado, como se tudo, absolutamente tudo no universo andasse afetado de uma fundamental carência. Não havia solução para mim fora da mulher, porque a mulher é a base, é o apoio, o chão, a Terra em que recobramos as forças despendidas em nossas expedições. Nós partimos, nós homens. Percorremos os epiciclos complicados das órbitas masculinas; descobrimos continentes; inventamos prodígios; combatemos nos ares e nos mares; somos fortes. Somos fortes, desde que não se rompa o invisível e flexível cordão umbilical que nos prende à retaguarda. E a retaguarda é a mulher.

Em nossas aventuras, como o fugitivo Parsifal, nós esquecemos o que somos, o nome que temos, a definição que nos garante. Falamos então em condição humana, em natureza humana, como quem fala, em termos vagos, do endereço perdido. O que sou eu? O que é o homem? Ora, o homem é a mulher. Despojada de títulos acidentais com que obscurecemos o essencial em nós, ela nos aparece mais nuclearmente humana do que nós. Ela é a condição humana, a natureza humana, o homem. Sua falha, por isso, nos dói de modo insuportável. Sua desonra, por isso, é uma universal desonra. Adeus! Adeus, alegres pífaros. Adeus, corcéis de batalha; a carreira de Otelo terminou! Perdida Eunice, eu não tenho onde voltar; não tenho casa; não tenho condição; não tenho essência.

Eu andava nas ruas como um exilado que procurasse a rota de seu país. Partira-se a terra, os caminhos se haviam embaralhado, o mundo se transformara em labirinto. E eu alongava os olhos pelo feminino disperso, como se Eunice estivesse partida em inúmeros fragmentos espalhados no chão. Variava o porte, o cabelo, o desenho das pernas, nesse mar da mulher dissolvida, mas nessa mesma variedade havia um sinal de congraçamento ditado pela moda. A moda foi inventada para nossa confusão. Essa multiplicação do mesmo sapato, dos mesmos cortes de vestido, faz de todas uma só. Onde começa Filipa, onde acaba Sandra?

Elas emendam uma nas outras, propondo-nos a cada instante um perturbador planisfério do universal feminino. E eu via Eunice em toda parte... Acompanhei o vulto esguio, de vestido claro, que me colhera na rua. E agora ali estava diante do espelho, vendo lá no fundo a imagem desconcertante. O que acontecera? Quase nada. Ela já tinha deixado cair o vestido, quando de repente, notando a hora, exclamou:

— A novela! Está na hora da novela. Tenha paciência, estou acompanhando, é linda.

Ligou o rádio; e bruscamente entrou no quarto uma voz soluçante de mulher ultrajada em seu amor:

— Não, Alberto. Está tudo acabado entre nós. Não quero a sua piedade e as suas explicações. Está tudo acabado! O invisível Alberto, que eu imaginava de bigodinho negro e bem aparado, dizia com voz conciliadora:

— Mas filha, você compreende... E entrava em minuciosas explicações que se prendiam aos episódios anteriores, com personagens desconhecidos, Helena, Fernando, Rita, e que a minha moça da rua acompanhava, fascinada, voltando-se para mim de tempos em tempos, com sinais mudos de simpatia, revolta, medo e comiseração. Travava-se agora um diálogo entre pai e filha. Com voz sentenciosa, como convém às pessoas experimentadas do radioteatro, o velho alongava conselhos de prudência e compreensão, que esbarravam e se partiam no desespero arfante e soluçante da moça ferida em seu amor. Ela tornava a contar ao pai a cena fatal. Saira para fazer compras; já estava na rua, quando percebera o esquecimento da lista que provavelmente ficara em cima da penteadeira. Voltara. E quando abriu a porta do quarto, parou no limiar, petrificada de espanto...

— O que quer dizer petrificada? O radioteatro terminara seu episódio com um cavo suspiro paternal acompanhado de patéticas invocações ao destino. Eu expliquei então à moça o que queria dizer “petrificada”, e nesse momento, nesse exato momento, senti um horrível mal-estar de tê-la sentada na cama, a meu lado, em combinação. O que acontecesse daí por diante teria para mim qualquer coisa de incestuoso. Um radioteatro absurdo, sem sonoridade, sem episódios anteriores, instalara-se no quarto. Eu era o pai que passa a mão nos cabelos anelados da filha e explica o que quer dizer “petrificada”. Levantei-me com esforço. Balbuciei palavras confusas. E em pé, diante do espelho, mecanicamente, abri a carteira e pus uma nota de mil cruzeiros na penteadeira, ao lado de um púcaro de cristal da Boêmia... Acabava a transfusão. O doador, sentado na cama, bebia a laranjada que a enfermeira lhe trouxera. Eu

pensara que fosse para mim, e já estendia a mão, quando a moça, rindo, advertiu-me.

— É para o doador. O senhor já teve o sangue.

Ri-me também, para disfarçar a vergonha que me deixava o equívoco. Eu era o vampiro que quer tudo para si, o sangue das pessoas e o suco das frutas.

X

3 de janeiro.

La passando distraído, quando senti o cheiro de café e ouvi o barulho das xícaras. Lembrei-me da moça do outro dia, e entrei. Vi logo que não ganhara os brincos desejados, e que em sete dias seu mal progredira. Não teve quem lhe desse o sangue, e vai perdendo o seu próprio, transformado em café, que mil clientes por dia, como sanguessugas, vêm sorver. Hoje ela não ria. Desdobrava-se. Multiplicava os mesmos gestos simplificados.

Por que não inventam um boneco rosado e sorridente, com as quatro articulações necessárias, para aqueles quatro gestos repetidos mil vezes por dia? Há quem veja na máquina uma das causas principais dos males de nossos tempos. Por mim podem mecanizar tudo, desde que a mania não atinja a moça de vinte anos que não teve licença de viver. Sim, das duas uma: ou inventam o autômato que distribua as xícaras, ou então tome cada um em casa o seu próprio café. O que não tem sentido nenhum é prender naquele gesticular de alavancas uma moça completa e viva, uma moça de cabelos castanhos. Há um evidente desperdício. Por que os cabelos? Por que o busto mirrado? Por que o coração dentro do busto? E o sangue, os órgãos, os vasos, os nervos, por quê? Por que o corpo completo, a cintura, os quadris abaixo do balcão, e as pernas escondidas lá embaixo? Por que os olhos tristes? E a alma, por que a alma? Saio do café; e descubro logo como é fácil apiedar-se dos outros. A gente chega, dá corda aos bons sentimentos, e depois vai-se embora. É assim que se visitam os doentes. Cumpre-se o dever, tem-se pena, e vai-se embora. O doente fica. O doente vê o mundo numa perspectiva diferente do visitante. Ele vê um mundo que chega, que se debruça com fácil misericórdia de dez minutos, e que depois se despede. O doente fica. É, por definição, alguém que fica. Da cama ele vê o visitante voltar-se ainda uma vez, na porta, com votos de melhora; depois vê o visitante de costas, lampeiro, ágil; ouve seus passos na escada, alguma frase de

último conforto jovial para a pessoa da família, que agradece; por fim, range o portão, bate a porta do automóvel, arranca o motor... e foi-se embora a misericórdia!

— José Maria!

— Augusto! Há quanto tempo! Era Augusto. Como está mudado! Não nos víamos há trinta anos. Augusto casara-se. Tinha quatro filhas, uma casada; e estava em vésperas do segundo neto, em vésperas de ser bisavô, como dizia.

— E você? Você emagreceu... Augusto ria-se, pegava-me nos cotovelos, nos ombros, nos botões do casaco; e eu pasmava-me diante de sua caricatura. Naquele tempo, quando soltávamos papagaio na Rua Barão de Ubá, ele era um menino alegre, corajoso, impulsivo, pronto para tudo. Melhor do que ninguém, sabia construir corsários de flecha e de papel de seda que eram o terror da vizinhança. Graduava o cabresto e o peso da cauda, para que a pipa corcoveasse no ar em perseguição dos papagaios que ousassem aproximar-se.

— Dá linha! Dá linha, tabaréu! E o papagaio de rapina dirigia-se aos saltos para o outro, às vezes maior, mais confiado na força de sua linha crua do que na agilidade do braço que o comandava.

— Dá linha, tabaréu! Augusto corria no quintal colhendo a linha, para que o papagaio se aprumasse, e depois soltava-o num desmaio fingido, até conseguir posição por baixo do fio adversário... Vejo-o ainda, equilibrado em cima do muro, batido pelo sol que aureolava de cobre novo sua cabeça de jovem herói, a apostrofar os moleques do terreno baldio.

— Dá linha! Dá linha! Subitamente, como aranha feroz, a pipa saltava sobre a presa. Augusto, todo arqueado, distendido, deixava-se cair, deixava-se ferir, e com a camisa rota, o ombro a sangrar, corre pelo quintal, agacha-se contra a parede, e com as duas mãos alternadas, como êmbolos de máquina perfeita, recolhe a linha e traz o inimigo vencido. Com o canivete que brilha na mão dá o golpe final; e volta-se para mim com um rosto afogueado e resplandecente — o mesmo rosto, o mesmo riso forte de todos os heróis bárbaros, de todos os corsários destemidos! Eu tinha esse retrato vivo e multicolor pendurado na memória. E agora? Que vou fazer eu dessa caricatura que me puxa pela manga, pelos botões, e me oferece a casa na rua tal, número tanto? Aquela máscara chupada de velho dava-me a impressão de estar fazendo troça comigo. Tão transformada, tão consumida e macerada, parecia zombar de mim com uma sonolenta malícia. Mas não, não era por malícia que aquele rosto

macilento se encarquilhava, era por amabilidade.

— Apareça, apareça... E pela primeira vez, nestes últimos sessenta dias, tive um certo garbo de meu câncer. Ele me devora, me estrangula, mas ao menos não me amarrota daquele modo ridículo. Tive garbo de meu câncer. Imaginei-o serpenteado dentro de mim, como tentáculos de polvo. E, comparando-me à figura de Augusto, eu me sentia uma espécie de Lacoonte.

A moça do café também virou caricatura. Não conheci a menina que dez anos atrás brincava de roda. Não vi o olhar inocente que se perdia no ar com infinita confiança na vida. Não sei nada de seus vestidinhos cor-de-rosa e de suas bonecas de pano. Mas sei que virou caricatura. Virou polichinelo. E não chegará a avó.

O mundo parece uma enorme oficina de deteriorar o que as pessoas deveriam ser. A decomposição começa muito antes da sepultura. Mal armada a figura do homem, começa a desfazê-la, como se isto fosse um jogo que se monta por desfastio e que logo se desarma com tédio. E onde se localiza, em nossa vida, o ponto de inflexão? Em que dia comecei eu a ser desmanchado por mãos distraídas? Não foi, como se pensa, na proximidade da velhice. Não. Aos vinte anos eu já fugia à promessa de meu nascimento. Em Augusto também não é a úlcera de estômago, não são os cinqüenta anos que fazem dele um fantoche. Muito antes, decerto, quando o corpo ainda seguia a curva ascendente, começara ele a despedir-se do herói bárbaro de rosto resplandecente.

A rigor eu diria que o puzzle nunca esteve completo, nem em mim nem em Augusto. Num certo ponto do brinquedo, quando apenas se delineava uma indicação do que eu poderia ser, desmanchou-se a figura, como se os deuses em férias estivessem trocando idéias, propondo modelos provisórios, mal esboçados e logo apagados, para a criação de um novo ente a ser inserido, se desse certo, entre os animais e os anjos. A velhice e a doença são apenas o desgaste do corpo que chega defasado do desgaste da alma. O velho já está no moço, o defunto já está no velho. Augusto, sem saber, carrega o seu próprio defunto, com uns restos de energia galvânica que bastam para puxar a manga e os botões da gente, e para encarquilhar os músculos da face. Gertrud também não sabe; não pensa no leve caixão da menina.

Volto para casa mais cedo do que imaginara. Ao menos terei o gosto de encontrar no ônibus um lugar para sentar-me. Descansarei um pouco de Augusto, de mim mesmo, de tudo. Encontrei efetivamente o lugar. Sentei-me. Instalei-me no meu canto, sentindo um pequeno prazer de posse efêmera, de curta aposentadoria. Ali no meu canto eu me

imobilizava, eu permanecia. Andassem os outros, nas carreiras das compras e dos encontros aprazados; rodasse o ônibus, corresse a Terra, o sistema planetário, a galáxia: eu sentava-me, espectador displicente, para bocejar ou vaiar no meu foro íntimo a incongruente pantomima.

Mas a presença dos outros passageiros depressa me abalou o conforto. Ali estavam ombros, embrulhos, calças, blusas, almas. Ali estavam enigmas, desafios, provocações. Em que irá pensando aquela mocinha discreta, metida consigo mesma? Qual será o dilema que lhe acode a alma? E aquele velhote, que resolveu adotar um jogo fisionômico que diz publicamente sua má opinião da vida e dos homens, mas cala os motivos? O ônibus estava parado no ponto, aguardando o horário. O chauffeur, um português grisalho, explicava ao jornaleiro o caso de um abscesso, e descrevia o dente que arrancara, com três pés, como um banco de sapateiro. A moça consultou o relógio de pulseira. O velhote desdobrou o jornal com ar de quem promete não se espantar com os descabros que a manchete anuncia.

Foi nesse momento que ouvimos o insólito barulho: pratos quebrados, mesas arrastadas, palavrões, gritos de raiva e de dor. Olhei. Era no restaurante em frente. Por causa de um troco, de um bife, sei lá! ou por algum outro incidente que jamais conhecerei, um indivíduo pardo e corpulento debatia-se no meio de quatro garçons que não conseguiam dominá-lo. Seu casaco cinzento, dinamizado pela refrega, tomava proporções monstruosas; seus braços grossos descreviam no ar os gestos raros e rápidos da cólera desatada; as mesas caíam, o balcão de cigarros, subitamente quebrado, transformava-se em cataratas de maços brancos, verdes, vermelhos e amarelos, enquanto um jato imprevisto de café inaugurava no meio do tumulto um repuxo negro que eu jamais imaginara.

Que maravilha! Que riqueza de situações e de formas novas, que realidades inéditas aparecem no mundo, nesse mundo cansado e repetido, quando de repente um homem ousa romper os seus limites! Observei meus passageiros. Estavam fascinados. O velhote tinha um susto no rosto, mas atrás do susto eu vi, juro que vi, um lampejo de meninice. Ele olhava com admiração e inveja o homem-que-ousava. A moça, que lutava com um anjo, também considerava a briga. Eu observava o reflexo, o clarão da briga no seu rosto grave; notava a animação mal disfarçada; decifrava o leve movimento das narinas, e o quase imperceptível entreabrir dos lábios, como quem quer falar e se contém. Ao lado da moça, uma senhora de meia-idade, cheia de embrulhos, preocupações, compromissos e preconceitos, olhava também com pasmo aquele atleta escuro que improvisava repuxos de café e cataratas de cigarros.

Ora, foi nesse momento, precisamente nesse momento, que eu resolvi dar de presente à moça das xícaras os brincos mais bonitos do mundo.

Saltei. A moça de blusa bordada não saltou. O velhote não saltou. Mas eu sei que eles levam na alma a fagulha da briga. A moça vai chegar em casa, vai fechar-se no quarto, enquanto na sala se reúne uma família opressiva para jantar. “Marta! Marta! o jantar está na mesa!”. A moça dá de ombros. O jantar... os rostos duros... as frases travadas, cheias de subentendidos... Ela abre o armário de vestidos e corre as mãos devagar, como quem se procura naqueles panos inanimados. Aqui está o costume escocês, ali o voile, o crepe de seda, a gaze branca do baile de formatura... De repente atira-se na cama em choro convulso. A espoleta explodiu, a pólvora guardada se incendia. Onde irá ela amanhã? Ao apartamento que um galante adornou às pressas para as mentiras do amor? Ou, quem sabe? quem sabe? é outra a direção... Ela sobe uma ladeira. Vejo uma ladeira, um adro, um banco de vinhático antigo. Ouço um sino... um porteiro de hábito aparece num postigo entreaberto... uma sineta badala... e depois, depois, eu vejo, em confusão de imagens superpostas, um incêndio de rostos que se contraem, de braços que se torcem (Marta! Marta!) e vejo perfis de velhos desalentados diante de um armário inútil, a um canto do quarto, esquecido, um par de sapatos pequeninos, de moça... e lá longe, na ponta da resolução que traça um sulco de fogo, no termo do ímpeto, vejo passar num claustro uma freira silenciosa... Entrei no joalheiro e fui dizendo que queria ver brincos, os brincos mais bonitos do mundo. O rapaz que me atendeu parece que se assustou, pois foi chamar o gerente, com quem trocou algumas palavras em voz baixa. Mas o meu aspecto é tranqüilizador. O gerente fita o rapaz com desprezo, e a mim com sinais de consideração. Houve mesmo um curioso momento em que sua fisionomia tinha dois hemisférios, um de escárnio para o subalterno, e outro de reverência para o freguês bem vestido, com ares de rico, que desejava escolher jóias de preço.

Levou-me ao terceiro andar e pôs-me em contato com um outro estrangeiro grosso, vermelho, obsequioso, que manteve durante todo o tempo de nosso entendimento um ângulo de cento e sessenta graus entre o tórax e as pernas.

— Temos brincos magníficos, magníficos, o doutor poderá ver. Faça o favor... Passei a uma outra sala pequena onde havia, debaixo de um lustre complicado e luxuoso, uma mesa com tampo de cristal e um tamborete forrado de veludo carmesim. Sentei-me. O meu homem, que havia desaparecido atrás de um reposteiro, voltava pouco depois, trazendo uma bandeja de jóias.

No primeiro instante perdi-me na profusão de pérolas e brilhantes. O

conjunto era feio. As formas eram entre si discordantes, num ajuntamento de acaso; e eu hesitava, não sabendo isolar.

— Veja estes primores. Observe o oriente destas pérolas.

Eram duas pérolas rosadas em montagens de platina, cercadas de pérolas menores. Seriam bonitas; mas o desenho da rosácea pareceu-me presunçoso. Não gostei. Além disso, a pérola verdadeira mal se distingue da falsa. Pesa sobre a pérola essa suspeita. Não, não queria pérolas. Os diamantes também não me agradaram. Brancos, diáfanos, gloriosos, não assentavam bem na triste e trigueira figura de Gertrud. Muito menos a safira beata e otimista. Não, o azul também não entrava na história da moça.

Desanimado, voltava às pérolas, reconsiderava os diamantes, chegava até a examinar as ametistas. Já não sentia em mim o ímpeto que me trouxera àquele terceiro andar. Não. Nenhuma daquelas jóias correspondia à força que me arrancara do ônibus. Se o caso fosse de noivado tranqüilo, ou de efêmera aventura, não seria muito difícil escolher um daqueles adereços finos que o joalheiro me expunha, com os olhos pregados em mim, num esforço de adivinhar a obscura idéia de seu esquisito e hesitante freguês.

Chegamos a um impasse. Só desejava agora sair dali, de qualquer modo. Recolhi as forças para arrancar-me do tamborete carmesim. Ir-me-ia embora, pensasse de mim o que quisesse o judeu apoplético a estourar de obsequiosidade.

— Espere um pouco. Trago-lhe já uma jóia de princesa. Com licença.

Levou a bandeja das jóias desprezadas e tornou a sumir-se atrás do reposteiro azul. Pouco depois voltava com uma caixinha na mão, a sorrir vitorioso.

— Veja! E eu vi, contra um fundo de veludo creme, duas grossas gotas de sangue.

— São rubis do Oriente, de Burma! dizia-me o joalheiro a meia voz, com entonação religiosa.

— De Burma? perguntei eu também em voz baixa.

Parecia que conspirávamos; ou que entre nós dois havia um segredo romanesco, antigo, que se originara lá nos confins do Hindustão, entre os templos brâmanes e os juncais que à noite estalam sob a pata do tigre.

— Ninguém diz o que valem estas pedras. São discretas. Jóias para conhecedor. Repare na simplicidade da montagem, o contraste com as carreiras de ônix e malaquita. A pedra grande sobressai. Trabalho muito fino.

Eu olhava os dois brincos, agora nas mãos do judeu. Duas gotas de sangue. Vejam! é a minha vez, sou eu agora o doador. E dou o que não tenho: o sangue e a alegria.

— Quanto custam?

— Cento e cinquenta mil, respondeu o joalheiro, extremamente sério, e aumentando um pouco o ângulo entre o busto e as pernas.

— Cento e cinquenta mil? repeti com voz indiferente. Eu não pensava na cifra. A idéia que me trabalhava era aquela de ser eu agora o doador.

— Cento e cinquenta mil, tornou o homem de negócio, estranhando provavelmente a total ausência da reação que se habituara a ver nas fisionomias ao choque das cifras. Caí então em mim. Cento e cinquenta mil. O preço de um bom automóvel. O preço da morte, espalhada no mundo e terminada num Adriático de sonho. O preço de cento e cinquenta transfusões. Voltei-me um pouco no tamborete e consultei o talão de cheques. Esquecera de anotar os últimos canhotos, mas fazendo um cálculo mental concluí que tinha pouco mais de cento e vinte mil.

— Dou cento e vinte mil.

O homem abriu os braços num gesto de consternação; e invocando o lustre de cristal, testemunha de sua perplexidade dolorosa, declarou-me que era impossível, absolutamente impossível a redução que eu pedia. Dois rubis daquele tamanho! Do Oriente, de Burma! A pedra mais valiosa do mundo!

— Cento e quarenta, propôs-me afinal.

Estávamos debruçados na mesa, um diante do outro, como dois lutadores que se estudam. Na testa do judeu intumescia-se uma grossa veia azulada; eu mesmo devia estar menos pálido, pois sentia o coração bater com força, no seu ridículo esforço de espalhar pelo corpo uns restos de sangue falsificado.

Ficamos assim um longo e tenso minuto, enquanto as pedras, desdenhosas de nossas questiúnculas, como duas princesas bárbaras que a fortuna das guerras tivesse trazido a um mercado de escravas, continuavam a cintilar, a espargir em torno o rubro esplendor que

durante séculos e séculos haviam acumulado nas rochas do Hindustão. Por coisa nenhuma desistiria delas. Não sei se meu adversário percebia: por coisa nenhuma!

— O caso é que só tenho cento e vinte disponíveis, acabo de verificar.

— Não seja por isso, exclamou o homem aliviado, podemos combinar o modo do pagamento.

— Não. Eu quero liquidar, agora ou nunca.

— Mas é impossível! impossível! Alexandre, ó Alexandre! Apareceu o outro, o que me recebeu embaixo, e estiveram a conferenciar no vão da janela. Cochichavam. Gesticulavam.

E eu via em cima da mesa, fora da caixa, atirados, os meus dois rubis de Burma. Afinal aproximaram-se, e o meu homem trazia uma idéia a resplandecer no rosto gordo e oleoso. Alexandre de pé, um pouco afastado, deteve-se algum tempo a esperar os lances de nosso jogo.

— Vou sugerir-lhe uma solução, não me leve a mal, mas é impossível para nós descer abaixo de cento e quarenta mil. Não é, Alexandre?

— Qual é a solução que o senhor então propõe?

— O senhor me desculpe o atrevimento, mas é uma solução: o senhor tem aí um diamante que dá para cobrir a diferença... Era do meu alfinete de gravata que ele falava. Viera de meu pai: creio mesmo que de meu avô. Desprendi o pega-ladrão e atirei na mesa o diamante.

— Aqui está o cheque. Cento e vinte mil. E aqui está o meu endereço e a minha carteira de identidade.

— Não é preciso, nós aceitamos o cheque.

— A questão é que eu quero levar a jóia agora, e o senhor não pode descontar o cheque. Os bancos estão fechados.

O homem endireitou o busto e lançou-me um olhar rápido e diferente, mas logo retomou o ângulo e a obsequiosidade.

— Dê-me então o seu endereço. É apartamento?

— Não, é casa.

— Própria?

— Própria.

— Deixe-nos então a sua carteira de identidade. O senhor compreende... mandaremos levá-la amanhã no seu endereço. O senhor levará hoje mesmo a jóia.

La agora andando pelas ruas sem cansaço. Sentia um rejuvenescimento, uma plenitude inexprimível. Às vezes, em certos momentos do dia, trazida por imponderáveis, um perfume, uma voz, assalta-nos uma lufada de infância; e logo se erguem dentro de nós cenários antigos e personagens esquecidos. Sentimos então a recuperação de nós mesmos no nível da memória e da imaginação. Mas a experiência que hoje me desatava o coração era de outra espécie, mais fina. Despojada de notas sensíveis, a lembrança que me invadia era a de minha própria alma, lembrança penetrante, que me devolvia a mim mesmo, que costurava a minha vida, emendava o meu eu, numa continuidade profunda, fazendo-me menino por dentro, mesmo sem os livros de Júlio Verne e sem os papagaios de Augusto.

Foi depois que me vieram as imagens, as recordações, e eu tive a impressão de ter galgado trinta anos de mal-entendidos para reatar as aspirações do moço que esperava tudo da vida.

Naquele tempo eu esperava tudo da vida. Tudo. Queria ser poeta, e tirar da poesia a riqueza interior e a ressonância exterior que me fizesse notado nas ruas, como apontavam o moço Alighieri: “Ali vai o homem que desce aos infernos e de lá retorna quando lhe apetece”. Mas se me trouxessem numa salva de ouro os originais da Divina Comédia, para assinar, sob a condição de abrir mão dos outros quadrantes da glória, eu afastaria a oferta com desdém.

Queria também a exultação interior e o prestígio exterior da pesquisa científica. Queria conhecer o estremecimento sem igual diante do segredo que pela primeira vez se entrega. Queria ser o viajante audaz que se multiplica pela face da Terra, nos climas diversos, nos costumes exóticos. Queria estar em Hong-Kong, em Singapura, em Moscou, em New York; gelar nos pólos, arder nos desertos; experimentar a fome, a sede, o cansaço viril das longas jornadas, o medo dos perigos ciclóticos, e a alegria do descobridor que vê surgir, num horizonte de madrugada, um continente de sonho.

Queria tudo, tudo da vida. Que me adiantaria o tesouro contido numa quadrícula do imenso planisfério das possibilidades, se o resto ficasse fora de meu alcance a torturar-me? Que me adiantaria a Divina Comédia, as descobertas de Plank e Einstein, se a música me ficasse

proibida? Prisioneiro eu não queria ser, ainda que num palácio grandioso como a alma de Dante e de Camões. Excluído de alguma coisa que o homem possa tentar ou possuir, eu me sentiria excluído de tudo.

Mas apertava-se dia a dia o cerco em torno de mim. Tinha de escolher; e por conseguinte tinha de renunciar a um infinito. Precisava fixar-me numa carreira, isto é, precisava preparar, com perseverança e ardor, o meu próprio calabouço, dos calabouços possíveis. A engenharia, por exemplo.

O primo Anísio, nesse tempo, já se aprontava para fazer exames na Escola Naval. Descobrira a vocação para o mar. Ah! como eu reconstituía a história dessa vocação! Um dia — suponhamos uma belíssima manhã de maio — o menino Anísio foi a passeio com seus queridos papais na Ilha do Governador. Depois de um despertar azafamado, e de um trajeto de automóvel que parece o prolongamento de um sonho, chega o petiz à Praça Quinze, e junto à prancha oscilante vê a barca, vê o céu que clareia devagar, e vê o mar. Ah! o marque o menino vê assim de perto, de pertinho, pela primeira vez; que sente embaixo dos pés, vivo, grosso, manso; que adivinha vasto e misterioso, embora digam que aquilo é água, apenas água, a mesma que lá em casa, disciplinada e pequenina, corre entre os dedos da mão em concha (menino, não brinque com água!) ou cai em fios brilhantes pelo corpo friorento que a mamãe ensaboa; ah! a água sem canos e sem limites! A água virou mundo, e a casa balança em cima da água.

Chegam então dois marinheiros, saídos vivinhos da figura de um livro, e soltam as enormes correntes que prendem a barca. Começam então as rodas a fazer espuma, a brincar de moinho, e a barca, despegada do cais, fica leve, muito leve, entre o céu e o mar.

Nesse momento, suponhamos! suponhamos! a gaivota mais feliz deste mundo fica um instante parada, lá no alto, suspensa, imóvel, abençoando a barca, o menino Anísio de cinco anos, o mais feliz dos meninos entre o céu e o mar.

Ora, nesse mesmo momento, vendo a alegria do menino, o tio Belisário debruça-se para ele, e puxando-lhe a orelha com ternura, diz-lhe:

— Seu maroto! Está gostando? Pois quando crescer será oficial de marinha.

Brotava assim a vocação. A partir desse minuto começava-se a falar em marinha, e no próprio coração do menino nascia um desejo associado à idéia de marinha, já que esse vocábulo tinha secretas correlações com a

barca, o céu, e a gaivota suspensa entre o céu e o mar. O gracejo do bom tio pegara.

Eu me sentia capaz de escrever em doze volumes um tratado sobre a influência dos gracejos dos tios nas vocações dos moços. Há sempre um gracejo de adulto no desespero dos moços. Por quê? Por que se riem das crianças? E sobretudo por que mentem? Eu gostaria que alguém me explicasse esse tenebroso mistério. Mas agora é tarde, e eu morrerei sem saber por que é que não podemos ver uma criança sem que logo nos venha à boca uma mentira.

Pegara pois o gracejo. Tomando corpo, tornou-se um desses inflexíveis axiomas familiares de que a vítima jamais logra escapar. Ninísio tinha vocação para o mar. Quando havia visita em casa, não faltava por certo o bondoso senhor de meia-idade que interroga o petiz.

— Então, o que é que o menino quer ser?

— Oficial de marinha.

E o senhor bondoso de meia-idade passa a mão gorda nos cabelos anelados da criança e profetiza:

— Chegará a almirante.

E aí está como se traça o itinerário de um homem. Recapitulemos: como ponto de partida temos um menino de cinco anos, dois marinheiros de estampa colorida, o mar, a barca, o céu, e no céu daquele dia, daquele minuto, a gaivota de asas abertas, que se detém para lançar uma bênção sobre o mundo. Este é o primeiro ponto, o germe. Entra então em cena o tio, passa a mão na cabeça do menino, e daquele instante de alegria, daquele brilho de olhar feliz deduz a carreira, os preparatórios, como se tivesse na mão o giz com que se demonstra ao quadro-negro um teorema sobre os triângulos-retângulos. Vem depois a visita, torna a passar a mão na cabeça do menino, e anuncia-lhe as glórias do almirantado. Só faltou quem viesse depois, e tornando a passar a mão, dissesse ao menino:

— Seu maganão! Já sei que o menino quer ter um bonito mausoléu no São João Batista... Ninguém, que me conste, formulou esse voto final; mas ele estava implícito nos empurrões sucessivos que davam no pequeno Anísio. Ao que parece, ninguém pode ver uma alegria de criança sem deduzir dela uma carreira. A vida nunca vale no ponto em que está. Não se pode parar, nem para respirar com gosto uma alegria. A vida é uma corrida, como a dos coelhos, em que uma cenoura mecanizada e equidistante se desloca na pista, puxando a fila dos

inocentes competidores. O prêmio está sempre adiante. O prêmio definitivo será o enterro de primeira classe, melancólica cenoura a que ninguém alude. Os previdentes detêm-se a vaticinar a penúltima promoção: a de almirante; e calam a última: a de cadáver.

Perdi-me nessa digressão. Onde é que estava? Ah! sim, eu estava naquele estado de espírito que me restituía a mocidade, o tempo em que esperava tudo da vida. Queria tudo, queria da vida a plenitude, e do universo a rendição incondicional.

Ora, foi nessa ocasião que descobri Eunice e o amor. E descobri que descobrira a chave da vida, a suma, a integralidade, a unidade, a síntese, que em vão sonhara procurar nas aventuras e na glória. Eunice era a totalidade. O amor era a síntese, a grande síntese da vida. Eunice me daria tudo. Eunice era para mim a Divina Comédia sem assinatura. Era a solução dos mistérios escondidos nos átomos. Era o mar, era a terra. Queria eu viajar, correr países distantes de costumes exóticos? Eu tinha em cada sorriso novo de Eunice a surpresa, a novidade das ruas de Hong-Kong; tinha Singapura nos seus cabelos; Moscou, Paris, New York nos seus braços. E quando mais tarde nos tornamos amantes, na Rua Ipiranga, eu tinha em Eunice o continente de sonho que o audaz descobridor vê surgir, entre as brumas, deitado no horizonte.

Eu ia andando pelas ruas, sentindo no bolso a caixa dos rubis. Parecia-me que conseguira galgar um monte de destroços apodrecidos, e que reatava a absurda fé num absurdo amor, num amor sem exigências, quase sem apoio, num amor que apesar de tudo me vinha dizer que existe o amor, que existe a síntese da vida. Perdi Eunice, perdi Raul, perdi o menino Jesus que outro dia me sorriu de sua cátedra de miséria. Perdi a brancura de Luciana. Perdi o retrato de Augusto. Perdi o sangue. Perdi tudo. Mas agora, eis que brilha uma luz, eis que uma voz me diz que é assim, de repente, por uma brecha, por um milagre, que se toma de assalto o misterioso mundo do amor, e que tudo se salva. Que quer isto dizer? Como devo interpretar o que borbulha em mim? Paro diante de uma vitrina onde minha esguia figura refletida se superpõe a uma profusão de aparelhos elétricos. Uma torradeira cromada brilha no lugar do coração. Um susto me invade. É preciso resistir ao demônio interior que me suscita o furor analítico de procurar, de esmiuçar, de decompor. Agarro-me com força aos meus absurdos rubis.

Realmente absurdos. Não seria mais razoável deixar os cento e vinte contos para a moça comprar estreptomomicina e pagar um quarto decente na casa-de-saúde? Não seria melhor distribuir o dinheiro pelos pobres? É claro que seria mais razoável. É claro. Eu imagino o que diria Eunice, ou aquela senhora de azul que vai passando, se lhes contasse que estou

levando para uma criada esta jóia de princesa. Aliás... ocorre-me agora a idéia: não sabendo o valor dos brincos, a moça é capaz de perdê-los, de ser roubada. Não seria bom colocar um bilhete no escrínio dizendo o valor da jóia? Não! Não! Absurda seria mais essa tentativa de acertar, de providenciar, de me intrometer na vida dos outros para a felicidade deles. Eunice, eu quis fazê-la venturosa. Raul também. O resultado aí está. Aliás, a maior parte das tragédias do mundo não é produzida pela crueldade, isto é, pela maldade nítida e pura. Não. As tragédias, as grandes, são produzidas pela bondade, pelo equívoco, pela tirania da bondade. Basta que nesse vinho generoso se deixe uma pitada de amor-próprio, para que a ação tenha o grande ímpeto do amor, e o poder corrosivo do egoísmo. Quis eu realmente salvar Eunice? Quis eu realmente a felicidade de Raul? Agora eu não me atrevo a querer, por ofício meu, a ventura de ninguém. Salvar aquela pobre moça caída, fazê-la feliz, nesse sentido longo e calmo, não está em minhas mãos. Não está em minhas mãos fazer o bem. O que é possível, o que ainda desejaria fazer, o que me parece, apesar de tudo, extraordinariamente possível — sem mais análises, sem maiores considerações — é esse brinquedo de criança que me veio do coração e que eu quero conduzir com cuidado, como quem leva na mão um pássaro ou uma flor. O que me parece exequível, possível, realizável — honra e glória ao puro amor! — é esse brinquedo que me ocorreu, de pendurar duas estrelas de sangue no delírio de uma pobre moça.

A menina triste, de rua, com quem eu vim brincar, a pobre gatinha borralheira, morrerá sem aquele inferno de xícaras na sua agonia.

— Queres trocar de morte comigo, Gertrud? Vamos, vamos brincar de morte trocada, quatro-cantos entre o tempo e a eternidade. Toma, aqui tens a poesia. Dá-me o teu avental, e a tua agonia.

Chegando perto do café, tomou-me súbita timidez. Como fazer? Ia passando um rapaz em mangas de camisa. Tinha a cara esperta.

— Quer ganhar dez cruzeiros?

— Conforme! Expliquei-lhe do que se tratava e como devia fazer. Dei-lhe a caixinha, aponte-lhe a moça que lá se multiplicava pelos seus sanguessugas, e fiquei na porta observando disfarçadamente. O rapaz chegou-se ao balcão, falou com a moça qualquer coisa que não ouvi, e entregou-lhe o embrulho. Ela parecia espantada. Recebeu a caixa, sopesou-a, desfez o cordão, abriu-a. E eu então fugi, para não ver sua alegria.

TERCEIRA PARTE: VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

I

12 de janeiro.

Corria eu os olhos pelos livros, a procurar algum que me curasse do fastio das horas, quando me detive na carreira dos meus Júlio Verne, os mesmos com que a Dodô, ora adiantada, ora atrasada, tentara acompanhar os sobressaltos de minha adolescência. E entre eles chamou-me a atenção, talvez pela analogia das situações, a Viagem ao centro da Terra.

De todas as aventuras de Júlio Verne foi essa que mais me excitou a imaginação. Miguel Strogoff era sem dúvida mais emocionante, mais dramático; mas o seu claro desenrolar, à superfície do mundo, horizontal, não possuía a força de mistério dessa outra história em que o segredo estava mais no espaço que no tempo. Não se tratava de viver acontecimentos progressivos, e sim de descobrir um segredo que já existia, que se escondia aqui e agora. Era uma aventura vertical.

Começa a história numa tranqüila casa hamburguesa, onde uma velha cozinheira se apronta para anunciar um excelente jantar domingueiro, que seria servido com pontualidade, e comido com apetite, se o professor Lindenbrock não tivesse achado, entre as páginas de um velho alfarrábio, aquele misterioso criptograma escrito em caracteres rúnicos.

Depois da decifração do documento, precipitava-se a aventura, entre as tribulações da cozinheira que vê a sopa esfriar, e os suspiros do jovem Axel, sobrinho do sábio, que se despede de Gräuben, a bonita virlandesa de dezessete anos, muito branca e muito bela. E dias depois, seguindo as indicações do documento, o exultante professor e o desconsolado sobrinho embarcavam para a Islândia, onde deveriam descer pela cratera de um Vulcão extinto, em direção ao centro da Terra.

Mas o sábio, prevendo os perigos da jornada e conhecendo os nervos delicados do sobrinho, teve a idéia de aproveitar dois ou três dias de permanência num porto da Dinamarca, onde o navio fazia escala. Havia nessa cidade, em cima de abrupto penhasco, uma antiga torre de igreja servida por estreita escada exterior; e foi aí que o professor impôs ao infortunado sobrinho um rigoroso treinamento contra as vertigens.

Antes de descer às profundezas, ele ensinava a galgar as alturas, e a esses salutares exercícios dava o nome de “lições de abismo”.

E a mim, quem me dará as lições de abismo? Eu também vou fazer uma viagem ao centro da Terra, embora menos interessante que a do sábio hamburguês. Minha penetração na crosta do planeta se deterá a dois metros de fundo, nessa superficialíssima camada sem nenhum interesse geológico ou paleontológico. Minha cratera terá as dimensões da pá do coveiro, e meus monstros lá estarão reduzidos à miniatura dos vermes. Depois começará a nova fase de minha história: a circulação nas tripas das minhocas, como diz o melancólico Hamlet, acrescentando que nem as carnes dos reis escapam a esse subterrâneo carrossel.

Mas eu não consigo alegrar-me com tal tipo de sobrevivência; não descubro nenhum consolo na idéia panteísta de entrar no grande ciclo vital que me diluirá em bichos e flores. Nisto estou com Jó, que fazia questão estrita de sua identidade. “Eu me revestirei de minha pele, e na minha carne verei a Deus. Eu o verei, eu mesmo, com meus próprios olhos, e não um outro”.

Olho para a minha cama. Será ali. Tenho as três coordenadas espaciais, e pouco me falta da quarta. Com um pouco de imaginação supro a sua fluidez, agarro-a no devenir, e instalo ali na cama o meu próprio defunto.

Visto-o de preto, calço-o com as botinas novas, e recuo, para julgar se está bem, se está decente o meu aventureiro de dois metros de fundo.

A vizinhança, ou os conhecidos que por acaso vierem visitar-me, logo no topo da escada verão pela porta entreaberta os dois bicos do sapato novo, como os nautas vêem primeiro as montanhas pontiagudas na linha de céu e mar. Depois cobrir-me-ão de flores, flores sem nome, como as do general, que recebe em vida suas coroas.

II

15 de janeiro.

Lembro-me bem; teria eu cinco ou seis anos. Eu estava de cócoras, acompanhando o trabalho do jardineiro que plantava uma carreira de mudas. Seguia atentamente seus gestos. Via a pá tirar um naco de terra úmida e escura; via a mão calosa e suja aprumar o caule da planta, e depois repor, amassando-a com carinho, a terra revolvida. Ora, num certo momento, em um dos buracos apareceu uma minhoca viva e

translúcida, a contorcer-se. Debrucei-

-me então sobre a paisagem de meio palmo, e via-a crescer, crescer, encher-se de pedrinhas marchetadas, de raízes finas, de insetos microscópicos, de monstros transparentes. O chão não era uma coisa tão definitiva e arrematada como pensava, ou como pensam as crianças de infâncias cimentadas. Não. Dali para baixo, indefinidamente, prolongava-se o mundo.

Há duas espécies de curiosidades. A primeira, que chamarei de curiosidade moral, ou que talvez pudesse classificar de feminina, é a que se interessa pelo aspecto dramático ou simplesmente episódico das situações. Ela cola o olho no buraco da fechadura, apura o ouvido para o diz-que-diz da maledicência, e põe as mocinhas nas pontas dos pés, na hora do cortejo nupcial, para ver a cara do noivo ou o vestido da noiva.

Nos casos mais mórbidos é essa curiosidade que incita a dona da pensão a remexer as gavetas do novo hóspede até descobrir-lhe a genealogia, a fortuna e as misérias.

A outra curiosidade é a que eu chamaria de metafísica. Mais verrumante, mais exigente, mais fria, ela dirige-se ao âmago das coisas. Se olha pelo buraco da fechadura, é para ver o que está dentro. Quando se dirige às pessoas, só secundariamente se interessa pelo episódio: o que ela busca é o cerne mesmo, o segredo profundo da pessoa.

Na Viagem ao centro da Terra de Júlio Verne eu vejo um grande simbolismo: a cozinheira e a jovem Gräuben ficam para trás, são por assim dizer abandonadas — ao contrário do que acontece nas aventuras do correio do Tzar, em que Marfa e Nadia acompanham o herói — para que se acentue nitidamente o caráter masculino da curiosidade penetrante e vertical. Mas não creio que o bom Júlio Verne tenha revolvido essas cavilações. O simbolismo estará presente na obra de imaginação, como está presente nos sonhos.

Um dia ganhei de presente uma caixinha de música. Dava-se corda e ela cantava. Era sempre a mesma música, monótona e fina, como se a caixa insistisse em revelar um prodigioso segredo que ninguém até então decifrara. Não me contive. Quis ver o que a caixa tinha por dentro. Não que aquele desejo me viesse dum impulso precoce para a engenharia. Não. Não era a lógica das partes, o aspecto funcional que me interessava: era o puro e metafísico “por dentro”. O fato de ser uma caixa cantante me parecia menos fascinante do que o fato de ser uma caixa fechada. O que eu queria era atravessar a coisa, a sua essência, com um conhecimento direto e penetrante. Quando consegui violar o pequeno cofre de cedro,

tive a grande exultação de quem acha um tesouro enterrado, e vi lá dentro uma mola enroscada e um pequeno pente de lâminas plangentes. Mas logo me veio o enfado, e o pobre realejo quebrado ficou para o canto, esquecido.

Muito mais tarde descobri que eu era um eu, isto é, uma coisa muito escondida, muito destacada, isolada, segregada do resto do universo. Veio-me a confusa e inexprimível idéia de ter havido uma extraordinária coincidência no fato de eu ser eu. Não que eu me julgasse melhor ou pior do que os outros. Mais tarde vieram-me, profusamente, esses julgamentos de valor; e devastaram-me a vida. Mas naquele tempo o que eu descobri em mim era alguma coisa que, por sua própria natureza, eu não podia atribuir a um outro. Era uma categoria que se excluía de tudo e que se recusava a qualquer comparação.

Se experimentasse levar aquilo para fora, deslocar o meu centro para onde estivesse o outro, o que imediatamente acontecia era que o outro desaparecesse, esmagado, pulverizado, anulado pela invasão do impenetrável eu que expulsa todo o outro ser no lugar que ocupa.

Não formulava assim o problema, evidentemente; nem tinha lido os versos de Rilke: “[...] supondo que um deles (anjos) me tomasse de repente contra o seu coração, eu sucumbiria, morto de sua existência mais forte”.

Inconscientemente era eu mesmo o anjo-aprendiz, que ia passando, que ia apertando as coisas contra meu peito, para vê-las morrer de minha jovem e dominadora existência.

Dividia-se o universo, doravante, em duas categorias: o eu e o não-eu. E entre essas duas ordens começava uma luta sem tréguas. Era evidente que o não-eu exercia um poderoso império, como se procurasse, numa contra-ofensiva, neutralizar o poder incendiário das asas angélicas. E o menino que descobria o imenso tesouro continuava pobre e dependente. Quando chovia, por exemplo, ele não podia correr no quintal; e ficava humilhado, com o nariz achatado na vidraça, a assistir ao grande banho das casas e das árvores. Mas em compensação, o imenso não-eu, com todos os seus trovões, suas montanhas, suas nuvens do céu, estava de certo modo à mercê de seu jovem senhor. Espectador solitário, único, onde estivesse ele, em volta estavam as coisas obedientes. Bastava andar, para que tudo andasse; parar, para que tudo parasse; e quando ele rodava, o céu e a terra, ensarilhados, rodavam também.

Quem naquela tarde visse o menino correr, e parar, e gesticular sozinho no quintal, acharia graça, talvez, sem suspeitar que ele estava exercendo

sua soberania sobre todo o universo. Com o calor dos quinze anos procurei sair de mim mesmo, como quem toma ares. E fiz versos. Era uma tentativa de comunicação. O martelar ritmado talvez pudesse ser a telegrafia das almas prisioneiras. Mas os versos que eu fazia não me vinham de dentro, do meu incomunicável eu, e por isso não eram comunicáveis. Antes me vinham dos outros, e eu, como autômato, os repetia.

Apliquei-me então em observar os outros, a ver se neles me descobria a mim mesmo refletido. Quantas vezes o amigo que me falava estava longe de suspeitar a atenção mantida, tensa, febril, com que eu seguia cada movimento fugaz de seu rosto, anotando-o, guardando-o para organizar depois, em segredo, o enorme dicionário das palavras que não se dizem! Descobri a extraordinária força de identificação com o outro pela imitação exterior. O problema consistia em me colocar cuidadosamente na posição do outro sem destruí-lo; e então, com todas as precauções, eu começava por fora, pela imitação do gesto, da voz, do modo de andar, a devassa de sua alma. Com esse método, pouco a pouco, eu conseguia entender muita coisa que me parecia inacessível. Bastava-me, por exemplo, endireitar o peito, pigarrear, anasalar a voz, para entender uma série de relações internas que constituíam a personalidade assaz antipática de tio Heitor.

Ainda hoje, apesar de tudo o que me aconteceu, inclusive o câncer, se eu sair à praia com um blusão desabotoado, e trocar o meu passo ordinário por outro mais afirmativo e confiante, sentir-me-ei invadido pelo bem-estar otimista dos vitoriosos cidadãos de Copacabana que andam nas ruas lambendo sorvetes. Que quer isto dizer? Serei eu tão pouco, que dependa de uma camisa e de um sorvete? Serei eu oco? O fato é que muitas personalidades se explicam pela grossura do pescoço, pela voz, pelo debrum do chapéu. Os atores teatrais são muito mais reais do que se pensa; ou então, o mundo real é muito mais teatral do que se imagina.

Volta-me hoje o problema vislumbrado nos dias da infância. Volto à metafísica depois de uma longa e penosa peregrinação pelos problemas morais. Deixo para trás o excitante problema dos outros, porque eu mesmo, para mim mesmo, sou uma gaveta fechada, uma rocha compacta, um abismo. Eu mesmo, e para mim mesmo, sou um pequeno realejo de que já vi, nas estampas de anatomia, a mola enroscada e o pequenino pente de lâminas plangentes. E que mais? Eu mesmo, para mim mesmo, sou uma presença que se esconde, uma noz que chocalha, um saco selado, um bolso cosido.

Ora, tudo o que se diz e se faz, de mais ou menos sensato ou mais ou

menos absurdo, depende da solução desse enigma. Quem sou eu? Para que a vida tenha sentido, e para que a morte mesma tenha alguma decência, eu preciso saber quem sou, por que vivo, por que morro, por que choro. De que me vale apreender o milhar de relações do mundo exterior, se não consigo apreender a substancial realidade que me diz respeito? Que me adianta medir a distância do sol e analisar a configuração do átomo do urânio, se desconheço a largura, a altura, a profundidade de meu próprio ser? De que me serve ganhar o universo se ando perdido de minha alma?

III

20 de janeiro.

Seria justo dizer que só hoje, desde os remotos tempos de colégio, me veio à mente uma idéia religiosa? Não; não creio que possa dizê-lo. Essa idéia, que hoje me apareceu com certo realce, sempre esteve em torno de mim. Silenciosa, discreta, ela estava ali, aqui, acolá. Como as coisas a que nosso olhar se habituou — este armário, aquela estante, o relógio, a jarra — assim também, familiar e esquecida, anda em torno de mim a idéia de Deus. E os detalhes dessa idéia. Sim, numa decoração antiga, a que eu já não prestava atenção, cercavam-me os detalhes de Deus: a cruz, os sinos, as velas, as imagens coloridas, os anjos, os santos, e a figura muito velada e muito vestida da Virgem. Nunca me servi dessas coisas, nunca prestei atenção, mas agora, estando a conversar comigo mesmo, propus-

-me a seguinte experiência: pensar num mundo sem cruces, sem velas, e sem imagens de Nossa Senhora. E registrei imediatamente o primeiro impulso de minha alma: esse mundo seria horrível.

Que devo pensar dessa reação? Terei eu ainda a mesma fé, mais enraizada do que pensava? Ou estarei a procurar nessas reminiscências um remédio contra o medo da morte que me devora? Torno a fazer a experiência e pergunto a minha alma: querias viver (ou morrer) num mundo sem os sinais da passagem de Cristo? Tarda agora a resposta. Minha alma prevenida, crispada, já não sabe se foi sua, bem sua, a reação de minutos atrás. E é isso, precisamente isto que me atormenta: poder distinguir o que é meu, realmente meu, do que tentam inculcar-me, ou melhor, do que vivem todos a se inculcar uns aos outros. Não digo que só possa aceitar as verdades de minha própria fabricação. Houve tempo em que cheguei quase a considerar-me um deus solitário, um deus exilado; e posso garantir que essa experiência é assaz incômoda. Não: venha de fora, venha do céu ou da terra, o que eu exijo da verdade, para

ser minha verdade, é a possibilidade de uma assimilação profunda, de uma união transformante que a faça realmente minha. Quero uma verdade que se transforme em meu sangue, em minha carne; e não uma verdade mecânica e ortopédica. Tenho horror ao objetivismo tranqüilo das almas carimbadas.

Como será que ressoa a fé dentro de alguém, do Dr. Aquiles por exemplo? Bem sei que a fé teológica, dom gratuito de Deus, é uma virtude infusa que se esconde nas profundezas da alma como a pérola escondida nas profundezas dos mares. Sei também, como lição decorada, que essa luz tenebrosa, de que fala o místico, muito mal ilumina a superfície de nossa sensibilidade. Mas assim mesmo, escondida e vacilante, alguma presença deve manifestar-se, alguma ressonância deve ser ouvida. Como será? De que modo se manifestará tão extraordinária presença — a presença de um Deus — nos atos, nos gestos, nos pensamentos, nos sonhos do Dr. Aquiles? Do meu tempo de menino piedoso, no colégio dos padres, eu me lembro da religião como de coisas que eu usava sem que tivesse delas plena consciência. Insensivelmente despi-me da piedade quando despi-me do uniforme. Veio depois a crise de crescimento. Veio depois Eunice. E desde então perco a lembrança de minha consciência religiosa. Quando torturava Eunice, ou andava atrás dela, na rua, trinta passos, como um ladrão, não me passava pelo espírito que fosse pecado. Era horrível, era repugnante para mim mesmo, mas não me ocorria que eu estivesse fazendo uma coisa feia diante da face de Deus. As faltas de Eunice também não me parecia que tivessem esse caráter de ofensa ao criador. O único ofendido era eu mesmo.

Não existia, pois, o problema; ou, se existia, era de um modo recuado, esquecido, como existem os quadros na parede, as cadeiras, as tias, quando a gente se debate no incêndio das paixões.

Há muita coisa que fica em torno de nós sem que demos acordo de sua presença. Há muita coisa que se esconde em nossa desatenção. Lembro-me bem do dia em que eu estava desenhando a planta de nossa casa, desta casa. Riscara o retângulo do prédio dentro do trapézio do terreno. E dentro do retângulo da casa traçava outros, onde íamos viver: aqui a sala, ali a cozinha, o banheiro, os quartos... A casa é uma expansão do corpo; e é por isso, seja dito de passagem, que não pode ser tão estritamente funcional como pretendem agora certos arquitetos racionalistas. Porque o funcionamento do corpo varia muito ao longo da vida. É com o mesmo corpo que um indivíduo é hoje ciclista em férias e amanhã senador da república. O corpo tem uma grande plasticidade, e tanto se ajusta no selim esportivo como na cadeira parlamentar. Ora, a vida de uma casa também varia; e para que a casa não seja lógica demais para uma situação, e absurda para outra, é preciso que seu desenho

tenha uma boa neutralidade que se adapte aos dias, aos nascimentos e às mortes. É preciso que a casa tenha certa organicidade, e que se possa fazer um puxado, ou derrubar uma parede, sem que os arquitetos vejam nisto uma heresia.

Estava pois eu mesmo desenhando os quartos de nossa casa, e acabava de traçar uma abertura em um dos lados de um dos retângulos...

— A porta deve ficar mais para cá, senão não cabe o guarda-vestidos.

Era Eunice. Debruçada em meu ombro, assinalava a deficiência daquela parede ainda abstrata com a unha polida e rosada. Desloquei a porta, e ela deu-me um beijo. Estava pronta a planta da casa. Os riscos de lápis profetizavam a nossa felicidade. Aqui seria a sala de conversas longas. Ali o quarto. Aqui a porta, a tal porta... Mas quando naquela tarde Eunice bateu a porta com estrondo, gritando que sua vida era um inferno, enquanto eu cerrava os punhos, em pé no centro do quarto, louco de dor, qual de nós se lembrou que a porta era porta, que o chão era chão? Qual de nós se lembrava ainda dos retângulos riscados com atenção e amor? Aliás, mesmo nos dias tranquilos, eu chego, atravesso a sala, subo a escada, abro o armário, sem me deter um instante, sem nenhum pensamento, sem nenhuma cortesia para as coisas. Ah! como somos desatentos! De outra vez — foram tantas! — nós tínhamos chegado a uma intolerável tensão. Já eram sem nexos, truncadas, como as células imaturas de meu sangue de hoje, as palavras violentas que dizíamos. De repente, num gesto mais arrebatado, esbarrei no relógio, que caiu no chão com um ruído surdo seguido de um gemido plangente. Abaixei-me para apanhá-lo. O vidro estava partido, o ponteiro torto, o pêndulo preso e a mola saltada como uma hérnia.

— Será que tem conserto?

— Não sei... deve ter... Era uma lembrança de aniversário. Nós o havíamos comprado juntos no antiquário. Eunice ficara encantada com o desenho do bronze, com o bom gosto do mostrador, e sobretudo com as duas colunas de mercúrio do pêndulo. Tentei explicar-lhe o princípio da compensação, falando em centro de gravidade e em dilatação térmica; mas Eunice aborreceu-se. Ela preferia que o mercúrio estivesse ali para agradá-la. Dei-lhe razão, e guardei minha ciência.

Em casa, estivemos hesitantes a respeito da melhor posição. Ficou na sala. Durante alguns dias o relógio nos alegrou. Ficávamos às vezes calados, esperando que ele batesse as horas. Tinha um som meio chorado, que lembrava as cordas de um cravo de antigamente.

Depois o relógio recuou, como quem diz “estejam a gosto, não se preocupem comigo, que eu cá continuo o meu ofício...”.

— Será que tem conserto? Eu olhava o relógio desfigurado. Parecia repreender-me. “Que mal te fiz eu?”. E em volta de mim, a mesa, os quadros, a jarra japonesa, o retrato de mamãe, tudo parecia acordar e olhar para mim. Eu era um réu.

Terei eu esbarrado em Deus? De onde me vem agora o sentido agudo de ter ferido no relógio uma inocência? O relógio era inocente. Anos e anos seu pêndulo oscilava, monótono e humilde. Anos e anos repetiu, de meia em meia hora, sua gracinha modesta, intercalando na rotina dos minutos a poesia das horas certas. Ele batia sua música simples. Se nós quiséssemos prestar atenção, muito bem; se não quiséssemos, ele continuava sem amuo o seu obrigatório tique-taque.

Raul também era inocente. Crescia, e perdia no ar de nossa vida tempestuosa suas inúteis gracinhas. Ah! se nós pudéssemos sentir sempre a inocência profunda das crianças e das coisas, sim, a inocência, a humildade das coisas! Naquela tarde eu deveria ter beijado o relógio. E em todos os outros dias eu deveria ter-me abaixado para beijar o chão, o bom chão em que assentam as coisas... Beijo-o agora. Talvez tarde. A casa está vazia... Disse há pouco que a ressonância da fé deveria ser um sentimento de presença. E basta esse sentimento para modificar toda a composição de nossos atos. Há uma diferença enorme entre a atitude de um homem que se sente só, e a daquele que vive uma presença. Todas as reações se modificam. E não é preciso que a pessoa esteja ao nosso lado, olhando para nós, segurando a nossa mão. Pode estar noutra ponta da casa, falando ao telefone ou combinando o serviço com a cozinheira. Ela está ali. “Elle est là”, como diz o poeta referindo-se a Nossa Senhora.

A presença é aquilo com que se pode contar; ou, reciprocamente, aquilo que conta conosco. Ainda que saia para compras, o fato de voltar a cada momento é uma promessa, e já é uma presença. A casa fica vazia, mas não está morta. Alguma coisa dela ficou, para dizer que volta: seus objetos, seus vestidos, sua marca profusa e multiplicada, seus sapatos imóveis, adormecidos a um canto do quarto, à espera do pezinho inquieto.

Outra coisa é a casa realmente vazia. Morta.

Terei eu sentido a presença de Deus? Poderei eu compreender uma presença que me obrigue infinitamente, e ao mesmo tempo me deixe infinitamente livre? Começo a pensar que sim; desde que possa também pensar numa coisa que cava abismos em minha alma: na terrível

humildade de um Deus ferido em sua infinita inocência... Vejo um Deus que se faz pequeno, um Deus caído a meus pés, a perguntar-me como o relógio caído: “Que mal, que mal te fiz eu?”.

IV

24 de janeiro.

O calor sufocante enxotou-me do quarto. Levei uma esteira para o terraço dos fundos, e lá me deitei, esticado, de braços abertos, olhando o céu estrelado. Bem no alto estava o brilhante quadrilátero de Órion, com suas Três-Marias ao centro — Três-Marias ou Cinturão do Guerreiro, conforme a gente se inspire na piedade cristã ou na turbulência pagã. Mais abaixo, para os lados do General, via-se a cabeça do Touro caolho, com sua Aldebarã magnífica e sangüínea; e a pouca distância dos cornos siderais, ainda mais para o oeste cintilava a Cadeira de São Pedro, inocente brinquedo de contas de cristal, meio torta, mas ainda inteira, largada ali no chão do céu, ao lado do Touro. Há de levar muito tempo antes de se desconjuntarem os pés daquela frágil cadeira.

E no entanto tudo aquilo se move. Eu mesmo, calado no meu microscópico terraço, estou caindo num buraco escuro. Move-se a Terra, move-se o Sol, movem-se as estrelas, mas o ritmo dessa enorme sarabanda é lento demais para o meu coração, como o ritmo das rosas. As figuras traçadas pelos astros são as mesmas, desde as noites remotas em que os pastores caldeus povoaram os céus de dragões, ursos e gigantes de lendas. O Touro já lá se achava, há cinco mil anos, com sua sideral conjuntivite. A cadeirinha, muito antes de São Pedro, já lá estava atirada, frágil e torta. E a Ursa Menor — que daqui não avisto — já rodava como um relógio suíço, espécie de cuco gigantesco, em torno do seu olho polar arregalado, enquanto os homens de coração inquieto começavam a correr mundo, a singrar os mares, olhando de tempos em tempos o brinquedo do céu, para no seu olho imóvel buscar as referências, as coordenadas de seus pés trepidantes.

Foi sempre assim: o homem, quando quer saber onde pisa, olha para o céu; quando quer regular seus movimentos, procura o imóvel.

A Via-Láctea, indecisa, esfarrapada, parece uma enorme fita a envolver todo o universo, presente de Natal que os anjos esqueceram de desatar.

Não. A Via-Láctea não envolve todo o universo. É apenas uma das fagulhas dessa imensa explosão que chamamos de universo. Tem a forma de um grão de lentilha; e inclui no seu domínio cerca de cem bilhões de

estrelas. As outras galáxias, a distâncias que já não se podem medir com a minúscula base de nossa órbita planetária, mas que se medem pela análise da luz, deixam-me um sentimento de estranheza, como nos dão as casas dos outros, as outras cidades, os países em que se falam outros idiomas. Aquela é a nossa Via-Láctea.

Tu que gostas de levantar muros e de traçar limites, ó coração do homem, vê se consegues achar ainda um diluído aconchego nesta galáxia que é a tua, e que encerra cem bilhões de sóis. Vê se consegues pensar na bandeira deste rincão do universo.

Já foi feito o cálculo, de onde se conclui que cada um de nós, habitantes da Terra, pode considerar-se proprietário de trinta mil estrelas. Como porém só existem sete mil que são visíveis, resulta que é invisível o lote do comum dos mortais. Quem será o dono de Aldebarã? Quem será o donatário de Sírius? Eu não sou. Devo contentar-me com o mais modesto quinhão de trinta mil estrelas invisíveis que amanhã ou depois ninguém encontrará no meu inventário.

Ontem, vendo passar um bonde, fiz a mim mesmo a pergunta perplexa do poeta. Pra que tantas pernas? Hoje, passando das pernas para os astros, perco-me na mesma vã indagação. Pra que tantos astros? Há qualquer coisa de brutal, uma espécie de imposição, no fato de uma coisa existir. O conforto que a inteligência sente, quando investiga o nexos das relações, das propriedades das coisas, desaparece completamente, transforma-se em angústia, quando considera a coisa pelo lado misterioso, casual, enigmático e gratuito de sua existência. Nenhuma existência se explica; nenhuma se justifica.

Aldebarã, uma vez que existe, tem distância, velocidade, composição química, espectro e temperatura. Tudo isso junto, combinado, tem para mim a cintilante aparência de um rubi celeste. Tudo isso a estrela é, uma vez que existe. Mas por que existe? Por que tantas pernas na terra e tantas estrelas no céu? Se o existir de uma só já é demais para a minha razão, que dizer então dessa abundância, desse prodigioso desperdício? “O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens”. Será então pilhéria a minha apólice de acionista do universo com trinta mil estrelas invisíveis. Estão altas demais. Indiferentes. Será vaidade nossa qualquer pretensão às cruzeiras e aos ursos siderais. São inacessíveis. Alheios. E eu aqui, verme colado a um grão, serei microscópico monstro de acaso, sem nenhuma ingerência na fluida e esbranquiçada pátria de que há pouco me ufanava.

Fico a olhar Sírius. E cá de baixo, deste chão que me cola, apesar de

minhas misérias, de minha leucemia, de minhas truncadas recordações — ainda mais truncadas do que as células de meu sangue — eu lanço um repto ao claro globo azul que me fita lá do alto, lá do seu abismo com cinqüenta anos-luz de profundidade.

Ó sol, ó diáfana matéria, ó imensidade perdida dentro da imensidade, aqui onde me vês eu sou um Homem, Verme consciente, roseau pensant. Qual é o maior, Sírius ou Pascal? Qual dos dois vale mais, o sol ou o melancólico pensador? Ó astro, Parsifal perdido no céu, tu ignoras teu nome. Vagueias, ó inocente, ó ingênuo absoluto, com teus gases excessivos e um pouco ridículos. Perambulas como um cego, passas como um surdo, vagueias como um desmemoriado de olhar vazio; e vê bem, considera que até para te humilhar é ainda do homem que tiro as imagens. Na verdade és menos do que um cego, do que um surdo, do que um desmemoriado. A tábua de minha mesa é mais rica do que teu globo de átomos simplificados. De que vale o tamanho? Que nobreza tem a distância? Tu estás acorrentado às equações, mais do que por metáfora lá estão as estrelas de Andrômeda, a acorrentada do céu. Tu és Sírius, Alpha Canis Maioris. Tens ascensão reta e declinação; e nós, nós os vermes, servimo-nos de teu esplendor, cativando-o, domesticando-o e inscrevendo-o no Nautical Almanack. Servo colossal, não passas de servo. Eu sou um verme, mas tenho consciência de sê-lo. Sou miserável, e o sei. Sou ridículo, e rio-me. Sou culpado, e choro.

Ai de nós! A raça de Pascal anda traída. Muitos andam por aí, ó astro, a dizer que também somos acorrentados, que também somos apenas um aglomerado de átomos que durante um certo tempo se demoram em nossos limites, na esquina de cotovelo, no vértice de um nariz, nas fugitivas pontas dos cabelos. Dizem, também que somos ocos, que vivemos da casca que a sociedade nos empresta, ou das eructações que nos vêm das experiências mal digeridas. Mas não te iludas com esses detratores, ó astro. A insensatez dessa gente, por derrisão, é a contraprova de nossa dignidade. Nós temos um imenso privilégio, que é o avesso de nosso manto real; nós temos a glória do erro.

Mas eu não vou discutir contigo, estrela; não vou argumentar. Basta que me apresente: eis aqui um homem. A luz que me chega à retina não encontra um ser passivo e inerte, como uma placa recoberta de bromureto, que recebe a imagem, que a revela no banho dos humores, que a fixa no hipossulfito da memória, e em função desse impacto dos fótons age, fala, dança e chora. Não. Pensar não é simplesmente receber. É algo mais ativo, que vai ao encontro do objeto. Quando a luz do astro me bate à porta dos sentidos, há em mim alguma coisa que se ergue de um trono, que recebe o mensageiro, que examina a mensagem, apossando-se dela, transformando-a, sutilizando-a — e que diz ao

coruscante vassalo do céu: “Tu és Sírius, Alpha Canis Maioris”.

Não acho absurdo pensar que todo esse céu seja espetáculo para nossos olhos. Tudo é nosso. O apóstolo Paulo, antes de Pascal, exprimiu de outro modo o paradoxo de nossa miséria e de nossa grandeza. “Somos como pobres, e tudo possuímos”. Omnia possidentes. Bem sei que o apóstolo se coloca em outro plano; mas por que não poderei eu trazer sua palavra para o domínio de nossa realeza natural? Tudo é nosso. Agora, com visão mais ampla, não faço questão de lotear o céu para destacar das outras as trinta mil estrelas que me foram adjudicadas. Tudo é de todos e de cada um. Socializemos as constelações.

O céu é um imenso jardim municipal. As estrelas são rosas que os bons munícipes não devem arrancar, e que têm o público mister de adornar os sonhos simples dos namorados pobres. Que me importam os anos-luz? Que me importam as cifras que tentam trazer o pânico para as nossas cogitações, como se o número tivesse a força de rachar ao meio o universo? Tudo é nosso. O céu baixou à terra; as estrelas são luminárias de nossa mansão. Brilhai, brilhai, Sírius, Canopus, Archernar, que eu cá embaixo passeio vagarosamente por entre as aléias do jardim luminoso.

V

28 de janeiro.

Voltando a pensar no céu estrelado, e no bonde cheio de pernas, acudiu-me ao espírito a idéia de que o universo é uma enorme confecção à double-face. Vejo dois aspectos, ou dois princípios, um de ordem e de economia, a reger as órbitas dos astros com uma exatidão que chega à mesquinha; e outro de festiva desordem, de desvairada prodigalidade, a nos impor as existências gratuitas dos astros, das flores, das espécies, e dos indivíduos dentro das espécies.

Quando estudamos um fenômeno, pesquisando sua razão próxima, a lei universal que nos encaminhará com firmeza à solução é a da economia. Agora, por exemplo, vejo a Lua nascer na linha baixa do horizonte. Eu sei que geometricamente ela ainda está abaixo do horizonte. E a refração da luz que me antecipa o seu nascimento, e que por assim dizer encurva o meu raio visual. Querirá isto dizer que o raio de luz, em certas circunstâncias, toma férias de sua rigidez retilínea e me chega à retina num passo travesso? Não. Nós sabemos que a luz se refrata para procurar no meio físico o seu menor caminho. Onde parece irromper o lirismo, na verdade subsiste a disciplina.

Se calcularmos a órbita da Terra, e perguntarmos a razão de ser da curvatura em cada ponto, teremos a mesma resposta: o menor caminho. E assim em todo o universo físico, até na fervilhante e desconcertante intimidade dos átomos, encontra-se a mesma disciplina da causalidade próxima a testemunhar a lei da ação mínima, do menor intervalo.

Por outro lado, quando consideramos o fato bruto da existência, e não as propriedades das coisas, e não o seu modo de geração, somos forçados a reconhecer esse aspecto pródigo, masculino, aventureiro do universo. As existências, enquanto existências, não se explicam. Aceitam-se. E todo o processo que a inteligência instaura começa desse enorme, desse colossal ponto de partida. O universo, esse ordenado universo, parece-nos então uma desordenada festividade, uma dádiva, uma desmedida floração nascida de uma infinita liberdade.

Os homens de vista cansada não vêm a festa das existências. Eles encaram todas as coisas sob o ângulo da rotina. As galinhas põem ovos; e dos ovos saem as galinhas. Neutralizam-se os dois prodígios na regularidade do fenômeno, que é tão rotineiro e pontual como o bonde das oito e quarenta e cinco. Essa é a visão do racionalista, do determinista, até diria do essencialista.

Outra é a maneira doida de olhar o mundo, que nega o inteligível, a causalidade, a lei. E essa é a visão do irracionalista, do indeterminista, do existencialista.

Mas é no domínio dos atos humanos, nesse outro universo de liberdade, que o duplo princípio da economia e da aventura ganha singular importância.

Para o racionalista, a história do homem cabalmente se explica pela lei do menor esforço, isto é, pela economia. A imprensa, por exemplo, foi inventada para poupar esforço; o que só é verdade depois de reconhecer a extravagante loucura que leva o homem a ler, e sobretudo a escrever. A navegação, para o mesmo teórico, só se desenvolveu por causa do comércio; o que só é verdade depois de admitir a extravagância que leva o homem a procurar o que está fora de seu alcance. Tomando como ponto de partida a busca de artigos tais como a pimenta, o cravo e a canela, torna-se compreensível o arrojo dos grandes viajantes e desaparece o espírito de aventura. Mas justamente o que é obscuro, poético, aventureiro, e meio doido, é o desejo que assalta o coração humano de misturar às couves de seu quintal os temperos de outro hemisfério.

Lembra-me aqui um manual marxista que me chegou às mãos, e em

que o autor, para combater o que ele chamava de espiritualismo, prova a não existência da liberdade com um argumento deste quilate: um orador tem necessidade de beber água porque a prolongada eloquência seca a garganta. Bebe-a então por esse motivo físico e fisiológico, e não por livre arbítrio.

Não me consta que tenha existido algum autor tão desvairadamente espiritualista que tenha chegado a negar a existência da garganta. O orador bebe água, efetivamente, porque a garganta secou. Esta explicação se enquadra bem em qualquer doutrina filosófica e em qualquer religião. É uma explicação sucinta e clara. Mas o que já não é tão claro, sobretudo para um marxista, é o motivo da eloquência. E se nós adicionarmos à pregação marxista as notas de fervor e de patético que costumam acompanhar a eloquência, ficará cada vez mais misteriosa a atitude daquele indivíduo que agora, num momento de clara racionalidade, bebe o seu copo d'água.

O marxismo, como ninguém ignora, é uma grande aventura que tem por objetivo purgar a história do homem do espírito de aventura. Será a última aventura para acabar com a aventura, o último ímpeto de fervor para matar o fervor, o último esforço de heroísmo para liquidar o heroísmo.

Aliás, para voltar ao copo d'água, devo observar que o determinista, que vê tudo claro como água, começa a perturbar-se diante da extravagante coleção de líquidos com que os homens contraíram o costume de satisfazer a fisiológica necessidade. Basta considerar o lirismo de frascos multicores numa prateleira de botequim. Explica-se o copo d'água (já sendo mais difícil explicar o friso que enfeita, creio eu, os próprios copos soviéticos), mas torna-se difícil explicar, sem a poesia, sem a aventura, sem a loucura, sem o oceano de liberdade, sem o instinto criador do homem, o vinho, a cerveja, os licores, a Coca-Cola, o guaraná, o absinto, a vodka, o cauim, os sucos, e todas as composições, e todas as combinações, e todas as variedades, e todas as espécies de líquidos que os homens costumam servir em xícaras, taças e copos.

Quem porventura andasse de viagem pelos mares do Sul, em 1911, em certa latitude e longitude, veria passar na linha do horizonte um brigue ou uma escuna com a proa dirigida para as remotas regiões austrais. Mais tarde viria a saber que vira passar o barco do bravo norueguês Amundsen, em demanda do pólo Sul.

Ei-lo na ponte de comando, o velho e teimoso amador de pólos, a discutir com o capitão do navio. Que quer ele de seu navio e de seu capitão? Evidentemente quer o menor caminho para o pólo Sul. Mas

antes desse desejo tão legítimo e tão claro, Amundsen desejou o próprio pólo. E aqui já começo a achar difícil deduzir-se da natureza do homem, ainda sendo norueguês, essa incoercível atração para o ponto onde convergem os meridianos.

O que Amundsen queria, como homem e como geógrafo, era estudar alguma coisa da Terra, e levar o resultado de suas pesquisas ao Real Instituto Geográfico de Cristânia. O que todo sábio procura é a alegria de um conhecimento e a alegria de um comunicado. Mas havia, evidentemente, muitos outros objetos e muitos outros caminhos para a sua fome de geógrafo e para a sua sede de comunicados. Amundsen escolheu o pólo Sul. Escolheu o maior caminho possível entre o seu gabinete de trabalho e o salão nobre do Real Instituto.

E agora, agora sim! uma vez escolhido o maior percurso, a delirante geodésica da aventura, lá está ele na ponte de comando, a economizar milhas, tempo, munições e carvão. Lá está o cientista aventureiro a escolher o menor trajeto do mais longo caminho.

O evolucionismo é também uma doutrina nascida da mesma incapacidade de compreender, de suportar o aspecto de aventura que põe um frêmito na história do mundo. A variedade das espécies aparece diante desse tipo de observador como uma intolerável desordem.

Sendo admissível que se busque, com o critério da economia de causas, a melhor explicação da diversidade, o evolucionista leva ao paroxismo essa razoável tendência, com a insensata idéia de abafar no nascedouro o que lhe parece ser um prurido de desordem. Ele quer inculcar ao universo uma disciplina de internato, e sonha pôr em ordem de marcha, em fila, todas as coisas do universo, desde o caramujo até o descobridor do pólo Sul.

O existencialista, ao contrário, pretende libertar o homem das concatenações que o princípio da economia lhe impõe, deixando-o sempre no limiar de uma aventura. O homem não tem natureza: está sempre na origem; está sempre nascendo, úmido sempre das águas genesíacas.

Será nessa mensagem que tanto valoriza o concreto, a experiência própria, que eu deveria buscar minhas lições de abismo? Cheguei a pensar assim. Tomado de horror pelo ar felizado com que o racionalista confunde a realidade com o pequeno campo reticulado e iluminado por uma lâmpada de quarenta watts, cheguei a procurar abrigo na vertigem.

Mas agora, depois de ter vencido em duelo a mais brilhante estrela do

céu, não posso menosprezar a lança que me deu a vitória.

Além disso, acabo de ter uma horrível visão, a de uma aventura sem regras. Vi um Amundsen existencialista, a me sorrir como um sonâmbulo, a me acenar com gestos desordenados da amurada de sua galera sem leme, sem sextante, sem mapas e sem compromissos.

A solução, se existe, estará na síntese que o céu estrelado me sugeriu. Nem uma coisa nem outra; mas ambas. Lembro-me de uma palavra de Platão: “Quando me querem obrigar a escolher entre duas alternativas, faço como as crianças: escolho ambas”. Mas então Detive-me. A idéia de que sou um moribundo, ou melhor, um homem-que-sabe-que-vai-morrer, segurou-me pela garganta. Atirou-me na cama. Rolou comigo. Cobriu-me. Violou-me com indecência. Venceu-me; a mim, que vencera um astro.

VI

2 de fevereiro.

Minha cozinheira, rompendo hoje a reserva desconfiada (e diria até hostil), veio procurar-me para resolver um assunto de alta relevância: a sua folga nos dias de carnaval.

Aproxima-se efetivamente a melancólica festa que absorverá, durante uns tantos dias, todos os cuidados do povo e de seus solícitos governantes. Fala-se em restituir ao carnaval carioca o seu antigo esplendor, como se a honra do país estivesse em jogo. E o povinho, cada vez mais desnutrido e torturado, pega na cuíca e geme lá no morro sua alegria simplificada.

Faltam dez dias. Onde estarei eu na terça-feira gorda? Jandira, a minha austera cozinheira, não pode imaginar a enormidade que me propõe, forçando-me a pensar, a prever, a planejar esse colossal futuro de dez dias. Ela não sabe que sua reivindicação tem para mim ressonâncias milenárias e apocalípticas. Ela não pensa no fim-do-mundo. Com a robusta inconsciência das pessoas de sangue provisoriamente normal, Jandira conta empreender a mais estarrecedora das aventuras: o preparativo. Creio que já comprou os aviamentos da fantasia, e pelo que pude depreender, através da névoa criada por minhas considerações escatológicas, a minha boa cozinheira vai vestir-se de cossaco.

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que apesar de já não ser criança, obrigue sua

corrupção às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folgado, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escure, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo o mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câibras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjeturas ou das idéias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando a blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

Mas o que acontece com a cozinheira acontece também com as patroas, embora com manifestações diferentes. Tempos atrás observei o auditório do Père Lebret, que por aqui andou pregando sua Economia e Humanismo. Ali estavam diversas senhoras atentas. Tinham ido à conferência do padre. Saboreavam agora a boa, a sólida conquista dessas duas horas bem etiquetadas (Conferência do Père Lebret). Mas a que ficou em casa, quando lhe disserem no dia seguinte que Dulce e Marta tinham ido à conferência, sentir-se-á diminuída.

O conferencista que não se iluda: a maioria das pessoas ali presentes só quer de sua doutrina o mesmo que das cadeiras: um encosto, um contato, remédio contra a solidão. O conferencista, suas teses, suas conclusões, são como sinais, fraldas ao topo do mastro de uma jangada perdida. O que importa, soberanamente, na conferência do Père Lebret, é o direito de dizer nos dias seguintes:

— Ontem, na conferência do Père Lebret... Lembro-me agora do Cerqueira. Ele gostava de contar como chegara a Paris, em agosto de 1939, vindo de Berlim no último trem que corra com horário de paz. Essa coincidência transformava-se em convivência, na imaginação de meu amigo. O último trem tinha para ele um sabor de associação; de participação nos grandes eventos do mundo; e permitia-lhe discorrer com desembaraço e autoridade sobre a política de Hitler e sobre o movimento dos exércitos na África do Norte. Dos fatos, passava às idéias filosóficas, e se um de nós discordava de suas colocações lá vinha o último trem, o diploma que o inseria no drama europeu, e que lhe permitia, inclusive, profetizar a queda dos impérios.

E nós, nós que não chegamos a Paris pelo último trem, nós que não assistimos aos incêndios de Londres, qual de nós, nesse mesmo agosto de 1939, diante das manchetes terríveis que anunciavam a Guerra, e prenunciavam a Fome e a Peste, qual de nós, homens morigerados e mansos, não sentiu, escondida como uma cobra, dentro da confusão, da perplexidade e da aflição, uma estranha e indefinível satisfação? Disse atrás que Pascal explica a maior parte das viagens pelo desejo de buscar assunto e alimento para a vaidade. Viaja-se para obter um diploma, como o de bacharel; ou para aumentar o reservatório de temas. Viaja-se para voltar com carimbos na mala, e com vulcões na memória. Posso imaginar o aventureiro retilíneo que faça exceção, mas não duvido que o caso geral seja este de quem parte para voltar, para trazer a personalidade engrossada.

Mas essa mesma idéia, como tudo que é do homem, tem duas faces. Acho belíssima essa voracidade do homem, e essa capacidade de trazer para casa, para a sala-de-estar, sob as espécies do assunto, as guerras, os terremotos e os ciclones. Por outro lado, porém, acho lúgubre essa avidez de engrossar por fora a ganga do eu, numa capitulação da maior das aventuras, que é a conquista de si mesmo, a descoberta de sua própria alma. Há duas iluminações na face de um Marco Polo: de um lado o brilho ensolarado da boa aventura; de outro a verde lividez do homem que foge de si mesmo.

E agora, quando mais não seja, por causa de meu estado, é o aspecto sombrio que mais me impressiona. O que o homem procura pelos continentes é o mesmo que Eunice procurava, andando pelas ruas, toc, toc, a se expor, a se oferecer aos ventos, aos fatores da humana geologia, como a bola de neve que cai, que engrossa, que cresce por fora, tendo no interior o quê? um seixo de acaso, um graveto de circunstância, um nada! Venham pois as ilhas do Oriente vistas da amurada de um navio que chega numa tarde azul; venham galerias de gênios mortos nos corredores suaves dos museus; venham cenas de rua nunca vistas, paisagens que surgem como um susto feliz, palácios, florestas, catedrais — venha tudo ao meu encontro forrar-me, cercar-me, proteger-me, descansar-me, para que meu eu fique perdido como uma bolha no centro de uma montanha de cristais.

Conheci um espírita que desmentia Pascal. Era um modesto funcionário dos Feitos da Fazenda, padrão L, que sonhava fazer uma viagem à Europa. Quando o conheci, já gastara nas rotinas da vida a última esperança de realizar o seu sonho; mas buscava nas teorias de Allan Kardec uma fonte de consolações e um derradeiro ideal.

Não iria à Europa agora, mas iria depois, isto é, faria sua viagem de recreio como alma-do-outro-mundo. Desembaraçado do espesso invólucro carnal que tão humildemente o trouxera cosido aos Feitos da Fazenda, seu perispírito em férias percorreria alegremente os museus de Paris e os palácios dos Doges de Veneza.

Por deficiência de memória ou de doutrina, não sei dizer se o meu homem, ou melhor, o meu fantasma voaria por cima dos mares ou se, apesar de desencarnado, ainda precisava de uma embarcação. Firmo-me nesta última hipótese, mesmo porque uma boa viagem de recreio deve começar pelos chamados encantos da vida de bordo.

E da hipótese tiro as conseqüências. O finado, se tinha sobre os passageiros vulgares a vantagem da invisibilidade, que o libertava do preço da passagem e dos incômodos das alfândegas, tinha por isso

mesmo o desconforto da incomunicabilidade. Dando mais razão a Pascal do que ao funcionário dos Feitos da Fazenda, concluo que seria bem melancólico o recreio do fantasma. Vejo-o debruçado na amurada do navio, murcho e triste nos seus fluidos; de castigo na sua invisibilidade. Ou então, o que ainda é pior, eu o imagino, levado pela nostalgia, a tentar uma comunicação em estilo preternatural, com o desalentador resultado de alargar ainda mais, em torno de si, a solidão do pavor.

Muito mais sensato do que o sonho do espírita é o ideal de minha cozinheira. Muito mais interessante do que o perispírito é a blusa de cetim azul com que pretende, apesar da corpulência, da cor, da idade e do sexo, contrafazer um cossaco.

Volto às minhas reflexões anteriores com mais esse documento que Jandira me fornece. A grande angústia de nosso tempo é um sentimento de excomunhão. Não sentindo em si uma existência própria, uma atividade própria, o homem precisa desesperadamente de um apoio exterior. Um andaime que lhe falte, ele logo se sente desvairadamente infeliz, como quem, num pesadelo, se achasse numa sala onde todo o mundo se divertisse em chinês. É o relógio parado de Papini, que só está certo quando todos os outros fazem o favor de vir ao seu encontro; mas que logo fica para trás, morto, quando o alegre turbilhão de relógios vivos passa, seguindo a dança das horas. Desajustado, não compreendendo o chinês em que os outros riem e cantam, o excluído só pode fazer uma coisa que não exige sociabilidade: chorar. E olhe lá! O resultado aí está: uma sociedade em pânico, que tudo aposta na estridência e na visibilidade; uma sociedade de aterrorizados que pisa os pobres, os pequeninos, os doentes, na fúria de atingir um estrado em praça pública, de onde possam fazer, uns aos outros, sinais febris e sem significação.

Para a moça que se debruça ansiosa sobre um figurino, a fim de saber o que deve fazer com seus próprios cabelos; para o jovem poeta que procura qual é o nome em voga, o livro que deve ser lido e falado; para a patroa que vai à conferência; para a cozinheira que vai ao carnaval, o que importa, acima da realidade do cabelo, da poesia, do humanismo e do pandeiro, é entrar no grande palco iluminado, e pegar a deixa dos outros personagens desse drama confuso, que três bilhões de atores mal ensaiados representam, durante anos e anos, à luz da desdenhosa Aldebarã.

Vendo hoje de minha janela um padre que passava na rua, a lembrança do carnaval trouxe-me uma idéia esquisita: ele estava fantasiado de Morte. Não sei se hoje ainda é costume. Quando eu era pequenino não havia carnaval sem fantasia de Morte. Compunha-

-se de um lençol, de uma caveira de papelão e de uma foice.

— Olha a Morte! Olha a Morte! A criançada corria. Com o rosto colado no gradil, o menino via passar aquela coisa vaga, de que os grandes falavam com suspiros ou com risos contrafeitos, e que voltaria à noite, silenciosamente, pelo pórtico do pesadelo. Uma vez o menino sonhou que a Morte o levava. Tinha quatro anos. A Morte o tomara e o levava nos ombros, como tio Afonso costumava fazer. Ele batia na cabeça da Morte e gritava. Mas a caveira não parecia sentir o castigo de seus punhos minúsculos; e ia andando, ia andando, devagar, com solenidade e recolhimento, com muita circunspeção, como o padre que eu vi passar agora, lá no outro lado da rua.

VIII

8 de fevereiro.

Tive hoje uma boa surpresa: a visita do Dr. Aquiles. Estava eu lendo os Solilóquios de Santo Agostinho, que encontrara lá embaixo com as páginas ainda por cortar, quando ouvi três pancadas discretas na porta. Era ele. Não sei de que hábeis recursos se valeu para contornar a rígida Jandira. O fato é que ali estava, emoldurado pelos umbrais da porta, tardo, corpulento, com seus bifocais cintilantes, e a costureira falta de jeito, que logo se traiu no falso pretexto de sua inesperada visita.

— Vim atender a um cliente do bairro e lembrei-me de passar por aqui para dois dedos de prosa. Não é visita de médico, ou, se quiser, é de médico amigo. E então, como vai?

— Assim como vê, esperando... Parece que Ela está atrasada. Não fosse mulher! Instalado na cadeira de balanço, o Dr. Aquiles sorria contrafeito, e fazia um mal disfarçado levantamento de meu quarto. Parecia-me que ele se esforçava por evitar que seus olhos pousassem em mim, no meu rosto, no meu peito magro que o pijama desabotoado deixava descoberto, para que eu não sentisse a pressão da curiosidade profissional. Achei que devia tomar alguma iniciativa, e ofereci-lhe um cigarro. Debruçando-se para acendê-lo, notou o livro que ficara aberto

na cama.

— Ah! Santo Agostinho! Estou vendo que vim interromper um tête-a-tête muito interessante. O senhor está em muito boa companhia. Santo Agostinho é um autor moderníssimo, sua mensagem é muito atual. Aliás, eu só conheço dele as Confissões e a Cidade de Deus. Creio que esse Solilóquios é obra de mocidade.

— Eu também não tinha lido, apesar de o ter comprado anos atrás. Hoje foi o título que me seduziu, pois também eu tenho vivido um prolongado solilóquio. Trata-se de um diálogo entre Agostinho e Agostinho, ou melhor, entre Agostinho e a razão. Mas devo confessar-lhe que apesar da sutileza do autor acho-o nítido demais; disciplinado demais o seu debate interior. O meu debate é diferente. Seria melhor chamá-lo de multilóquio. É um confuso vozerio. Falam ao mesmo tempo a Razão, a Memória, a Imaginação e o Sangue. E o pobre José Maria, numa desmoralizada presidência, em vão agita a sineta pedindo silêncio e ordem. Tive a idéia de engolfar-me nessa leitura para ver se os meus personagens interiores — inclusive o Embastilhado — tomam algum brio e seguem o bom exemplo do sábio doutor. Estou justamente no ponto em que a Razão pergunta: “O que queres tu saber afinal?”; e Agostinho responde: “Conhecer Deus e minha alma, eis tudo o que quero saber”.

— Ah! esse é o problema. That is the question, exclamou o Dr. Aquiles, com discutível pronúncia.

E recostando-se na cadeira, agora mais à vontade, entrou a falar na crise de nosso tempo, caracterizada pela fuga do homem, pela evasão, pela aversão à vida interior e ao conhecimento profundo de si mesmo. Na Idade Média, ao contrário, de tal modo predominou essa preocupação de descoberta da alma, que um grande filósofo e historiador não hesita em dizer que o traço característico da civilização medieval é o socratismo cristão.

— Veja um São Bernardo, um Santo Tomás, uma Santa Catarina de Sena... conhece Santa Catarina?

— Lia-a há tempos. Creio que tenho lá embaixo os seus Diálogos ou o seu Epistolário. Lembro-me da insistência com que ela fala, no conhecimento de si mesma em Deus... ah! e lembro-me agora do outro leitmotiv de sua pregação: o Sangue. Ela foi a ardorosa propagandista do grande Doador. É curioso... O Dr. Aquiles plantou nos meus os seus bons olhos castanhos. Parecia discutir consigo mesmo se devia ou não tirar partido da semelhança que casualmente surgira entre o meu caso

clínico e a receita espiritual de Santa Catarina. Mas não sabendo improvisar, ou receando ser importuno, retomou o fio de suas considerações sobre a mentalidade medieval.

Faltava-lhe, a essa mentalidade, poder-se-ia dizer, uma certa extroversão, um proporcionado interesse pelo mundo físico. Em compensação, ou melhor, em oposição, a mentalidade moderna, toda voltada para o físico, e ainda inebriada de suas fáceis recompensas, tornou-se mais eficiente do que consciente. A alma ficou esquecida. Deus ficou esquecido. Agostinho cobriu-se de pó. E os homens da Renascença fugiram de si mesmos, e partiram em suas caravelas para a conquista do mundo e do ouro. Pode-se situar esse movimento de inflexão num fenômeno lingüístico: houve um momento em que a palavra fortuna, que antes designava a sorte, a felicidade, e portanto a mais interior das categorias, passou a significar posse de bens exteriores, passou a significar dinheiro. O mundo então caminha a passos rápidos para as formas esvaziadas de um economismo implacável e de um sociologismo tirânico. O indivíduo tornou-se uma abstração e a sociedade a verdadeira, a única realidade.

— Nestes últimos anos, porém, continuou o Dr. Aquiles, nota-se uma reação, um desejo de volta ao segredo do homem. Desde Freud, e apesar de seus erros, há no mundo inteiro uma febre psicológica... Eu não acompanho o Dr. Aquiles na sua simpatia por essa febre psicológica. Tenho minhas restrições. Creio, aliás, que o próprio doutor disse aquilo para me agradar, ou para lançar entre nós uma ponte de compreensão. Não fosse eu pensar que o seu catolicismo tinha essa convencional carranca antimodernista que deita ao desprezo a ciência e a técnica.

Mas eu não concordo com essa volta ao humano que ele me apontava na psicanálise. Ao contrário, nesse mesmo psicologismo eu noto a mesma extroversão a que o doutor aludia. O que há de curioso na obra de Freud, a meu ver, é o seu completo desinteresse pelo centro do homem. Suas admiráveis descobertas vieram revelar a diversidade, a riqueza misteriosa de nosso organismo psíquico. Conclui ele então que o homem é um pobre ser dilacerado e sem unidade. Ora, isto me parece ilógico. A mim, quanto mais diferenciado e decidido se evidenciar nosso psiquismo, mais forte se afirmará o princípio de unificação que apesar de tudo ainda consegue uma vitória, mais penosa, mas por isso mesmo mais valiosa, por ser um domínio sobre numerosos e dispersos elementos. Na doutrina de Freud, ao contrário, a ilógica conclusão a que se chega, ou pelo menos aquela a que ele nos convida com insistência, é a do enfraquecimento de nosso centro de gravidade. Na estrutura que Freud propõe para o nosso psiquismo, como já observou um moderno psicólogo, a parte principal do drama se passa entre o id e o superego. O

enredo interessante está todo nas obscuras intrigas de nosso inconsciente e nas categóricas repressões policiais da zona exterior do superego, ficando no meio do palco, anódino, inerte, com as mãos abanando, o Ego consciente. Vê-se pois que essa psicologia, e suas derivadas, se caracteriza por um forte extrinsecismo, disfarçado, porque chega muito perto do centro, e tanto mais forte e resolutivo quanto resiste com maior deliberação à poderosa atração da proximidade. Ao que me parece, essa psicologia, com toda a sua respeitável contribuição, é antes uma força de dissociação do homem do que uma tentativa de descoberta do princípio que faz de um eu a coisa mais una, mais separada, mais brutalmente segregada do universo. Ela contraria, por curiosidade analítica, por dissociação, o primeiro fato bruto da primeira experiência da alma. Ah! se eu estivesse no começo da vida, pode ser que procurasse um psicólogo avisado que me impedisse de escolher a carreira das armas num momento de ardor cívico, ou a carreira do mar, como aconteceu com meu desventurado primo Anísio. Se eu estivesse para casar-me, pode ser que procurasse dar uma escovadela pré-nupcial no meu inconsciente. Mas estando para morrer, eu devo descobrir a significação completa e absoluta da vida, e devo encontrar-me comigo mesmo, no que sou, no que verdadeiramente sou...

— Não, Dr. Aquiles, a psicanálise não serve para um moribundo, justamente porque o moribundo, mais do que ninguém, precisa saber o sentido absoluto da vida. Freud está mais longe de mim, e de Santo Agostinho, do que o mais extrovertido dos aventureiros que partiam para a conquista da mais extrínseca das fortunas! Esses de hoje chegam mais perto para, com maior acinte, voltarem as costas ao problema. Não! Para mim todo o problema reside na procura do princípio ativo e totalizador, da luz salubérrima, capaz de me permitir a assimilação da idéia de Deus e da idéia que tenho de minha própria alma. Para mim tudo se reduz a essa possibilidade de unificação e de transformação das verdades na substância de meu sangue. Preciso engolir o meu Criador, preciso tê-lo no sangue. O senhor dirá que é fácil, porque Ele se tornou Carne para ser comida; mas eu lhe responderei que antes preciso engolir essa palavra que me parece indigesta... Preparava-me para desenvolver minha truncada teoria sobre a assimilação, quando percebi que o prazer da conversa me impedira de notar o jogo fisionômico do Dr. Aquiles. Ele olhava para mim com mistura de respeito e alarma, como quem começasse a entender, e por outro lado cada vez menos entendesse. Creio que o processo que fiz da doutrina freudiana lhe agradava, talvez demais, porque a rigor seria mais razoável que ela tivesse partido dele mesmo, médico e católico. Ficamos um momento em silêncio. Eu sentia, na presença silenciosa do Dr. Aquiles, o prelúdio de uma amizade, que seria boa e longa, se eu chegasse a viver uns vinte anos, como Santo

Agostinho depois de seus solilóquios, para descobrir-me e para encontrar a Deus.

No momento, parecia-me que eu galgava esse futuro imaginário. Previa a consolidação de nossa simpatia, depois as nossas conversas, os combates comuns, as dificuldades, os mal-entendidos. Sim, teríamos muitos mal-entendidos, e grandes, porque o Dr. Aquiles é homem de idéias feitas, homem sem improvisações e sem matizes. Previ o cansaço que ele me daria, as irritações que infalivelmente me viriam daquele bom e retangular personagem, que viera catequizar-me, e que agora se embaraçava.

Sim, embaraçava-se. Ele preferiria, para o apostolar propósito que trouxera, encontrar-me mais distante e mais alheio às obras dos santos e da Igreja. Sobretudo mais ingênuo. Poderia então usar os grandes recursos da surpresa que vai ao encontro de uma ingenuidade; poderia, com alma leve, empregar uma das fórmulas usuais com que se traduz em verbo humano a esperança teologal — tão indicada como medicina para o meu caso — na convicção de que, ao menos, nova e fresca ela me pareceria, como aos ouvidos ingênuos dos gentios soaram as grandes palavras do Apóstolo, as mesmas que, para os calejados das sinagogas, pareciam apenas uma fantasiosa subversão da lei e dos profetas.

Eu seria o menino que faz perguntas tolas, ou levanta objeções, uma dessas clássicas objeções que são facilmente esmagadas pelas seculares respostas feitas que os estudantes de apologética decoram com os olhos no teto. E assim, criança, pela mão do irmão mais velho, pontuando meu itinerário com porquês maravilhados, eu iria entrando de mansinho no Reino de Deus.

Mas agora o bom pregador se detinha, enfiado, ao descobrir que eu era muito adulto, e que estava perto, muito perto, mas de costas. Por que não me diz ele o mesmo que eu disse de Freud? Vamos, Dr. Aquiles, por que não me empurra? por que não me convence? Reparei então no embrulho que ele trazia.

— Esse embrulho está-lhe incomodando. Quer deixá-lo ali em cima da mesa? Levantou-se para alijar-se do embrulho e, chegando junto à mesa, notou as folhas escritas, as de ontem.

— O senhor está escrevendo?

— Estou. Não sei bem por quê. Talvez lhe mostre... talvez rasgue.

Ainda de costas, o Dr. Aquiles lançou-me a notícia:

— D. Eunice esteve ontem no consultório.

— Hem!? Estávamos de novo frente a frente: eu, sentado na borda da cama, esticado de curiosidade; ele, na cadeira de balanço, mas inclinado para mim, solícito, na beira do assento, fazendo em meu favor aquela pequena renúncia do conforto que o resto da cadeira lhe poderia proporcionar.

— É verdade, estive. Não sei como soube. Creio que encontrou o Pedreira. O fato é que soube, embora por alto, de sua doença, e eu então achei que era de meu dever informá-la de seu verdadeiro estado. Ela ficou muito aflita, e deu sinais de desejar uma aproximação. Aliás, devo dizer-lhe, sob palavra, que não foi por isto que vim visitá-lo. O motivo é outro: simpatia, amizade se prefere... eu viria de qualquer modo um desses dias; mas o que abreviou a minha decisão, não o oculto, foi a visita de sua senhora.

— Ela não é minha senhora, Dr. Aquiles. Não somos casados, ou melhor, somos casados de opereta. Nossa certidão tem os selos do Uruguai. Eunice é a minha heresia, Dr. Aquiles. E lamento muito vê-lo envolvido nesta história. Devia tê-lo prevenido, mas nunca pude imaginar que Eunice fosse aparecer no seu consultório. Supunha-a em São Paulo.

Mais embaraçado do que nunca, o Dr. Aquiles esteve para levantar-se. Olhou o embrulho em cima da mesa, consultou o relógio de pulso, mas ficou.

— Ainda existe o impedimento?

— Chama-se André o impedimento. Ainda existe; ou pelo menos existia até o mês passado. É um personagem tão triste como eu. Nem sei mais ao certo qual de nós dois está em falta com o outro. Primeiro fui eu, depois ele. Aliás, foi essa charada que ele mesmo me propôs uma tarde, quando eu abri uma porta, respirando pensamentos de vingança. Depois sofremos juntos. É uma história antiga... e agora reaparecem os fantasmas. Amanhã será Raul que irá procurá-lo no consultório, e convém que o senhor fique sabendo que Raul também não é meu filho.

— Como assim? O casamento pode ser de opereta, como o senhor diz, mas nem por isso o filho deixa de ser filho.

Olhei para o doutor com pena. Como pode um homem inteligente ser às vezes tão estúpido? Expliquei-lhe que não era por causa do selo do Uruguai que Raul deixava de ser meu filho.

— Aliás, só tive revelação desse fato pouco antes de nos separarmos. Foi a própria Eunice, num momento de cólera, que me lançou em rosto a impostura. Disse-me que consultasse um médico, se tinha dúvidas. A cena foi ali no quarto ao lado (o nosso quarto). Eu chamei o menino, que estava lá fora brincando. Ele veio correndo, com o rosto afogueado, rindo, mas, quando olhou para mim, estacou com medo. Segurei-o pelos ombros e fiquei assim, não sei quanto tempo, analisando seu rosto, seu nariz, seus olhos, vendo o medo crescer, transformar-se em pavor. Ele gritava: “Me deixa, papai! me deixa!”. E eu, sentindo o mundo dançar em torno de mim, sacudia-o como um frenético. Era o retrato de André. Como não vira antes? Como me escapara tão estridente semelhança? Perdendo a cabeça, eu esbofeteava o menino, enquanto Eunice me puxava pela roupa, pelos cabelos, e me chamava de monstro... Depois consultei o médico. Fiz exames humilhantes. Raul não podia ser meu filho; nenhum menino do mundo podia ser meu filho. E eis aí: tinha uma pseudoesposa; fiquei tendo um pseudofilho. E tudo o mais deveria ser assim, uma pseudocasa, uma pseudovida. E eu mesmo era o quê? uma sombra, triste fantoche que leva a sério a pantomima, e chora, por engano, pseudolágrimas, porque parece que o mundo é um circo.

O doutor ouvia-me imóvel, impenetrável. No seu rosto quadrado e simétrico só a boca vivia, para contrair-se ainda mais que de costume, como a dizer-lhe que não contasse com ela.

— Mas não foi nesse dia que nós nos separamos. A violência tem em si uma espécie de equilíbrio dinâmico. Conhecemos ainda horas de delírio, como anos atrás na casa vazia da Rua Ipiranga. Foi mais tarde, creio que dois anos depois, numa hora de tédio morno, que Eunice me declarou que se ia embora, e eu admirei-me que já não tivesse ido há mais tempo. Dei-lhe metade do que tinha, e fiquei com Raul. É verdade, fiquei com o menino. Explique como quiser. O fato é que fiquei com Raul. Nos primeiros tempos do abandono eu tinha crises de afetividade que me faziam levantar à noite para ver se o menino estava dormindo bem, para arrumar-lhe a coberta. Às vezes ficava olhando para ele longos minutos. Parecia-me que estaria perdido se Raul me faltasse. Mas também tinha crises contrárias, quando sentia falta de Eunice. O período da adolescência de Raul foi para mim um inferno... Creio que até hoje ele não sabe. Será melhor que não saiba... aliás, hoje somos dois estranhos. Ele casou-se com uma moça gorda e mansa, de Belo Horizonte, que lhe dá um filho por ano. São os meus pseudonetos.

Ficamos um tempo enorme em silêncio. O calor era sufocante. Levantei-me para abrir a janela, pois o sol já se escondera atrás da casa do general. Seriam cinco horas. Uma tênue aragem ergueu a cortina e veio agitar de leve a rosa vermelha, uma rosa muito aberta, muito franca,

como um largo rosto de camponesa queimada de sol. Pus um peso nas folhas de meu diário, e voltei a sentar-me diante do doutor.

— Começo a compreender, disse-me ele então, calcando nas sílabas, começo a compreender; Deus é um claro-escuro.

Sentou-se um pouco mais à vontade, como quem achara enfim a solução de um problema teórico que passaria a explicar. Vendo que eu procurava antecipar-me, ele fez um gesto travado e difícil, como quem implora que não interrompam.

— Deus é um claro-escuro. Sua vontade é claríssima e obscuríssima. Quando se trata dos fins, do que Ele quer de nós, em definitivo, não pode haver sombra de dúvida: Ele quer que sejamos justos e irrepreensíveis diante de Sua face; Ele quer que o amemos de todo o coração, de todo o entendimento, etc. Mas como? Com que meios concretos? Aí é que está, aí é que se torna obscuríssima a Sua vontade. E nós nos perdemos nos labirintos, muitas vezes querendo forçar o Seu silêncio, a Sua santa escuridão. Ah! meu caro senhor, não há nada mais desconcertante do que o caso concreto! O doutor levantou o dedo como quem diz “tome nota desta”, e mexeu-se na cadeira. Eu perdia-me numa desorientação que não era de todo desagradável. Escapavam-me suas intenções. Onde iria ele chegar?

— Às vezes, continuou o doutor, nós temos um pequeno vislumbre desse como que geralmente é tão obscuro. Mas somos contraditórios. Justamente quando temos um desses raros indícios claros, nós recalcitramos. Achamos ruim. Gostaríamos que fosse diferente, como as pessoas angustiadas que procuram o conselheiro e raramente seguem o conselho. Preferimos seguir a nossa própria vontade... Baixava agora o nível. Ah! Dr. Aquiles, eu já pressinto aonde quer chegar e entristeço-me com o sufocante previsível que me envenena a vida, e que me determina a morte. Será o senhor também um autômato?

— No seu caso... Aí vem ele. Atenção! Ele vai falar-me no lucro espiritual que eu devo tirar da doença e da dor.

— No seu caso, que começo a compreender, sua vida tem sido um tecido de falsificações. A mentira, o equívoco, o desencontro, a falta de autenticidade foi a linha com que o senhor coseu os seus dias. Ficou lúcido demais para esse mecanismo, um especialista, se posso dizer assim. Ora, eu estou pensando que foi por isso que Deus escondeu aos seus olhos a sua Igreja visível. O senhor não agüentaria o triste espetáculo que nós damos; não saberia ver o Sangue que corre nesse Corpo misterioso, atento demais à disformidade dos pés. O mundo é um

lugar de mistura. A Igreja, estando no mundo, abarca provisoriamente essa mistura. E o senhor não agüentaria. Há uma certa morbidez, e uma grande franqueza nos seus delírios de sinceridade. Desculpe-me. Permitiu-lhe Deus a confusão, permitiu-lhe Deus até uma heresia, uma pseudo-heresia, e deu-lhe agora este retiro, este tempo vazio, onde o senhor estará diante dele sem que nós, que somos espessos e opacos, estorvemos a Sua presença. Eu mesmo já me demorei demais... não, não proteste. É fato: já lhe trouxe uma amostra de nossa granítica opacidade.

Calou-se o doutor; e eu via no seu rosto congestionado os sinais do esforço que fizera para romper a habitual reserva. Enxugou a testa com um lenço branco, onde se viam suas iniciais bordadas com linha azul. Como seria a mulher do Dr. Aquiles? Como poderia esse pesado personagem desincumbir-se das graciosas exigências do amor? Na penumbra do quarto, sua figura maciça, que oscilava devagar na cadeira de balanço, começou a me entregar o seu segredo. Eu via o seu cansaço; via o peso de Deus na sua alma de fiel. Trinta anos de Ação Católica, de apostolado canhestro e decepcionante, de polêmicas com gosto de palha, de reuniões com gosto de cinza! Ah! e as assinaturas dos jornais católicos com fotografias de ilustres prelados; e as conferências paroquiais, em que se convencem os superconvencidos, em que se explica o horror do comunismo aos superhorrorizados, ou se apontam os inconvenientes do divórcio aos superindissolúveis casais!

— O que envenena tudo é o contentamento mesquinho, disse sentenciosamente o doutor. E acrescentou em voz baixa e pausada:

— É a vaidade... Parecia ter entrado nas minhas cogitações; ou talvez concluísse as suas próprias, que nesse meio tempo tivessem percorrido o mesmo itinerário. Invertiam-se agora os papéis, e era eu que devia confortar o fatigado doutor; ou que devia instruir o desorientado apóstolo. Sentei-me então na cama, e apossei-me de suas idéias:

— A vaidade!... quer que lhe diga? Fala-se hoje demais nos desajustes econômicos e sexuais, mas o fundamental desajuste, que persegue o homem até a beira da morte, está no foco de amor-próprio. É aí que se falsifica tudo. E quer que lhe diga aonde é, em que meio, em que grupo de homens é mais visível a vaidade? Eu lhe digo: é nos grupos de homens virtuosos, bem intencionados, bem comportados, que se unem para salvar a doutrina e os bons costumes. É na sua Ação Católica, nas congregações religiosas, nas salas de capítulo. Lá fora, os outros homens estão à vontade. A vegetação dos vícios é viçosa e copada. Dominam o Dinheiro e o Sexo. O pecado é gordo e corado. É folgazão, compreensivo, tolerante, simpático, e quase diria que tem a beleza das coisas bem crescidas. Veja o homem que vitaliza indústrias, que distribui

escolas, que tem largueza de vistas e amenidades de maneiras. Dizem dele que tem duas ou três mulheres de aluguel. Donde os moralistas e reformadores concluem que o Dinheiro e o Sexo são as duas grandes forças que é preciso retificar, com novas estruturas sociais e com novos métodos psicológicos. Eles não vêem, debaixo da grossa enxúndia, a mesma raiz essencial de amor-próprio, isto é, aquilo que torna o pecado não só odioso como também ridículo. Mas nas salas de capítulo, nos claustros, nas associações paroquiais, os homens se despojam dos vícios gordos e coloridos. Destaca-se então a raiz; vê-se em toda a sua triste pureza, em toda a sua desnutrida fealdade, essa coisa torcida, magra, lívida, mesquinha, que é o amor-próprio. Desde o pobre leigo que se multiplica na ação católica, até o monge que passa vestido de penitência, são esses os verdadeiros especialistas da vaidade. Têm-na em estado puro. Sem os guizos da futilidade. Sem os alardes do prestígio. Sem o dramático interesse dos desencontros do amor. Vaidade essencial. Amor-próprio com nervo exposto...

— Como é que o senhor sabe isso? perguntou o doutor com mal disfarçada emoção, este é o nosso segredo!

— É também o meu, embora em perspectiva diferente...

— Como assim? Deitei-me na cama, fechei os olhos, e confessei:

— A história de minhas omissões, toda a minha história, cabe nestas poucas palavras: um insensato horror à mistura! Foi o senhor mesmo que descobriu. Realmente, eu sonhava um mundo de cristal... queria ter no sangue rubis verdadeiros, de Burma!

— Mas esses rubis existem! exclamou o doutor.

— Eu sei.

— Existe o genuíno, existe a verdade, mas é preciso ir buscá-la na mistura, é preciso aceitar por algum tempo a confusão do joio e do trigo. Deus poupou-lhe os meus trinta anos de decepções, de mediocridade. Poupou-lhe o calor do meio-dia, que a Ele mesmo fatigou, quando veio sentar-se junto ao poço de Jacó, para dizer à moça samaritana que chegara o momento de adorar a Deus em espírito e verdade. Deus poupou-lhe tudo isso, mas agora permita-me dizer-lhe uma coisa muito importante: Ele não dispensa um mínimo, um mínimo que, explorado a fundo, pode transformar-se em um máximo. Ele não dispensa um certo mínimo, mesmo na undécima hora...

— Ontem, aqui da janela, vi passar esse Mínimo.

— Quem?

— Um padre.

O Dr. Aquiles pregou os olhos nos meus. Fez um gesto, mas deteve-se. Calou o que ainda ia dizer. Estava ainda mais emocionado e tolhido. Levantou-se então, bruscamente, e tomou o embrulho que deixara em cima da mesa.

— Trouxe-lhe isto.

Abri o embrulho intrigado. Era um crucifixo. Ou melhor, era o crucifixo, o mesmo que vira no seu consultório dias antes. E eu não adivinhara! A cruz, a forma mais divulgada no universo, estivera ali escondida, mal escondida num embrulho tão evidente. E eu não adivinhara.

— É uma lembrança... se o senhor não tem objeções, vamos pregá-la ali na parede, e eu logo me irei, para que a minha corpulência católica não seja obstáculo entre o senhor e o seu salvador. Ele não teve horror à mistura... Quer arranjar-me um martelo e prego? E enquanto o Dr. Aquiles, como um bom centurião vestido de brim irlandês, pregava o Cristo na minha parede, com marteladas assaz desajeitadas, eu pensava em Eunice, em Raul, e no relógio quebrado. “Será que tem conserto?”

IX

10 de fevereiro.

Completo hoje o meu terceiro mês de agonia. Bodas de Sangre. Eu deveria convidar os amigos, e encomendar à Jandira um bolo com três velas vermelhas. Viria o Pedreira, D. Alice, uma turma de alunos, e por fim chegaria o Dr. Aquiles escondendo atrás de si o doador, como a boa Dodô com seus Júlio Verne.

— Adivinha! Adivinha qual é o presente do doutor.

— Sangue.

— Bravo! Bravo! Que moribundo esperto!

X

“A descoberta do eu — li hoje nas páginas de um filósofo — se completa nos abismos da subjetividade”. Esse é o documento cifrado, escrito em caracteres rúnicos, que me caiu nas mãos por acaso, e que me indica de modo tão conciso o caminho do centro da Terra. Eia, Axel, chegou a hora. Despede-te da bela Gräuben. Vamos descer aos abismos.

Comecei por dizer comigo mesmo, repetindo as palavras do bom inglês, que é mais extraordinário ter um nariz do que ter um nariz extraordinário. No meu tempo de colégio, quando me interessava a astronomia, eu tirava uma grande satisfação do fato de distinguir a olho nu as estrelas de sexta grandeza. Via também, com certa nitidez, a duplicação de alfa do Centauro. E gabava-me de ter uma acuidade visual fora do comum. Tinha um olhar extraordinário, mas ainda não sabia que a coisa mais extraordinária era ter olhos. Espantava-me com os adjetivos, deixando de me espantar com os substantivos. Envaidecia-me com os dotes que me singularizavam, que me distinguiam dos outros, porque ainda não tinha pensado na substancial realidade de minha alma, que me singulariza de um modo muito mais forte, mas que ao mesmo tempo me coloca com os outros numa equiparação chocante e admirável.

A experiência que me proponho está nessa direção que deixa para trás os adjetivos, que são os meus ornatos, e que me distinguem dos outros exteriormente. Será possível dizer de mim mesmo, de meu todo, de meu eu, o mesmo que disse do nariz e dos olhos? Será possível pensar nessa substancialidade a que aderem parasitariamente os meus coruscantes adjetivos? Foi lamentável o primeiro ensaio.

Eis o que acontece, quando o homem tenta descobrir em si essa realidade nuclear, esse tudo que tão fortemente se destaca, essa fonte de vida, centro do ser, substância da alma; eis o que acontece quando o homem tenta descer com suas lanternas e suas cordas — aliás, descer ou subir, por que não? — à procura da fina ponta de si mesmo; e quando se abaixa, se curva, se debruça — ou se alça na ponta dos pés, por que não? — à procura do seu nome antigo que Herzeleide levou e que só Kundry conhece; ou à procura da pupila que vê sem ser vista, a não ser nos outros, no enigma, no espelho dos outros; quando investiga enfim o lugar onde se condensa e se solidifica, em toda a sua maravilhosa e rica espessura, aquele tudo que a tudo se opõe frontalmente, que se separa do outro tudo objetivo, disperso, difuso, pitoresco, que se espalha desordenadamente, como um luxo de universo supérfluo e emoldural — eis o que acontece, eis o que encontra esse audaz aventureiro: “Silêncio, escuridão e nada mais”.

Deixara para trás, pendurados em invisíveis cabides, os meus títulos exteriores. Que me importava a mim, nessa expedição decisiva, ser professor da Faculdade de Filosofia, padrão O? Que me importava toda a série de pequenas conquistas e de grandes malogros que fazem a fisionomia exterior de minha vida? Sou brasileiro, eleitor, vacinado, autor de trabalho sobre as integrais de Bessel, membro do Clube de Engenharia, proprietário, meio poeta, e agora canceroso? Todos esses predicados juntos não dão um sujeito. Cercam-no, penduram-se nele, ou melhor, realizam-se nele. Mas o sujeito oculto, o sujeito que se procura, e que às vezes inventaria suas exterioridades com um olhar melancólico de velho fidalgo meio desmemoriado, que percorresse de uma sacada do solar os seus domínios invadidos pela erva e desfigurados pelo abandono — onde está ele, esse sujeito? Machuquei ontem o meu dedo. Mas o meu dedo, com todas as suas ligações vivas, parece-me distante, exterior, como um pau-de-cerca derrubado, que o triste dono deste solar arruinado calcula como e quando consertará.

Recuando, descendo cada vez mais fundo, abrindo caminho entre as disparatadas coisas exteriores, pergunto em voz alta: “Onde está a sala do trono no castelo encantado de mim mesmo?”. De escuridão em escuridão, de silêncio em silêncio, atravesso com medo os meus recessos.

Esta sala, em doce penumbra amarela, é o gabinete da memória. Mas eu não sou a minha memória. Se é por ela que tenho a noção certa de minha própria continuidade; se é por ela que cumpro hoje o que ontem prometi; se é por ela, em suma, que meu eu abre caminho no tempo, não é nela que minha alma consiste. A memória é um registro; é qualquer coisa que recebe, passivamente. Mas nesse museu de coisas antigas e truncadas há um personagem que passeia, um ladrão, um arrombador que dirige de repente sua lanterna-surda para um cofre esquecido. Ou há um prisioneiro melancólico que folheia um álbum. É verdade que a memória tem manifestações involuntárias, uma espécie de movimento browniano que nos traz, da ebulição interior, muita coisa que quiséramos esquecida. Há lembranças que esbarram, que vêm ao encontro do arrombador. É um museu encantado, uma loja feérica de antiquário em que os objetos se agitam, lançam, mudam de forma e de cor, sem que o proprietário consiga dois minutos de ordem e de boa arrumação. Ali estão, por exemplo, numa nitidez derrisória, trinta e tantos números de telefones, datas de aniversários, endereços, fórmulas algébricas, nomes de autores; mas onde é que puseram o sorriso de minha mãe? Não, a memória não é o meu centro; eu não sou minha memória. Também não sou a minha imaginação; essa câmara de projeções combinadas, que superpõe espetáculos, que aproxima vulcões, estrelas e rosas, apesar de toda a sua atividade, de sua inventiva espontaneidade, não é o centro de minha pessoa. Eu não sou a minha

imaginação.

Recuando mais, e deixando apagadas as luzes da memória e da imaginação, apalpo-me desesperadamente, e não me encontro. Nesse instante de pesadelo, perco o pé, fico a oscilar entre um tudo e um nada. Uma composição, inaudita, que, no seu criptograma, o filósofo chamou de être-avec-néant, dá-me vertigens. E caio. Despenco no vazio. Acordo gritando. E agarro-me onde posso, numa gárgula, num pára-raios, num peitoril de janela deixada aberta por esquecimento; isto é, agarro-me no meu título de professor, firmo os pés com segurança nas boas coisas exteriores que me tocam, que me escoram, dizendo-me, na linguagem dos contatos mudos, que eu existo, ao menos assim, por fora.

Fujo então, correndo, gritando, para fora desse eu-mesmo tenebroso. Doravante, ainda que por muito pouco tempo, serei objetivo, extrovertido, coletivo, social.

Por que não? Não seria mais generoso do que morrer na companhia das rosas? Tenho ainda, ao que parece, uns quinze dias. Ora, em quinze dias torno-me útil se pego em minha leucemia e saio por aí a mostrar ao mundo essa coisa espantosa, que Voltaire achava tão natural e Goethe tão antinatural: o homem-que-sabe-que-vai-morrer. Os jornais ficariam cheios de mim. O Presidente da República, a quem eu pedira audiência para um projeto de elevada filantropia, levantar-se-ia de sua cadeira presidencial quando visse entrar o personagem que eu sou, a morte axiomática, o exemplo encarnado de um silogismo, a certeza a que todo o mundo foge. E eu conseguiria verbas extraordinárias, tão extraordinário é o fato de ser mortal; e eu poderia prestar grandes serviços à comunidade: fabricar triciclos ao alcance de todos; melhorar a condição de vida das moças que servem o café em pé, de marré, marré, marré. E a minha morte seria a despedida de um grande benfeitor. Eu partiria no meu navio fantasma, vendo o mundo afastar-se devagar, como um cais com muita gente agradecida, com muitos lenços.

O mundo morre de evasão. Morre de divisão. Eu também. E nesses poucos dias que me sobram, persiste dentro de mim o equívoco, que tão variado se manifestou por fora durante toda a minha vida. Como nas mediócrs histórias de espanto, eu sou o triste cocheiro que conduz num carro fechado o Máscara de Ferro, o lívido embastilhado que ninguém viu. Passa o lúgubre coche pelas pedras de uma imensa rua deserta, com o lamentável estrépito de uma vida mal vivida num mundo mal pavimentado.

Amanhã ou depois — diga-me melhor o Dr. Aquiles — ouvirei da boléia umas pancadas surdas nas paredes do carro, e pela primeira vez

soará aos meus ouvidos a voz rouca de meu prisioneiro:

— Chegamos...

XI

16 de fevereiro.

O projeto que ontem me apareceu sob os traços da fantasia voltou hoje a preocupar-me. Quem sabe se eu não poderia, realmente, fazer alguma coisa desses quinze ou vinte dias que me sobram, em vez de ficar aqui neste quarto anotando as vertigens de minha alma? Quem sabe se eu não poderia levar, a duas ou três pessoas, a notícia da “existência mais forte” que em mão segura mantém os princípios explosivos de nosso ser? Contaria ao Pedreira como venci em duelo a estrela mais brilhante do céu. Contaria a Gertrud a história do relógio inocente, vítima de minha cega paixão. E à suave Luciana eualaria dos abismos da esperança. E quem sabe se, falando aos outros, eu não ganharia o que me falta?

Assentei que sairia depois do almoço. Passaria primeiro pelo consultório do Dr. Aquiles para combinar uma nova transfusão, e sobretudo para continuar a nossa conversa do outro dia. Depois iria ver a moça do café. Daria também pulo ao mercado de flores, para substituir as três rosas defuntas, e, conforme a disposição, iria de táxi até o laboratório do Pedreira.

Ouvindo meus passos na escada, Jandira estranhou, e apareceu na porta da sala com as mãos brancas de farinha. Estava fazendo um bolo.

— Antes do jantar estou de volta, Jandira.

Ela me olhava com respeitosa desconfiança, e sorria como quem tinha alguma coisa que dizer, mas não se atrevia. Tive vontade de começar com ela o meu exercício de simpatia e comunicabilidade.

— Então? está adiantada a sua fantasia? Jandira ria-se, sacudindo os ombros roliços. Suspeitava certamente que o meu interesse fosse ditado pelo fingimento ou pela zombaria. Mas enganava-se. Era interesse verdadeiro. As considerações abstratas e artificiais da semana passada não me satisfaziam agora. A gorda Jandira, com as mãos enfarinhadas, é mais complexa e muito mais rica em mistérios do que a minha vã filosofia.

Logo hoje o Dr. Aquiles não foi ao consultório. Disse-me a enfermeira

que ele está gripado.

E eu achei-me na rua, meio desorientado com essa pequena contrariedade.

O dia estava abrasador. O calor excessivo punha nas fisionomias das pessoas que passavam um ar de sem-cerimônia e de extroversão. Eu ia andando, sem sentir o cansaço habitual, parecendo-me que a cidade inteira estava em festa, e que a onda de gente que vinha ao meu encontro era benevolente e amiga. Num certo momento, não sei por que, gravou-se em mim, com singular realce e fixação, um instantâneo da rua. No primeiro plano um senhor de idade, rosado e vestido de cinza-claro, erguia o braço direito, num gesto grave, gesto de estátua, enquanto o esquerdo, colado ao corpo, burocrático e metódico, apertava uma pasta de couro amarelo. Seu amigo sorria com respeito e muitos bons dentes. Em torno, a multidão menos nítida. Um vestido de crepe de seda, com ramagens em tons de verde-claro. Duas mocinhas a rir-se. Um garoto. Centenas de silhuetas secundárias. E no fundo, a perder de vista, a massa confusa de ombros e cabeças, a perspectiva da rua estreita com suas mal recortadas fachadas, e lá longe uma nesga de céu violentamente azul.

Lembrei-me do quadro de Rembrandt que tem assim, no primeiro plano, um personagem de importância com a mão estendida, eloquente, num admirável esforço que rompe os limites da tela... Como se chama o quadro? Creio que Ronda da Noite.

Mas a cena desarrumou-se. A mobilidade perpétua devorou meu Rembrandt. Passou o velho; passou o moço. “Sur le pont d’Avignon tout le monde passe”. E agora, num olhar mais longo, que não tenta prender a asa do pássaro, eu vejo o movimento, o fluxo, a própria realidade do movimento. Aquele quadro só uma vez existiu. Aquele gesto, só uma vez. Os sorrisos, os rostos, os lampejos de gravatas, o ondulado dos ombros, as palavras truncadas... só uma vez. E o poeta que anda comigo me diz ao ouvido que repare bem naqueles dorsos arredondados que fogem de mim.

“Qui nous a ainsi retournés que nous,
quoique nous fassions, nous avons cette allure
de celui qui s’en va? Et comme, sur la dernière colline,
d’où sa vallée entière se montre à lui,
une fois encore, il se retourne, s’arrête, s’attarde —
ainsi nous vivons et toujours prenons congé”.

Ó devorante mobilidade! Não sou eu só que me despeço. Não sou eu só que estou vendo essas imagens pela última vez. Todos estão vendo tudo

pela última vez. Não sou eu só, por causa de meu sangue, que estou morrendo. Tudo está morrendo. O universo inteiro é uma enorme e azafamada despedida. Há malas apertadas às pressas, empilhadas nos pórticos das idades; há lenços brancos nos umbrais dos instantes.

Avia-te, ó Sol, estamos de mudança! Apressa-te, ó moça risonha que passa, estamos de passagem! Adeus, adeus, boa viagem, ó ruas, ó gente, ó pedras teimosas que ficais retardadas na ilusão de ficar! “Não permanecer, eis o sentido de tudo”.

Todas as histórias que imaginei — e foram muitas — acabavam sempre assim: um homem vai andando, vai andando, num caminho que, ao entardecer, serpenteia por uma paisagem cinzenta. Vejo-o de costas. Vai ficando pequenino, pequenino. A distância o gasta; a tarde o dissolve. E a história acaba assim em qualquer ponto dessa sinuosa e inútil despedida.

Sem pensar, achei-me diante do café. Olhei para dentro e vi logo que Gertrud não estava. Fiquei indeciso; mas aproveitando uma folga no balcão, dirigi-me ao rapaz louro e sardento, o mesmo que dias atrás fazia a moça rir. Atrapalhei-me por não saber o nome dela; gaguejei e mal consegui descrevê-la, sentindo o ridículo da situação e adivinhando o que o rapaz estaria pensando de mim.

— Ela deixou a casa. Parece que ficou doente. Não sei... Sei eu. É claro que ficou doente; é claríssimo que tenha deixado a casa. Que relação pode existir entre um rendoso negócio e uma pobre moça que bota sangue pela boca? Dirigi-me, agora em passos mais lentos, para o mercado de flores. Apertara o calor. Parecia-me que a jovialidade dos rostos dera lugar a um universal congestionamento. Iam todos suados, acalorados, sabotoados. Do asfalto vinha um hálito de forno e o céu tinha virado uma tampa metálica pintada de azul.

Na porta de uma loja de fazendas, esperando talvez o marido, estava uma moça com um bambino de Rafael no colo. Seus olhos azuis, parados, sérios, um pouco sonolentos, perdiam-se no vago. Retardei o passo, procurando captar os olhos do menino. Fiz-lhe um sinal. Ia tocar-lhe o rostinho com a ponta do dedo, mas a mãe recuou vivamente, e eu vi no seu olhar um medo, uma indefinível repugnância. Ah! a minha magreza, a minha palidez! Poderia explicar-lhe que não há perigo de contágio... perguntasse ao Dr. Aquiles, ao Dr. Rosalvo... Foi na esquina de Uruguaiana que senti a primeira vertigem. Parei um pouco. Efetivamente, faltava-me o chão. Olhei em volta. Seria melhor tomar um táxi e voltar para casa.

Dei mais uns passos. Vinha ao meu encontro uma velha de preto a

discutir vivamente com um rapaz que trazia o braço na tipóia. A velha oscilou diante de mim, e o negrume de seu vestido cresceu e cobriu-me. Estendi instintivamente as mãos... Quando dei acordo de mim estava sentado numa cadeira, diante de uma casa de modas. Uma moça gorda e morena estendia-me um copo d'água.

— Beba mais um pouco. Está melhor? Em volta, um círculo de curiosos. Tinham parado para ver aquele senhor lívido e esgalgado que ali está na berlinda, sentado numa cadeira, na rua, como um camelot que tivesse inventado uma original gaiatice para atrair o seu público...

— Está melhor agora? Era um moço forte, bonitão, vestido de panamá rosado, que sorria para mim com dentes muito claros por detrás de um bigodinho negro, lustroso e bem cortado. Seria médico? Não. Será antes comerciante, vendedor franco e desembaraçado. Pedi-lhe que me arranjasse um táxi.

O moço fez questão de me acompanhar. Disse que tinha tempo, e que assim era melhor, porque, se eu sentisse alguma coisa no caminho... mas certamente não iria sentir nada. Era do calor. Estava sufocante. Talvez chovesse.

Na Rua Marquês de Abrantes houve um embaraço de tráfego. Um bonde chocara-se com um caminhão carregado de garrafas. Havia cacos verdes, cerveja desperdiçada, e gente a comentar o acidente e a propor soluções. Meu jovem samaritano achou logo que a culpa era da Light, e daquele episódio, daquela cerveja entornada, passou a tecer indignadas considerações sobre o problema do imperialismo americano. Era comunista.

— Veja as atrocidades que eles estão cometendo na Coréia! Eu calava-me constrangido. Não ousando contradizê-lo, eu deixava que o bom moço me catequizasse e me promettesse a felicidade baseada no materialismo histórico.

— É ali, no trinta e quatro.

Estávamos chegando; e sem pensar no choque das classes e no imperialismo americano, eu só pude dizer ao moço comunista que me segurava pelo braço:

— Deus lhe pague.

Jandira, vendo-me chegar desfeito e quase carregado, tinha a confirmação de seus pressentimentos. Bem notara a minha fraqueza, bem quisera falar.

— Não é nada, Jandira. É do calor.

— O senhor devia chamar o doutor que esteve aqui outro dia.

— Mais tarde, Jandira. Depois do carnaval...

XII

20 de fevereiro.

Estava deitado. Lá fora, longe, nas ruas mais movimentadas, o carnaval enche a noite de um som vago, grosso, rouco, que não sei se é rugido de perversidade ou gemido de dor. Apaguei a luz. Invadia-

-me um torpor que tinha mais de anestesia que de sono. Quando aumentava o torpor, mesmo estando eu de olhos abertos, parecia-

-me que o ruído se aproximava de mim. É no meu ouvido, quase dentro de mim, que o Rio de Janeiro ronca seu delírio carnavalesco. Reajo, e logo o ruído volta a se colocar no espaço, ali, acolá, mais longe, mais perto, diferenciado, difuso.

Pouco depois recomeça o torpor, e o ruído se aperta de novo, comprime-se, e novamente passam bondes dentro de mim, bandos ruidosos, cuícas, pandeiros, tudo dentro de mim.

Há certas noites espessas que também destroem o espaço, aproximando, fundindo as coisas num bloco apertado e próximo. O céu desce e encosta na terra; as montanhas se deslocam e viram paredes; o universo inteiro parece um calabouço exíguo. Ao contrário, e sobretudo depois de uma noite assim, não há nada mais espaçoso e diáfano do que a madrugada. O céu se levanta com delicadezas de véu e pluma; o morro deixa de ser assombração, voltando para sua aprazível distância, e nascem casas brancas, pequeninas, e a gente respira à vontade, porque o universo cresceu.

Ora, o que eu sentia, esticado na cama, sem coragem de mover-me, era uma noite pesada, que trazia tudo para cima de mim, para dentro de mim. O que estará acontecendo? Será hoje? Deveria resistir, acender a luz, arrumar as flores, beber um copo d'água? Deverei chamar alguém? Volta o torpor... No limiar do sono ou do desmaio, mas ainda consiste, vejo imagens que surgem diante de mim, rostos que nunca vi. Ouço vozes. Um moço embrulhado num manto escuro passa apressado e diz-me, quase dentro de mim:

— Ele chegou!

— Ele quem? Mas o moço fugiu pelos ares, num ziguezague, parecendo um grande morcego. Cresce o ruído. Cresce a confusão dentro de mim...

— Avia-te, Axel! Anda daí, despede-te! Vamos! Era a voz de meu tio. Estamos na boca do vulcão, e começamos a descer uma escada natural, em caracol, nas paredes da cratera. O ruído que vem agora das profundezas do poço é diferente, mudou de caráter; é desconcertante, bizarro, como se fosse o avesso dos sons. Havia vozes, risadas, gemidos, e por detrás de tudo rugia um turbilhão wagneriano colossalmente desafinado. Onde estava o meu tio? Agora eu descia sozinho, agarrando-me às anfractuosidades da rocha. O mensageiro veloz, embrulhado no manto escuro, tornou a passar por mim gritando:

— Ele chegou!

— Ele quem? Sem resposta, eu continuava a descer. Mergulhava na sonoridade disforme como quem se atola numa substância. Esgotado, sentia dores horríveis nos braços e nas pernas. Não seria melhor largar a pedra e deixar-me cair?

— Anda, Axel! Estamos atrasados! dizia a voz do Professor Lindenbrock, com o mesmo acento do Dr. Rosalvo quando me perguntava pelas células atípicas. Continuei a descer, mais depressa, mais depressa, chocando-me, ferindo-me na pedra, caindo, enquanto ouvia vozes que subiam do fundo do poço, suspiros, queixumes, recriminações, que passavam por mim substancializados, como pássaros noturnos, que em rápidas espirais ganhavam a boca do vulcão. Vamos! Depressa! Não podes ficar...

— Ficar, eis um verbo sem sentido, disse-me a sombra do poeta que passou com uma rosa nos dedos.

— José Maria, fica! cantou então no ar uma voz de mulher, leve, pura, de inaudita limpidez.

José Maria? Quem me chamou assim, como ainda ouço em sonhos minha mãe me chamar? Quem é essa, de tamanha sabedoria, que conhece o meu nome e o meu segredo? Ah! em vão eu procurei a mulher que me dissesse quem eu era. Andei, andei pelos países dos erros e das dores, procurando o amor corpóreo, o amor envolvente que me circundasse, que me definisse, o amor solícito, adaptável, cambiante pelo zelo de exprimir as cores dos minutos diferentes — dourado em Eunice, branco em Luciana, rubro em Gertrud — o amor intolerante, com o zelo

oposto de não deixar que os minutos me comessem. Como pode alguém viver sem esse espelho de um rosto de mulher? Como poderia eu salvar-me fora de um regaço seguro? Eu ia andando, fugindo de mim mesmo, ou de quê? mas fugindo... não podia permanecer. Não podia parar. Não podia achar o sentido de meu ser, enquanto não ouvisse a voz das âncoras. Quem me deterá? Quem me encontrará, se eu a mim mesmo não me encontrei? Quem está aí, escondida, a me ordenar que fique, a mim, ombro curvado, figura que se vê de costas no caminho sinuoso, a despedir-se, a despedir-se? Mulher, mulher escondida na noite...

— Na pedra!

— Na pedra ou na noite, Kundry de voz sem pecado, conta-me a história da fonte em que nasci. A história de Herzeleide. Era uma vez... ó mulher escondida na pedra...

— Na noite!

— Na noite e na pedra. Conta-me a lenda do menino que fugia, e longe, muito longe, dentro da noite se perdia. Ah! e não esqueças o riso, sim, o grande riso de amor, quando enfim o achava, a venturosa! Anda! Fala! Dize-me só uma coisa: que eu era esperado. Como pode alguém viver, se não é esperado? Dize-me que ela esperou por mim, dias e noites, até que tudo se extinguisse, que o queixume se calasse, que o sofrimento a corroesse. Até o desejo da morte silenciosa. Fala. Dize-me tudo: que a dor lhe partiu o coração. Que Herzeleide morreu...

— Herzeleide não morreu. Com sete espadas no seio, vive Herzeleide!

— Quem és tu? És tu flor, tu também?

— Rosa! Rosa! cantou um coro de vozes leves e brancas.

— “Rosa! ó pura contradição, doçura intensa de não ser o sono de ninguém sob tantas e tantas pálpebras!”, sussurrou-me ao ouvido a voz pausada e triste do poeta.

— Rosa, Rosae, Rosae, Rosam, Rosa, Rosa! declinava em cantilena infantil um outro coro invisível.

— Doçura intensa de não ser o sono de ninguém... repeti para mim mesmo, dentro da escuridão e do clamor. E desejei adormecer devagar, sucessivamente, pelas pálpebras das rosas.

Caía agora suavemente, como uma pluma, e o túnel de pedra se alargava e se tingia de um dourado mortiço.

Estou agora sentado. Escapa-me a transição, ou talvez seja melhor dizer que não existe transição nessas figuras de álbum colorido que o sonho vai virando devagar.

Vestido de veludo negro com bordados de ouro, como um melancólico rei de Espanha, estou sentado num trono de pedra trabalhado com relevos exóticos. Creio mesmo que tenho na cabeça uma coroa que me pesa e me dói. Observo então o lugar em que me acho. É uma gruta espaçosa, grosseiramente hexagonal, vagamente iluminada de amarelo, com galerias, creio que três, que entram sinuosamente e se perdem nas trevas. Eu adivinhava a presença de uma multidão escondida naqueles labirintos tentaculares; ouvia cochichos, passos irrequietos. Foi então, quando eu já me aborrecia, que do túnel central, fazendo-me uma complicada e cerimoniosa reverência, entrou na cripta um personagem assaz esquisito.

Baixo, gordo, bilioso, olhos duros à flor da pele, queixo esquivo, boca mimosa desenhada em V, nariz encurvado, mais ainda quando se ria, como se tentasse ver onde se escondera o queixo — o meu homem combinava muito de circunspeto com qualquer coisa de extraordinariamente gaiato. Vestia-se com a sóbria e obsoleta distinção dos eclesiásticos em férias; jaquetão escuro corretamente abotoado, gravata carmesim e calças listradas que desciam, bem cortadas e bem vincadas, até as botinas de verniz, de pequena medida e irrepreensível lustro.

Entrou na gruta, como disse, e depois dos complicados salamaleques começou a executar na ponta dos pés, arqueando os braços curtos, ou inclinando-se nas curvas, um mimoso passo de dança, meio clássico, meio grotesco, que me permitia apreciar, ora o rosto bilioso onde se destacava o nariz corado de prazer, ora as enormes nádegas evidenciadas pelo repuxado do jaquetão justo demais.

Cumpridos esses preliminares, postou-se ao canto da gruta, muito correto, piscando compassadamente os olhos, e tirou do bolso um apito. A agitação que vinha dos corredores escuros cresceu, e quando foi dado o sinal começou a sair de cada labirinto um desfile de novos figurantes, enquanto estrugia no ar a música dos sinos de Monte Salvat. Em contraste com a circunspeção gaiata do mestre-de-cerimônias, eu via desfilar diante de mim a mais solene e espantosa coleção de paramentos e indumentos que se pode imaginar. Coroas, mantos, diademas, faixas republicanas, cartolas, condecorações, gravatas, plumas, anéis simbólicos, distintivos, cetros, bastões de comando, togas e mais uma infinita coleção de insígnias de significação desconhecida, tudo isso desfilara diante de mim como se um enorme hospício tivesse

extravasado através de um museu. Mas as fisionomias, debaixo da diversidade da indumentária, eram iguais na expressão: o mesmo olhar parado, o mesmo riso gelado, a mesma complacência de quem está diante de um espelho a ver como lhe assenta a casaca ou o fardão.

O mestre-de-cerimônias informou-me então que todos eles são pessoas importantes. Muito IMPORTANTES! Acentuava a palavra, para que eu gravasse bem o seu sentido profundo. E explicou-se melhor:

— Nem todos lá em cima foram bem sucedidos. Alguns sem dúvida o foram. Aquele que está ali à esquerda, o da faixa, é o Presidente da República. Mas aquele outro, ao seu lado, é um funcionário de guichê. Lá em cima a importância dele é invisível, como a camisa do rei. Só ele a conhece. Mas nós aqui temos o mais perfeito guarda-roupa do universo, e cada um se veste como sonha.

Enquanto os fantoches continuavam a passear gravemente, com o mesmo olhar fixo e o mesmo sorriso paralisado, o mestre-de-cerimônias sentou-se num tamborete a meu lado e encostou-se ao meu braço com uma chocante familiaridade.

— O senhor ainda não me perguntou onde é que nós estamos.

Era verdade. Ainda não me tinha ocorrido o problema. Observei melhor os loucos paramentados. Cada um tinha nas costas, bordada a ouro e prata, uma heráldica complicada, de um inexcedível mau gosto, e encimada por um enorme Eu em grandes letras escarlates. Comecei a descobrir nas fisionomias certos indícios que me haviam escapado. À medida que me demorava no exame, as fisionomias se tornavam mais transparentes. Agora, eles passavam diante de mim e eu adivinhava em cada um o pensamento secreto, adivinhava a sua história. Procurava desviar o rosto com repugnância, para não ver; mas a curiosidade era maior do que o nojo. E eu via... Via em cada rosto uma história fixada, um mapa explicativo. Assaltou-me então um pensamento de terror, e olhei para o mestre-de-cerimônias, que esperava minha resposta com paciente e divertida bonomia. Ele entendeu o meu pavor e pôs-se a rir.

— Não! Oh! Não! Oh! Oh! Oh! Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Não! E enxugando os olhos, acrescentou, agora sério:

— Lá é muito diferente.

— Que lugar é este então?

— Isto aqui é um teatro, ou uma escola, se prefere. Um lugar de exercício, de ensaio... estamos no quinto ato de uma peça que imaginei.

Vai entrar agora o herói, preste atenção.

Tirando o apito do bolso soprou três longos sinais. Os extraordinários figurantes dividiram-se em dois grupos, uns à direita, outros à esquerda, deixando desimpedida a galeria central, por onde começaram a entrar novos personagens, ainda mais circunspetos, e vestidos de preto. Era um cortejo fúnebre. O caixão de ébano lavrado, com ornatos de ouro e prata e incrustações de pedras preciosas, vinha carregado por quatro cavalheiros grisalhos, vestidos com grande apuro e com os peitos cobertos de condecorações. A um gesto do Mestre, colocaram o caixão diante de mim, numa pequena elevação do solo, enquanto outros personagens, que saíam interminavelmente da galeria escura, vinham depositar enormes coroas em torno e em cima do ataúde. “A eça funerária é um navio. Mas tem âncoras demais, salva-vidas demais, e o único passageiro chega morto”.

— Sabe quem é? Fiz sinal que sim, com a cabeça. Era André. E sem conseguir conter-me, comecei a contar-lhe a triste história de André, nossa amizade, Eunice, o primeiro beijo de traição e de amor...

— Fale mais alto.

— E eles?

— Eles não ouvem, estão mergulhados na própria contemplação, só ouvem a voz dos desejos e o silvo do apito. O único som exterior que percebem é o apito. Quer uma prova? E começou a gritar injúrias horríveis, sem que os personagens perdessem a plácida gravidade.

— Está vendo? Este aqui está morto, aqueles dormem... podemos conversar à vontade.

E puxando delicadamente as calças para não prejudicar o vinco, aproximou-se mais de mim com sinais de profunda atenção. Dir-se-ia o clínico que ouve a profusa algaravia do cliente, reservando-se o privilégio de destacar da confusão o essencial. E eu, apesar de uma infinita repugnância, continuei a contar a história de André, a minha história. Contei tudo, com detalhes. Falei da casa da Rua Ipiranga, do casamento em Montevidéu, do nascimento de Raul, dos meus ciúmes, do apartamento número quatrocentos e dois... O meu homem interessava-se cada vez mais. De quando em quando tinha um sorriso de entendido, e balançava a cabeça como quem diz: a bom entendedor meia palavra basta. Às vezes ria-se.

O seu riso começava no abdome por movimentos de espasmo sem som; depois subia, já com um glu-glu; avolumava-se; demorava-se um

instante na laringe, a revolver-se como água de um ralo que transborda; e daí subia ao rosto oleoso, vindo terminar na ponta do nariz flexível, que então se encurvava ainda mais até repousar na forquilha da boca encarnada e obscena.

Irritei-me, observando que ele ria errado, nos momentos impróprios; mas continuei a minha narração, dobrando o esforço para me fazer compreendido por aquele obsequioso personagem, enquanto no fundo da gruta os outros continuavam a fantasmática ronda da Importância. Quando abordei o caso da moça do café, o homem ficou de repente muito sério, diria até alarmado.

— Como? Como? Não tinha compreendido. Repeti o episódio. Ele redobrava a atenção. Num certo momento, julgando ter pegado o que buscava em minha história, deu uma palmada gostosa na coxa:

— Boa! Esta é boa! e começou a rir pelas convulsões do abdome.

Zanguei-me, e disse-lhe asperamente que a história não era para risos, e que ele não prestara a devida atenção. O personagem formalizou-se e respondeu-me que compreendera tudo perfeitamente, que prestara toda a atenção que o caso merecia, e que estava em condições de repetir tudo o que eu lhe contara, tintim por tintim.

E começou efetivamente a contar-me a minha própria história. E eu pasmava. A história que ele contava tinha uma precisão milimétrica. Era exatamente, rigorosamente, a minha história. Mas ao mesmo tempo era monstruosamente falsa, como se ele a tivesse desidratado, como se ele tivesse queimado a sua carne, destruído suas juntas, apagado seus matizes, esvaziado suas artérias, e viesse mostrar-me somente as nervuras carbonizadas, mas exatas, de minha lamentável história. Não que omitisse fatos ou circunstâncias, não que mutilasse: a história estava inteira, mas morta. E disto resultava um inexcusável grotesco, sem que eu pudesse apontar onde estava a falsidade e o erro.

Eu trepidava de impaciência. Os labores da pedra de meu trono castigavam-me as pernas e os braços. A coroa pesava-me, esmagava-me. Nunca, nos meus piores dias, eu fora tão rigorosamente fotografado e tão monstruosamente incompreendido. Direi eu que o homem era injusto? Não. O que eu posso dizer, isso sim, é que ele tinha uma essencial incapacidade de ver o resto, a seiva, o sangue de minha história.

Pus-me a advogar em causa própria, entrando em minudências, fazendo reflexões, distinções, análises que iam esbarrar no rosto oleoso, vagamente divertido, quando não caíam no ralo do riso ignóbil que

vinha do ventre e terminava na ponta do nariz recurvo e corado de prazer.

Acontecera-me às vezes, lá em cima, sentir essa angustiada necessidade de convencer, de captar a simpatia de um interlocutor que eu mesmo desprezava. Os outros, os que estavam de acordo ou compreendiam, embora mais dignos, não me interessavam. Eu queria aquele, justamente aquele que me fugia, com um angustiado e absurdo desejo, ainda que devesse abandoná-lo, relegado a um definitivo desprezo, quando o tivesse vencido.

O que agora sentia era a mesma coisa, levada ao paroxismo. Eu precisava, a todo o custo, que aquele repelente personagem me compreendesse. Humilhei-me. Pedi-lhe que fizesse um esforço. Implorei. E exausto, apertando os punhos, batendo os pés, chorando de raiva e desespero, comecei a repetir desordenadamente a minha história, que ainda ficava pior, mais parecida com a que me contara o meu algoz.

Quando já estava quase a desfalecer, olhei para cima, e vi lá no alto, na boca apertada do funil de pedra, uma estrela vermelha. Era Aldebarã. Colhi forças e voltei-me para o homem.

— Já sei o que falta na sua história. É o am... Com um salto ele estava em cima de mim a me apertar a garganta, a me tapar a boca com a mão gorda e fria. E disse-me com raiva:

— Não vê que vai deitar fogo em toda esta palha?! Mostrava os fantoches, o caixão, as coroas. Eu debati-me, lutei, feri-me na pedra de meu trono, mas afinal consegui com voz estrangulada gritar por Aldebarã:

— Amor! Amor! Amor! Caiu então a estrela do céu, e um fogo enorme, uma clara vermelhidão, iluminou a gruta. Ah! agora eu via nos rostos, nos braços, nas pernas, que voavam no ar como folhas dançando nas chamas, o que me faltava naquele sepulcro. Via a dor, a dor viva, a dor viva do amor. O vulcão entrara em atividade.

— Axel! Axel! Em pé, numa prancha oscilante, eu subia num vômito de matéria incandescente entre colunas de basalto. Onde está o meu tio? Apagaram-se as vozes claras que declinavam as pétalas das rosas. Estou só. Continuo a subir na lava da estrela. E então, juntando as forças, firmando-me na minha jangada sacudida, interroguei o céu e a terra: “Quem? Quem, se eu gritar, me ouvirá entre as hierarquias dos anjos?”. Doem-me braços e pernas, horivelmente. Abro os olhos.

Onde estou? Parece-me que estou no meu quarto, devolvido ao meu

pobre corpo; mas a impressão que tenho é que o espaço está diferente, submarino, não-euclidiano. A fresta de luz está lá, embaixo da porta, mas torcida como um ferro em brasa atirado ao canto duma forja. Não vejo a sombra de minha mãe; não lhe ouço os passos... a casa está vazia, a casa morreu. E as rosas? Procuro-as. Lá estão elas, duas brancas e uma dourada. Mas como estão diferentes! Parece que se esticam, que se oferecem... Olho então na direção do ofertório das rosas, e vejo diante de mim, enorme, enchendo toda a parede, Rouault de uma infinita majestade. Via-se a coroa torcida, os cabelos empastados, os olhos pisados, em tons sombrios com reflexos de verde-esmeralda e azul-ultramar; e no peito descoberto viam-se longos e oblíquos sulcos de vermelhão. Quanto tempo fiquei eu, com a respiração suspensa, com o pescoço esticado, procurando a luz daqueles olhos escondidos na sombra? Não sei dizer. A Figura estava imóvel, mas eu sentia uma vida intensa na sua imobilidade; e sentia calor de lareira, doce calor que me fundia os ossos, vindo de seu peito ensangüentado. Foi então que notei as mãos estendidas para mim, e que vi nas palmas abertas as duas chagas luminosas... Não!!! Meu Deus! que via eu nas duas palmas abertas?! Eram dois rubis de maravilhosa beleza: os meus rubis de Burma...

XIII

23 de fevereiro.

Quando a custo abri os olhos, antes de habituar-me à claridade do dia, a primeira coisa que me prendeu a atenção foi o rutilante azul de uma grossa forma, vagamente oval, que se movia devagar no meio do quarto. Procurando organizar as idéias, fechei os olhos um instante. Quando tornei a abri-los, lá estava o esquisito meteoro, ainda mais cerúleo e mais resplandecente, porque agora o sol batia de cheio em um de seus redondos hemisférios. Custou-me compreender. Era Jandira, de cossaco.

Havia outras pessoas no quarto, falando em voz baixa. O Dr. Aquiles, quase de costas, perto da janela, conversava com um senhor alto e magro, que balançava lentamente a cabeça devastada e grisalha. Na porta escancarada, um moço pardo, em mangas de camisa, trazia na mão uma espécie de lança ou alavanca de ferro. Parecia estar de sentinela, mas não opôs nenhuma resistência, quando a mulher escarlata entrou e veio entregar ao Dr. Aquiles uma garrafa.

— Ele acordou... Era Eunice! A mulher escarlata era Eunice, pouco mudada, quase a mesma, sempre bonita. O que teria acontecido? Como entender aquela cena extravagante em que Eunice, a Eunice eterna,

cruzava com a efêmera Jandira numa fugaz combinação de tons complementares? E o homem da alavanca? e a porta escancarada?

— Ele acordou.

— Então, como vamos? O Dr. Aquiles, debruçado sobre o meu peito, que o pijama desabotoado deixava descoberto, fez um sinal para o outro, que logo se acercou. E o Dr. Aquiles, correndo o dedo no meu peito, disse:

— Petéquias.

Olhei também. Estava salpicado de pontos escuros, como de sangue pisado. As manchas eram avermelhadas nos bordos e arroxeadas na parte central...

— Veja, são rubis, rubis verdadeiros, dizia meu pai, correndo o dedo no peito do Cristo.

Tinha três palmos de alto, um enorme resplendor de prata, e rubis encravados no corpo. Viera de seu avô. A visita admirava-se, e enquanto meu pai recolocava o Cristo na parede, a visita dizia sentenciosamente:

— Como eles trabalhavam bem! Hoje não se faz um crucifixo assim.

— Petéquias.

Os médicos se entreolharam. Eu pensava comigo que os meus rubis não eram verdadeiros; mais pareciam ametistas. Eunice debruçou-se também para ver, e a luz de seu vestido pôs no meu peito um clarão rosado, uma saúde de empréstimo. Nossos olhos se cruzaram, e todo o absurdo de nossa vida parecia concentrar-se agora na dura impossibilidade de dizer três palavras. Como poderia eu, nesses poucos minutos, compor o que em vinte anos, com paixão, com furor, vivera a destruir? Senti que me oscilava a razão entre a vigília e uma espécie de sonolência, em que as lembranças se sucediam em quadros superpostos. Raul! Raul! Eunice, diante do espelho, vestia-se para sair, e eu, imobilizado, com dores no corpo todo, via-a a preparar-se, a enfeitar-se, a despedir-se de mim... Batia a porta, descia a escada, toc, toc, toc, e perdia-se na rua, multiplicada, dispersa. E o meu pensamento se multiplicava também, dispersava-se, para correr atrás das mil silhuetas multicores, rosas vivas, sangue de minhas veias abertas que escorria pelas ruas. Eunice subia num elevador como numa gloriosa ascensão, deixando-me agarrado a um telefone morto, duro, seco, surdo, enquanto o barbeiro, com a figura de André, uma figura mortalmente triste, abanava a cabeça a me dizer que desistisse... Fechei os olhos. Senti que o clarão rosado se afastava. O

vestido de Eunice roubava-me a saúde. Quis chamar, gritar, dizer a Eunice que nós estamos perdidos...¹

Seis personagens que se (encontram); seis personagens de acaso. Só nós dois, Eunice e eu, temos uma certa (lógica). Os outros não, invadiram o palco, arrombaram a porta da Rua Ipiranga. Tornaram absurdo o meu quinto ato. Seis personagens de um drama sem pé nem cabeça: “Life is but, etc”. E agora, que devo eu fazer, que arremate compor com esses figurantes improvisados, com esses atores sem ensaio? De onde veio essa idéia tão lúcida e tão crua? Ela entrou-me na alma, de repente, com um fulgor de evidência. De onde me veio essa estranha certeza de que serei eu o segundo? Abro os olhos. A cena era quase a mesma, com os mesmos personagens. Mas onde estava o sexto? Há quanto tempo permaneciam ali, imóveis, a olhar para mim? O quarto escurecera... Deveria calar-me? Deveria falar? Um esquisito sentimento de responsabilidade me fazia pensar que eu era o chefe dessa pequena cidade de seis habitantes que se improvisara no meu quarto. Eu sou o comandante do navio. Compete salvá-los. Mas onde está o sexto? Fiz um sinal ao Dr. Aquiles e perguntei-lhe:

— E o padre? Ficou lá embaixo? O Dr. Aquiles olhou-me espantado. Explicou que efetivamente, quando soube, pelo telefonema de Jandira, que o quarto estava fechado por dentro e que eu não respondia às pancadas na porta, procurara o Frei Lucas. Mas não o encontrara. Frei Lucas está pregando um retiro de carnaval em Juiz de Fora. Trouxera então um padre de acaso, que ia passando na rua, um padre qualquer, ainda moço... Pobre Dr. Aquiles! Ainda perde tempo com essas astúcias! Mande-o subir, Dr. Aquiles, é bom que esteja aqui um padre para ouvir a comunicação que tenho a fazer, da mais alta importância.

Estão todos no quarto. Eunice, muito respeitosa, conversa com o padre. Os médicos falam do carnaval e do calor. O homem da alavanca chegou-se para me ver mais de perto, e parece impressionado. Mas onde foi Jandira? Ia eu perguntar por ela, quando ouvi um ruído tênue que me fez estremecer de terror. As xícaras! as xícaras! Era Jandira que entrava com a bandeja de café. Eunice perguntava ao padre se queria muito ou pouco açúcar.

— Pouco, pouco... Evidentemente não ficaria bem para o padre, coitado, dizer que queria muito, muito açúcar. Já o Dr. Ramos, o outro médico, não teve o mesmo acanhamento, mas disfarçou a gulodice num gracejo.

— O café para mim é pretexto para comer açúcar.

Eu também tomei um café servido por Jandira, que ainda não teve tempo de despir sua ofuscante fantasia. Fico sabendo por ela que estamos na terça-feira gorda.

— Estraguei seu carnaval, Jandira.

Tremeu a bandeja, e um zigiguezague azul correu o amplo busto do cossaco.

Falo ou não falo? Estão todos em torno da cama como filhos piedosos que esperam as últimas recomendações do velho pai moribundo. O padre, um moço alto e louro, com ar ingênuo e tardo, esboça um sorriso embaraçado. Ele podia realmente ser meu filho... isto é, podia pela idade, pela aritmética, mas não podia pela força da fisiologia. Neste outro plano, mais concreto do que o dos números, ninguém poderia ser meu filho. Eu, no entanto, sinto por esses cinco personagens uma estranha ternura de pai adotivo ou de comandante de navio que naufraga. Sim, são eles os meus primeiros e últimos discípulos, são eles os herdeiros, os depositários de uma velhice que sonhei fatigante e fecunda. Devo contentar-me com esse punhado de recrutas, com esses personagens de acaso para o epílogo de minha história. Sinto-me muito responsável. Falo ou não falo? Qual deles será o primeiro? Falei. No princípio eles não me entenderam, ou pensaram que eu estivesse a delirar. Foi preciso repisar, repetir: foi preciso que eu me explicasse com geométrica clareza. O primeiro a compreender foi o Homem-da-Alavanca.

— Todos vocês estão olhando para mim, como se eu fosse um ser à parte. Vocês são verticais, eu sou horizontal. Vocês são vivos, por um tempo indeterminado; eu tenho dez dias, não é exato, Dr. Aquiles? E é isso que estabelece entre nós uma diferença essencial. Só eu sou mortal, realmente mortal, como Sócrates ou Caio. Só eu entro na lógica que mata. Vocês não, vocês ainda estão no regime do absurdo da vida. Têm pena de mim, mas ao mesmo tempo uma grande tranqüilidade interna. Dizem assim: “ele está perdido”. Eu também em outros tempos fiz o mesmo. Entrei vertical, vivo, lépido, no quarto de um mortal classificado, e senti o mesmo desembaraço, o mesmo bom sentimento apiedado e tranqüilo. Ora, o que eu tenho a lhes dizer... Eunice, fecha a porta! Obrigado. Parece que o tempo está mudando. Dizia eu então? Ah! sim, dizia eu que nós seis, aqui neste quarto, estamos perdidos. Você não sente o chão balançar, Jandira? Ninguém sente, não? Pois nós estamos numa jangada, somos náufragos da Galera Chancelor. Padre, o senhor já leu Júlio Verne? Não? Mas então leu a história da Arca. Pois bem, o que eu quero dizer é que para nós, seis habitantes deste asteróide de seis metros de diâmetro, já começou o dilúvio... Nesse momento estourou

um trovão seco e a chuva grossa, de verão, começou a cair. Eunice mal reprimiu um grito, Jandira persignou-se. O Homem-da-Alavanca estava verde.

— Não! eu não estou sozinho na jangada, eu não sou o único naufrago, eu não sou exceção. Antes, sou a regra, a regra infalível. Todo homem é mortal, ora eu sou homem, etc. Sou a regra. Vejam bem como funciona a regra, e como as tais petéquias já pontuam a conclusão do silogismo. Fecha a janela, Jandira! O mar está grosso. Pobre, pobre jangada perdida! Agora escutem o segredo que tenho para contar. Cheguem mais perto.

Acercaram-se todos. Eunice torcia um lenço, muito nervosa. O Homem-da-Alavanca olhava para mim fascinado.

E eu então lhes expliquei a certeza que tinha, que me viera como um soco: de nós seis ali presentes eu seria o segundo a morrer.

Houve um silêncio. A idéia esbarrara na jactância dos vivos; ou então porejava devagar nos corações, sem que os rostos traíssem a emoção. Ninguém sorriu. Ninguém acreditou nem deixou de acreditar. E ninguém perguntou como é que eu sabia. A idéia estava no ar, solta, como a bola carregada de eletricidade. O padre piscou os olhos azuis; parece que ia dizer alguma coisa, mas conteve-se. O assunto prestava-se admiravelmente para uma pregação, mas o fundamento, que cheirava a superstição, tirou-lhe o gosto de falar. A situação tinha um lado explorável e um lado proibido, e o padre não sabia como sair-se dessa dificuldade.

Tornei a dizer-lhes que eu seria o segundo. Quem seria o primeiro? Expliquei-lhes então a necessidade de ensaiar essa cena de seis personagens de improviso. Expliquei-lhes que minha situação anterior, minha secular experiência de três meses, dava-me certos títulos, certo direito à chefia. Sugerí que me coroassem Imperador do Asteróide, e em troca da fidelidade jurada de meus súditos eu lhes daria lições de abismo... Quem seria o primeiro? Eu agora estava mais seguro do que nunca. Mais seguro do que todos os vivos, porque tinha um sinal.

O padre teve um movimento de impaciência ou incredulidade, e o Dr. Ramos, que afinal conseguira arranjar um sorriso mundano, ia dizer alguma coisa, quando a cena se precipitou. Ouviu-se um estrondo formidável, e logo após um grito agudo, uma queda de corpo pesado, uma estridência de metal e de vidros quebrados. A chuva entrou numa lufada até o centro do quarto, onde se via, tombado, como morto, o Homem-da-Alavanca.

— Jandira, fecha a janela! Os dois médicos ajoelhavam-se junto ao Homem-da-Alavanca. O padre também dobrou um joelho, tirando do bolso um livro. Eunice corria de um lado para outro propondo serviços inúteis e desencontrados. Não se sabe por que, oferecia ao Dr. Aquiles a garrafa de álcool. Mas o Dr. Ramos, que acabara de auscultar o homem, levantava-se com um sorriso ambíguo, que tanto era de alívio como de decepção:

— Não foi nada... um susto. Jandira, traga um copo d'água.

O Homem-da-Alavanca, confuso e trêmulo, voltava a si e bebia dois dedos d'água. O padre amparava-o com palavras de conforto.

— Padre, eu queria me confessar.

— Eu também, disse Jandira.

O padre então levantou-se e explicou que era de fora, que não tinha jurisdição para ouvir confissões regulares, que só podia atender ao doente. Em vão me esforcei por lhe explicar que no meu Asteróide não havia ninguém mais robustamente vivo do que eu; em vão tentei abalar a noção comum que ele trazia de doença e saúde. O padre desculpava-se. E sugeria que Jandira e o Homem-da-Alavanca fossem à paróquia, logo que a chuva passasse, acrescentando, sem vislumbre de humorismo, que Jandira deveria despir sua fantasia de gaúcho... De cossaco, padre.

Mas a chuva caía como uma cachoeira, e Eunice, que fora até a janela, informava:

— A água está subindo. Já não se atravessa a rua...²

Eles estão nervosíssimos. O Dr. Ramos, o cético Dr. Ramos, telefona três vezes por dia para saber notícias do Antônio, o Homem-da-Alavanca, que sumiu anteontem. Parece que foi para Minas, mas não se sabe ao certo. Os outros estão passando bem. O Dr. Aquiles ficou de voltar hoje ou amanhã.

Aproveito a madrugada. Creio que essa é a última página que escrevo. Já disse ao Dr. Aquiles que recolha depois esses apontamentos e que os entregue ao Frei Lucas. É o meu descosido testamento. Censure-o o homem de Deus; e aproveite-o quem quiser, ou quem achar alguma utilidade nestas lições. E tu, ó leitor desconhecido, se não aches nenhum valor neste meu triste legado, faz o que já te sugeri noutro ponto: junta-lhe as trinta mil estrelas invisíveis. E reza por mim.

Não consigo coordenar as idéias. Sinto-me muito diminuído; e

sobretudo muito exposto. Não posso fechar a porta, porque a fechadura ainda não foi consertada. A cada momento podem entrar. Estou morrendo numa praça pública, como um atropelado, à vista de todos. Tão diferente do que imaginara! Hoje aqui estiveram alguns alunos da Faculdade, circunspetos, cerimoniosos e despediram-se de mim desejando melhoras. Esteve também o Pedreira, controlado e hipócrita, tentando divertir-me; mas quando ele estava no topo da escada, a despedir-se de Eunice, vi a careta que fez, e que facilmente traduzi mesmo sem recorrer ao meu velho dicionário das palavras que não se dizem. Ficou de voltar. Raul parece que chega hoje com a família... Ouço vozes. Estão acordando.

— Depressa, Gertrud, passa-me o teu avental e a tua touca. Estou eu de serviço... aí vêm eles! Deito-me, e olho em volta o meu quarto arrombado, a estante arrumada às pressas, a jarra de opalina arredada e vazia...

— Ah! nem as três rosas me deixastes!

FIM

POSFÁCIO

*Abyssus abyssum invocat,
in voce cataractarum tuarum.
Salmo 41, 8*

A reedição dos escritos de Gustavo Corção pela Vide Editorial deve ser comemorada como um dos mais importantes acontecimentos literários dos últimos anos no Brasil. Corção é um dos nossos grandes prosadores. Seus escritos aliam um vasto e vário conhecimento a uma reflexão atenta e profunda, vazados numa linguagem poética e rigorosa, lúcida e cristalina, que os tornam acessíveis a todo leitor de boa vontade. Essa capacidade de aproximar-se generosamente do leitor, de conduzi-lo com amor e cuidado através das sendas e dos abismos do próprio pensamento, vem com certeza da vocação de professor, descoberta e exercida já na sua meninice, quando lecionou na escola criada por sua mãe, o Collegio Corção, redescoberta e retomada já na meia-idade, quando converteu-se e passou a professar a Verdade altíssima que encontrara, o próprio Verbo de Deus.

Começa a escrever sua obra homem feito e maduro. Depois de sua conversão aos quarenta e um anos, em 1937, dedicou-se, com o ardor

intelectual que o caracterizava, tanto ao estudo da doutrina e dos Santos Padres da Igreja quanto à leitura dos grandes escritores católicos, dos ensaístas e dos ficcionistas. Em 1944 publica seu primeiro livro, *A descoberta do outro*, em que relata, conforme suas próprias palavras, “a história dos episódios descosidos que me levaram às portas do Reino”,³ aliando a narrativa autobiográfica a profundas meditações sobre a condição humana neste mundo e particularmente no atormentado mundo que gemia sob os horrores da IIª Guerra Mundial. São as suas “Confissões”, e nele já encontramos o estilo e a voz inconfundível que se desdobrará em ensaios filosóficos e literários, em crônicas combativas e memorialistas, e nestas Lições de abismo, sua única obra ficcional.

Seus livros são testemunhos. Fala sempre em primeira pessoa sem jamais debruçar-se narcisicamente sobre si mesmo. Nunca se perde em abstrações vazias nem em devaneios subjetivos. Fala do que vê, sente e vive, da maneira como vê, sente e vive. Neles conhecemos o homem que os escreveu, suas idéias, crenças, opiniões, e também o tempo e o meio em que viveu, os acontecimentos que determinaram a história do mundo, da Igreja e do Brasil enquanto ele esteve andando por este vale de lágrimas.

Lições de abismo foi publicado em 1950. Teve enorme repercussão, tanto entre o público leitor quanto entre os intelectuais e artistas. Ainda na década de cinquenta, teve mais cinco reedições, e mereceu uma edição especial em 1962, com ilustrações do desenhista e gravador Oswaldo Goeldi. Foi traduzido em inglês, italiano, holandês, polonês, alemão e francês, e premiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura — UNES- CO em 1954.

Com ele, Corção assume definitivamente o ofício de escritor e é acolhido e muito bem recebido no meio literário brasileiro. Os maiores escritores do país fizeram questão de manifestar sua admiração por sua obra. Destaco aqui o entusiasmado elogio que lhe fez Oswald de Andrade em sua coluna *Telefonema*, no *Correio da Manhã*, que termina louvando as “virtudes intelectuais que o fazem, sem dúvida, o nosso maior romancista vivo. Nas *Lições de abismo* como também n’*A descoberta do outro* não vejo concessões. O que vejo é uma extraordinária e lúcida natureza de criador, de restituidor, pois que arte é restituição. Depois de Machado de Assis aparece agora um mestre do romance brasileiro”. E também o que disse Manuel Bandeira mais tarde, em 1965: “Você escreveu em *O desconcerto do mundo* um dos livros mais belos e mais fortes de nossas letras. Ele precisa ser traduzido para todas as línguas, a fim de mostrar lá fora que nós também somos dignos do Prêmio Nobel”.

Lições de abismo é também escrito na primeira pessoa. José Maria, um professor de filosofia (sempre o professor), ao descobrir que está gravemente enfermo e que só lhe restam poucos meses de vida, recolhe-se em seu quarto para meditar sobre sua própria vida, sobre o sentido da existência humana, e portanto da sua própria existência. A fim de realizar esse urgente diálogo íntimo, consigo mesmo e com o Outro cuja presença paulatinamente descobrirá, começa a escrever um diário, materializando assim seus pensamentos e suas descobertas, e registrando os incidentes que ocorrem ao longo desse período final de sua vida.

O romance é uma espécie de versão ficcional de A descoberta do outro. A voz de José Maria tem quase o mesmo tom da que escutamos no resto da obra de Corção, matizada pela história e pela situação fictícias em que o narrador se encontra. A personagem possui uma vasta cultura filosófica e literária, e suas meditações estão cheias de alusões e citações de vários dos maiores artistas e filósofos da civilização cristã. Até a chegada da Indesejada das gentes, José vinha levando a vida ao sabor das circunstâncias, cumprindo seus deveres com a devida regularidade, ferido na alma por uma história de amor malsucedida, sem conseguir livrar-se do apego a esse passado de esperanças, prazeres e frustrações sentimentais. No fundo de sua alma, como ele afirma, procurava desesperadamente o sentido de sua existência, mas sua identidade mais superficial acabava sempre prevalecendo e transmutando esse anseio num exercício de erudição e numa busca puramente horizontal e humana desse sentido.

Em seu diário, acompanhamos a lenta descoberta de que a cosmovisão do Ocidente moderno, introjetada em sua alma pela escola, pela ciência e principalmente pelas imagens e símbolos do ambiente cultural, tinha-lhe encarcerado em um materialismo chão, em um universo em que nenhum acontecimento interior ou exterior toca as zonas mais profundas da consciência. José Maria encontra a dimensão sagrada da vida humana, o eixo vertical da cruz, e em seus últimos dias de vida nesta terra dá seus primeiros passos no caminho que leva à verdade e à vida eterna. Pressentimos no final do romance que ele não voltará atrás, que o sincero e despojado esforço que fez nesses três meses encontrou uma resposta, e chegamos a entrever as portas dos céus abrindo-se para recebê-lo no banquete do Cordeiro.

Para além de sua perfeição formal, este é um dos poucos romances brasileiros que tem um alcance verdadeiramente metafísico. Através da situação dramática estabelecida e desenvolvida ao longo de suas páginas, das diversas ascensões e das subseqüentes descidas às profundezas da alma e às realidades mais terrenas, Corção convida-nos e incita-nos a realizarmos em nossa própria alma esses mesmos exercícios,

compensando nosso excessivo apego à dimensão horizontal da vida, encontrando nas coisas e acontecimentos terrenos, e especialmente nos homens, nossos irmãos, as marcas do Verbo Divino e os degraus da escadaria pela qual podemos subir ao Seu encontro.

* * *

Peço-te licença, leitor, para modular o tom deste escrito e falar um pouco da transposição que fiz de Lições de abismo para o teatro, espetáculo que estreou em 2001 e que continuo apresentando até hoje. Mas antes de tudo quero registrar minha profunda gratidão por Dona Hebe Corção, que não só autorizou essa montagem (numa carta que ainda guardo com todo carinho) como deu-me a imensa alegria de assistir ao espetáculo, na sala 3 do Teatro Villa Lobos, no Rio de Janeiro, em setembro de 2001, acompanhada de suas filhas Maria Luisa e Maria Teresa, às quais estendo também minha gratidão. Em Três alqueires e uma vaca, diz Corção que “quando acontece que um livro traga a força de uma resposta, uma profunda reorganização se opera em nossa vida [...], dá corpo às sombras que eu pressentia, e responde a coisas que eu nem sabia perguntar. E produz em mim um forte abalo com o mais estranho dos efeitos; faz-me ser o que sou. Devolve-me a mim mesmo. E a primeira frase que ocorre é esta: ‘O livro que eu queria ter escrito’. Mas a frase mais exata, mais aberta, mais generosa e mais grata é esta: ‘O livro que foi escrito para mim’”.⁴ Sei que muitos leitores receberam Lições de abismo dessa maneira, mas no meu caso, quando o li em 1997, além desse sentimento de receber uma carta de um amigo, esse livro era também a resposta para um problema em que estava envolvido há seis anos: a criação de um espetáculo solo, como ator. Vinha trabalhando numa adaptação de Memórias do subsolo, de Dostoiévski, e nos vários períodos de ensaio em que abordei-a não conseguia encontrar uma concepção para encená-la. O projeto estava paralisado.

O primeiro esboço da adaptação de Lições de abismo data de agosto de 1998. Ainda não havia uma idéia para o espetáculo, apenas uma série de trechos escolhidos tendo como critério o fato fundamental do romance, o espanto diante da iminência da própria morte e as meditações sobre o tema, além de alguns trechos em que José Maria fala de arte e teatro. O próximo passo era encontrar uma concepção que, transmitindo esse núcleo do romance, permitisse sua encenação. Em outras palavras, além de oferecer ao espectador uma espécie de síntese do romance, preservando tanto quanto possível a integridade dos textos selecionados, era preciso encontrar uma situação dramática que enquadrasse as reflexões e narrativas de José Maria. A pista tinha que estar no próprio romance, e depois de algum tempo de trabalho ela se revelou. O professor José Maria, que ao descobrir sua doença recolhe-se em seu

quarto e põe-se a escrever, buscando assim tomar posse de sua própria vida e preparar-se para a morte, transfigura-se no ator José Maria que, na mesmíssima situação, monta uma peça em que narra seu drama e compartilha com os espectadores suas reflexões, dúvidas, angústias, expondo-as (e expondo-se) diante deles. O que se deveria ver no palco não era a representação de uma obra literária, mas a apresentação de uma situação real, concreta e atual.

Era preciso, porém, criar uma tal relação com o público que este se envolvesse profundamente com a personagem, acreditando que estava realmente diante de um homem às portas da morte, não se esquecendo, porém, de que estava diante de um ator que representa poeticamente essa situação. Era preciso criar uma encenação em que o público oscilasse constantemente entre estar assistindo a uma obra de ficção e estar assistindo a um testemunho real. A construção do espetáculo leva assim o espectador a, numa moldura geral de empatia artística, em vários momentos confundir-se, ora pensando: “É o Mallet que está para morrer”, ora pensando: “Não, é a personagem...”. A eficácia do espetáculo depende dessa oscilação, pois se alguém fixar-se no primeiro pensamento, terá sentimentos de dó e compaixão de mim mesmo, da minha pessoa concreta, e a dimensão universal da situação lhe escapará; se fixar-se no segundo pensamento, perderá o sentimento pungente da própria morte que só o confronto com um moribundo nos dá.

Para alcançar essa oscilação na alma do espectador, a personagem criada não poderia ter traços físicos muito acentuados, que marcassem sua construção ficcional e a distanciassem de mim; os elementos da construção tinham que ser poucos e sutis: um leve claudicar da perna direita, a coluna vertebral um pouco curvada, alguns gestos recorrentes... A partitura das ações da personagem deveria ser o foco da construção; era preciso criar uma seqüência rica e integrada de ações, que essas ações aparentassem uma cotidiana naturalidade e que a maioria delas tivesse ao mesmo tempo uma densa carga simbólica, de forma que o espectador mais atento percebesse o caráter artificial da obra sem, entretanto, perder a sensação de estar diante de um homem real vivendo uma situação real.

O que é particularmente eficaz e pungente nessa adaptação é que a personagem José Maria ergue-se do papel e entra em cena na concretude de um homem vivo (logo, mortal), como que oferecendo-se simbolicamente em holocausto para que homens vivos (logo, mortais), postos perante a realidade da própria morte, entrem em contato com o que há de mais profundo em si mesmos, revendo e reavaliando sua vida à luz das reflexões e imagens postas por Corção na pena de sua personagem.

Sempre aconselho a meus alunos: “Ao entrar em cena, pense que este é o seu último espetáculo, e faça-o de todo coração, com toda a generosidade, como se fosse o seu testamento, seu canto do cisne”. Lições de abismo permite-me levar esse conselho ainda mais longe. Além de lembrar que este pode ser o último espetáculo para cada um dos presentes, procuro estar sempre consciente de que toda ação realizada em cena é feita também diante dos anjos, de toda a corte celeste e do próprio Deus.

Creio que esses apontamentos bastam para dar uma idéia da riqueza temática e poética que este romance contém e de como ele já continha em germe a dramaturgia de uma adaptação teatral. E também de como ele me permitiu sintetizar os temas centrais do meu trabalho artístico nesse espetáculo que considero o melhor e o mais significativo da minha vida. Posso verdadeiramente dizer: “Este livro foi escrito para mim”.

Gustavo Corção tornou-se com os anos como um irmão mais velho e um amigo meu. Conheço bem sua obra publicada e tenho até algumas aulas suas registradas em áudio. Serei-lhe eternamente grato por ter escrito Lições de abismo, e com a Graça de Deus espero poder um dia agradecer-lhe pessoalmente e gozar da sua eterna amizade.

Roberto Mallet

NOTAS DE RODAPÉ

¹ O manuscrito torna-se aqui quase ilegível.² Novamente ilegível. Duas páginas e meia completamente inaproveitáveis.³ Gustavo Corção, *Conversa em sol menor: memórias recolhidas*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018, pp. 180–181.⁴ Gustavo Corção, *Três alqueires e uma vaca*. Rio de Janeiro: Agir, 1946, pp. 26–27.